

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura - Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho (Licenciada)

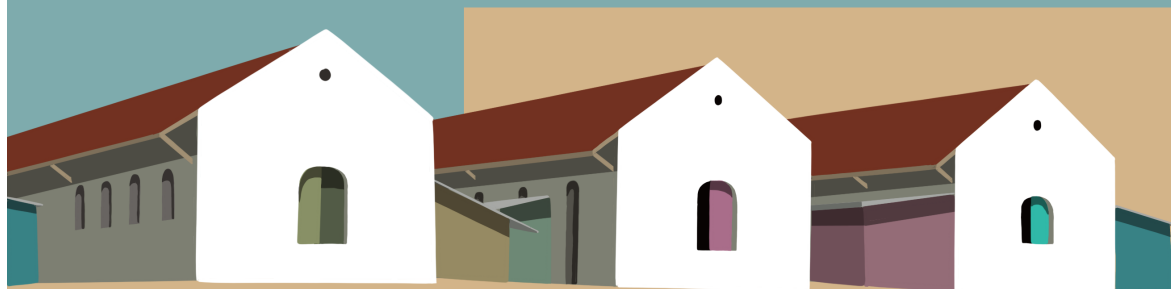
Orientação Científica:

Professora Doutora Joana Malheiro

Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

Proposta:

Lisboa, FA ULisboa, Janeiro,
2020



A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professora Doutora Joana Malheiro

Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

Proposta

Lisboa, FA ULisboa, Janeiro, 2020

Título: A Roça Sundry: Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Discente: Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Orientador: Professora Doutora Joana Malheiro

Co-Orientador: Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

PALAVRAS-CHAVE: São Tomé e Príncipe |
Ecoturismo | Desenho Urbano | Património
| Roça

RESUMO

O arquipélago de São Tomé e Príncipe é um território de contrastes, com uma sociedade de escassos recursos económicos, onde coabitam paisagens deslumbrantes. A mesma realidade encontra-se presentes nas roças, uma vez que estas são um elemento estruturante do país.

Com base na análise e interpretação do território das roças, assim como na história das mesmas e de todo o arquipélago, o presente trabalho abraça o desafio de intervir na Roça Sundry, na Ilha do Príncipe.

Esta roça, não só é uma das maiores roças da Ilha do Príncipe, como é também um território cheio de história e cultura. Atualmente a Roça Sundry encontra-se já em processo de reabilitação por parte do proprietário, estando já algumas obras concluídas, como é exemplo o hotel.

Tendo este território como ponto de partida, o redesenho e intervenção na Roça Sundry teve como principais objetivos tirar partido da unidade hoteleira já existente e adaptar as realidades agrícolas, sociais e turísticas ao novo modo de habitar as roças.

Title: A Roça Sundry: Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Student: Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Main Advisor: Professora Doutora Joana Malheiro

Co-Advisor: Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

KEYWORDS: São Tomé e Príncipe |
Ecoturism | Urban Design | Heritage | Roça

ABSTRACT

The archipelago of São Tomé e Príncipe is a territory of contrasts, within a society of scarce economic resources, where dazzling landscapes coexist. The same reality is present in the *roças*, as these are a structural element of the country.

Based on the analysis and interpretation of the territory of the *roças*, as well as their history and the history of the entire archipelago, the present work embraces the challenge of intervening in Roça Sundry, on Príncipe Island.

This *roça* is not only one of the largest *roças* on Príncipe Island, but is also a territory full of history and culture. Currently, Roça Sundry is already in the process of being restored by the landowner, with some works already completed, such as the hotel.

With this territory as a starting point, the redesign and intervention in Roça Sundry had as its main objectives to make use of the existing hotel unit and adapt the agricultural, social and tourist realities to the new way of inhabiting the *roças*.

AGRADECIMENTOS

Na conclusão deste Projecto Final de Mestrado tenho a agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram a superar esta etapa.

Com maior destaque agradeço à minha família, por serem sempre os meus maiores apoiantes.

Agradeço aos meus orientadores pela disponibilidade, pela partilha de conhecimentos e por demonstrarem confiança no meu trabalho.

E agradeço por último aos meus amigos e colegas por tornarem a passagem pela faculdade numa experiência única.

ÍNDICE

Introdução	001
01 O Território: São Tomé e Príncipe	017
1.1 Contexto Físico	017
1.2 Contexto Histórico	021
1.3 Contexto Humano	025
02 O Lugar: A Roça Sundy	031
2.1 O termo Roça e o processo de assentamento	031
2.2 Programa e Tipologias	037
2.3 Roça Sundy: História e Levantamento	041

03 O Projeto: uma escola, um espaço, um lugar	051
3.1 O Tema 051	
3.1.1 Turismo e Arquitetura em São Tomé e Príncipe	051
3.1.2 Ensino em São Tomé e Príncipe	059
3.1.3 Pressupostos de Intervenção	065
3.2 Escala Urbana	069
3.2.1 Programa	069
3.2.2 Elementos estruturantes	073
3.2.3 Desenho urbano	077
3.3 Escala do Edifício	083
3.3.1 Edifícios reabilitados	083
3.3.2 Edifícios propostos	091
3.3.3 Escola da Sundy	097
 04 Considerações Finais	 105
 Bibliografia	 108
Anexos	112

ÍNDICE DE FIGURAS

- Fig.1.** Rio Papagaio, Santo António, Ilha do Príncipe | Fonte: Joana Malheiro 009
- Fig.2.** Santo António, Ilha do Príncipe | Fonte: Joana Malheiro 009
- Fig.3.** Roça Boa Entrada, Ilha de São Tomé | Fonte: Joana Malheiro 010
- Fig.4.** Roça Água Izé, Ilha de São Tomé | Fonte: Joana Malheiro 010
- Fig.5.** Baía de São Tomé (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 019
- Fig.6.** Igreja Nossa Senhora do Rosário, Santo António, Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de José Martins 019
- Fig.7.** Carta da Ilha do Príncipe com a divisão da principais explorações agrícolas de 1909| Fonte: http://atlas.saotomeprincipe.eu/4_atlasstp_geoeconomica.htm 020
- Fig.8.** Rua em Santo António, Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 024
- Fig.9.** Crianças a pescar, Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de José Martins 024
- Fig.10.** Rio Papagaio, Santo António, Ilha do Príncipe | Fonte: Joana Malheiro 027
- Fig.12.** Roça Agostinho Neto, Ilha de São Tomé | Fonte: Joana Malheiro 033
- Fig.11.** Roça Agostinho Neto, Ilha de São Tomé | Fonte: Joana Malheiro 033
- Fig.13.** Principais roças da Ilha do Príncipe | Fonte: Esquema da autora 034
- Fig.14.** Planta original da Roça Sundy| Fonte: Esquema da autora 036
- Fig.15.** Antiga fotografia da Casa Principal da Roça Sundy (s.d.)| Fonte: www.paralelozero.pt/arch/

casa-da-administracao-roca-sundy/ 040

Fig.16. Fotografia do Terreiro da Roça Sundy (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 040

Fig.17. Fotografia das sanzalas da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 043

Fig.18. Fotografia das sanzalas da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 043

Fig.19. Fotografia da casa principal reabilitada da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 044

Fig.20. Fotografia das sanzalas e do terreiro da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 044

Fig.21. Fotografia da Casa Principal da Roça Sundy, pós reabilitação (2014)| Fonte: www.paralelozero.pt/arch/casa-da-administracao-roca-sundy/ 047

Fig.22. Planta do Projeto de Reabilitação da Casa Principal da Roça Sundy| Fonte: www.paralelozero.pt/arch/casa-da-administracao-roca-sundy/ 047

Fig.23. Roça São João dos Angolares (s.d.)| Fonte: <https://www.discoversaotomeeprincipe.com/hotel/roca-s-joao-eco-tourism/> 054

Fig.24. Roça São João dos Angolares (s.d.)| Fonte: <https://www.discoversaotomeeprincipe.com/hotel/roca-s-joao-eco-tourism/> 054

Fig.25. Fotografia de crianças a brincar depois de saírem da escola (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de José Martins 058

Fig.26. Fotografia do Edifício Escolar da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 058

Fig.27. Fotografia do Edifício Escolar da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 061

Fig.28. Escola Missionária, Santo António, Ilha do Príncipe | Fonte: Joana Malheiro 061

Fig.29. Habitações do tecido informal da cidade de Santo António na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 064

Fig.30. Falta de condições de habitabilidade na baía de Santo António na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de José Martins 064

Fig.31. Interior do Hotel Sundry na Ilha do Príncipe (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 068

Fig.32. Edifício do antigo hospital da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 068

Fig.33. Edifício das antigas cavalariças da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 072

Fig.34. Entrada da capela da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 072

Fig.35. Desenho da nova proposta urbana (Desenho provisório)| Fonte: Esquema da autora 076

Fig.36. Axonometria do desenho urbano existente na Roça Sundry| Fonte: Esquemas da autora 079

Fig.37. Axonometria do desenho urbano proposto na Roça Sundry| Fonte: Esquemas da autora 079

Fig.38. Axonometria dos eixos predominantes do desenho urbano proposto na Roça Sundry| Fonte: Esquemas da autora 079

Fig.39. Axonometria das influências climáticas no desenho urbano proposto na Roça Sundry| Fonte: Esquemas da autora 079

Fig.40. Exterior das sanzalas da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 082

Fig.41. Exterior das sanzalas da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 082

Fig.42. Fotografia de um dos secadores da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 085

Fig.43. Fotografia das cozinhas comunitárias da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 085

Fig.44. Desenhos da proposta de reabilitação das sanzalas| Fonte: Esquemas da autora 088

Fig.45. Fotografia de habitações de tecido informal em madeira, da Roça Sundry (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre 090

Fig.46. Fotografia da creche da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de José Martins 090

Fig.47.Desenhos das habitações novas propostas (Desenho provisório)| Fonte: Esquemas da autora 093

Fig.48.Esquiço do edifício escolar proposto| Fonte: Esquemas da autora 094

Fig.49.Esquema conceptual do edifício escolar proposto| Fonte: Esquemas da autora 096

Fig.50.Esquiço do edifício escolar proposto| Fonte: Esquemas da autora 096

Fig.51.Desenhos do edifício escolar proposto| Fonte: Esquemas da autora 099

Fig.52.Corte perspectivado do edifício escolar proposto| Fonte: Esquemas da autora 102

Fig.53.Esquema dos sistema construtivo das coberturas do edifício escolar proposto| Fonte: Esquemas da autora 102



INTRODUÇÃO

As motivações que estão na base para a escolha deste tema e área de intervenção surgiram com a inquietação e total desacordo com a atual estratégia de reabilitação da Roça Sundry na Ilha do Príncipe, em São Tomé e Príncipe. Tendo visitado o país e a roça em análise, as potencialidades da Roça Sundry, bem como de todo o arquipélago de São Tomé e Príncipe, tornaram-se muito mais presentes, o que reforçou o meu desacordo relativamente à forma como estava a ser pensada a reabilitação desta área.

Tal como a maioria das estruturas agrárias, também a Roça Sundry, localizada no norte da Ilha do Príncipe, foi abandonada pelos portugueses após a descolonização. No entanto, a comunidade de residentes “filhos da terra” que habitava a roça permaneceu e com o passar do tempo os residentes construíram informalmente pequenos anexos e habitações de madeira e ocuparam antigos edifícios aos quais não tinha acesso na época colonial.

Esta era a realidade em que se encontrava a Roça Sundry no momento em que foi dada à concessão a empresa HBD⁰¹. Com

a possibilidade de investimento e de intervenção nesta estrutura agrária, e consequentemente na comunidade, a HBD optou, numa fase inicial, por reabilitar apenas dois edifícios, anteriormente habitados pelos senhores da roça, convertendo-os em espaços de hotel de luxo. Todo o restante edificado, incluindo as habitações precárias da população residente não tiveram direito a qualquer intervenção. Mais recentemente iniciaram-se as obras de uma nova urbanização à qual chamaram "A Terra Prometida" que será o novo lar da maioria dos residentes da Roça Sundy. Após muitas negociações com a comunidade, os residentes da Sundy cederam e irão deixar as suas casas e o seu espaço, para irem viver a 4km do território que sempre deram como seu e que cuidaram desde a saída dos portugueses até ao surgimento da HBD. O intuito desse realojamento é converter toda a estrutura da roça num empreendimento turístico. Esta é a estratégia de intervenção que será questionada no desenvolver deste documento, apresentando como alternativa uma estratégia desenvolvida dentro da disciplina de arquitetura que visa uma maior respeito pela comunidade, pela cultura e pelo património.

O desafio projetual ao trabalhar numa roça, reside na interpretação do desenho e da vivência preexistente, onde as palavras de ordem são: comunidade, património, memória e sustentabilidade.

A situação atual da Roça Sundy, a sua dimensão e importância na Ilha do Príncipe (sendo a segunda maior roça desta ilha), a qualidade do desenho urbano e a potencialidade arquitectónica preexistente são características que penderam na escolha da desta roça como objeto de estudo.

Uma vez que trabalhar o território de uma roça implica ler e interpretar preexistências e adaptá-las ao modo de habitar



contemporâneo, o estudo desenvolvido e concretizado neste documento tem como suporte a história urbana das ex-colónias africanas. E é com apoio na história que se definiram objetivos de intervenção e se relacionaram conceitos indispensáveis à sustentabilidade de uma estrutura agrária moderna:

- > Tirar partido da unidade hoteleira já existente e reconhecê-la como a maior fonte económica da roça;
- > Ter como base as novas realidades agrícolas, sociais e turísticas na construção de um novo programa para a Roça Sundy;
- > Manter uma relação de unidade entre o edificado existente e o edificado proposto;
- > Reabilitar as sanzalas e desenhar habitações novas, tendo como base e adaptando as vivências locais de modo a permitir a permanência da população
- > Desenho de um novo edifício escolar com capacidade de lecionar o ensino básico e que possa também albergar outros usos sociais e comunitários.

A primeira abordagem ao desenvolvimento deste trabalho é teórico-reflexiva estabelecendo o quadro teórico e conceptual do trabalho através do estudo dos diferentes conceitos e da relação entre eles pela consulta e análise de livros e documentos, assim como de projetos de referência. Seguindo para um tratamento mais analítico, foi realizada a recolha e análise de dados estatísticos, cartografia histórica e projetos de referência, programas e planos. A abordagem histórica é necessária ao processo de análise do local de intervenção, uma vez que é fundamental compreender como surgiram estas estruturas - as roças - e o que levou ao abandono das mesmas, assim como o que pode ter marcado socialmente as comunidades das roças santomenses. Tentou-se

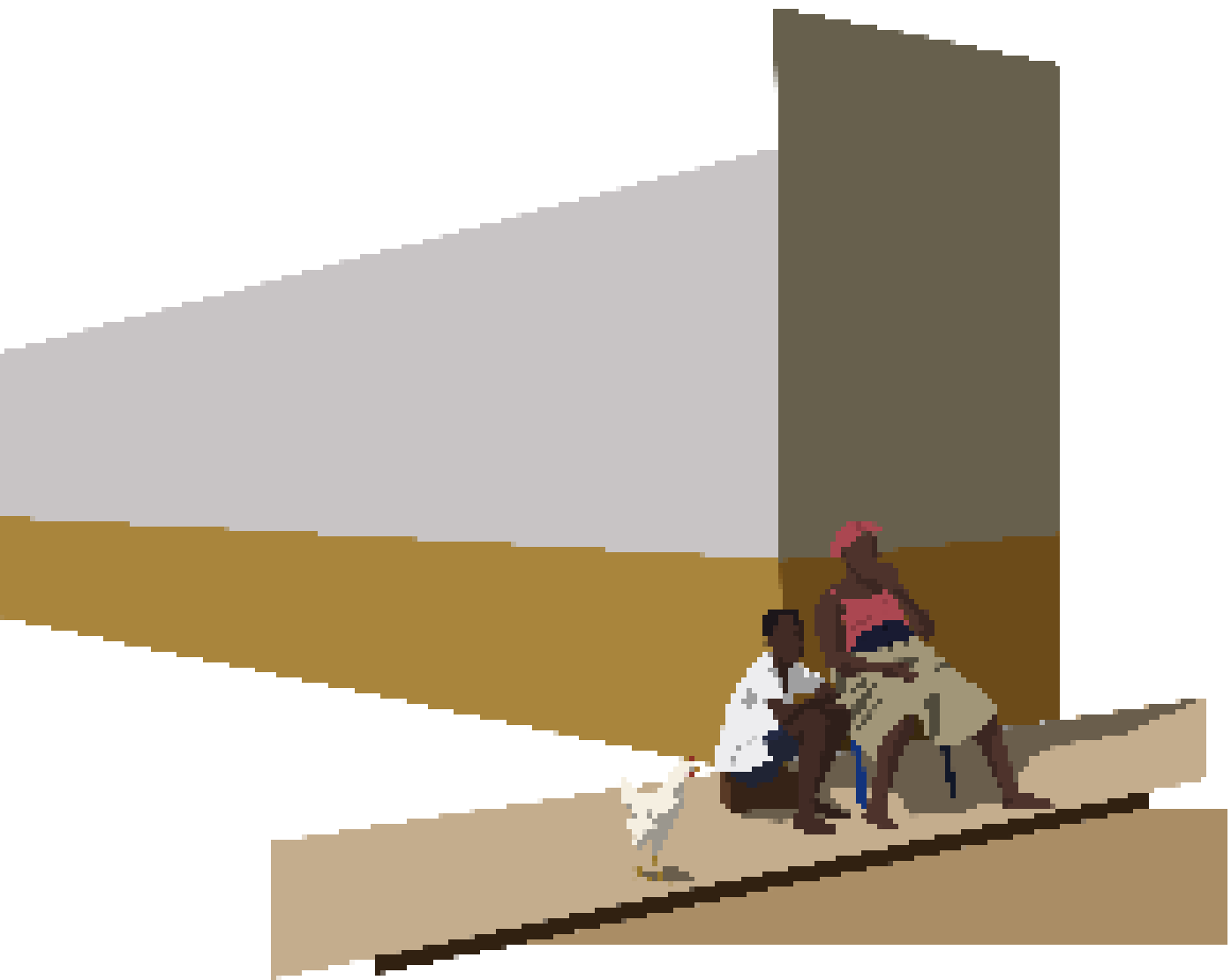
perceber as principais potencialidades e problemas do local a intervir através de uma análise SWOT. Esta fase passou ainda pela observação *in loco*, juntamente com conversas e reuniões com a equipe responsável pelo atual plano de urbanização da “Terra Prometida” e com a população residente. Através desta abordagem pretendeu-se analisar o território nas suas vertentes sociais e culturais, de forma a contextualizar o tema lançado há realidade do território escolhido. Servindo assim de fundamento à proposta de projeto, que resultara no desenvolvimento de uma proposta urbana seguida de um projeto arquitectónico.

O presente estudo encontra-se estruturado em três capítulos:

“O Território: São Tomé e Príncipe”: apresenta-se como um capítulo que contextualiza geograficamente, historicamente e socialmente o Arquipélago de São Tomé e Príncipe.

“O lugar: A Roça Sundry”: é a primeira aproximação à área de intervenção. Neste capítulo encontrar-se-á uma explicação sobre o surgimento das roças, de quais as tipologias possíveis destas estruturas e o programa inerente e ainda uma leitura programática, morfológica e histórica da Roça Sundry.

“O Projeto”: o último capítulo, onde se apresenta materializada a proposta que teve por base o estudo anteriormente descrito.



ESTADO DA ARTE

No presente trabalho procura-se abordar temas como a história e o território das Ilhas de São Tomé e Príncipe. Pretende-se, ainda, compreender o que originou a cultura e os costumes santomenses, e de que forma ainda hoje se mantêm presentes. "São Tomé e Príncipe convive diariamente com esta herança, como se da realidade se tratasse. Um país quase parado há mais de trinta anos, em que o abandono, a desilusão e o esquecimento são sentimentos reais de um povo que vive "preso" a duas pequenas ilhas no equador africano." (Andrade, 2008: 4). Com a chegada das antigas empresas agrícolas de alta produção, entre meados do séc.XIX e início do séc.XX, São Tomé e Príncipe tornou-se o maior exportador de cacau do mundo e ganhou o seu lugar no mapa. Tal fenómeno trouxe um poder económico indiscutível e um desenvolvimento rápido ao arquipélago, contudo o recurso à contratação de mão-de-obra escrava espelha a face mais negativa desse desenvolvimento. Assim sendo, torna-se necessário aferir de que modo a história de São Tomé e Príncipe e o seu passado de escravatura formam, ou não, a identidade deste território e de que modo essa herança pode contribuir para um desenvolvimento mais humano. De seguida procura-se compreender a dimensão do

património construído e como este se relaciona com a estrutura biológica, do arquipélago em geral, e em específico da ilha do Príncipe. Através deste projeto pretende-se que seja possível estabelecer uma relação entre a arquitetura/construção e a natureza, sem que uma se anule à outra e de modo a que, sendo trabalhadas em conjunto, consigam transformar um território e potencializa-lo, sem nunca perder a sua identidade.

O presente estudo debruça-se sobre o redesenho e a requalificação da Roça Sundy. Assim sendo, e para devolver o carácter de auto-suficiência que tanto caracterizava estas estruturas agrárias, a roça será trabalhada de forma holística, jogando com a relação entre programas complementares. “ A implementação das roças obedeceu a um programa composto por elementos habitacionais(...), agroindustriais (...)e assistenciais(...)”(Guedes, s.d:16-17) .

São Tomé e Príncipe é um país em que os contrastes são muito perceptíveis. Ao mesmo tempo que se encontra paisagens deslumbrantes, encontra-se também quantidades enormes de lixo depositado sobre o areal de praias paradisíacas. Se por um lado as gentes destas ilhas tendem a ser muito protetoras do seu espaço e da sua cultura, fazendo questão de se distanciarem de quaisquer influências estrangeiras, por outro também essas pessoas procuram atenção por parte de indivíduos que ainda hoje consideram ser mais poderosos do que elas - os brancos.

Fig.1. Rio Papagaio, Santo António, Ilha do Príncipe | Fonte: Joana Malheiro



Fig.2. Santo António, Ilha do Príncipe | Fonte: Joana Malheiro





Fig.3. Roça Boa Entrada, Ilha de São Tomé | Fonte: Joana Malheiro



Fig.4. Roça Água Izé, Ilha de São Tomé | Fonte: Joana Malheiro

“São Tomé e Príncipe, onde o deslumbre e a decadência se tocam, a abundância e a poderia convivem, o pacifismo das gentes é oásis e o desencanto transborda o perímetro das ilhas.

Uma terra à espera, onde nada chega, onde nada parte. Histórias de um sebastianismo exportado para a latitude zero. Nos 30 anos da independência de um dos países mais dependentes do mundo.” (Carvalho, 2006:218).

Denota-se então que, hoje em dia, nas roças tal como em todo o país, esses contrastes continuam muito presentes. As roças espelham a realidade vivida em todo o arquipélago, e são territórios feridos por consequentes anos de abandono e de culturas dismanteladas, mas que no entanto, carregam ainda hoje uma certa altivez que nos relembra os tempos de glória. Assim sendo, torna-se impossível refletir sobre a paisagem de São Tomé e Príncipe sem fazer algum tipo de referência às roças.

“As roças são o elemento estruturante de cada distrito.” (Vicente, 2016: 90). Devido à dificuldade de acesso às propriedades em questão, as roças foram concebidas com o intuito de funcionarem como microcidades, estruturas auto-suficientes. Ou seja, continham em si uma pequena percentagem de urbanidade, que por mais pequena que esta fosse, acabava sempre por se traduzir no desenho urbano e na alteração da paisagem.

Podemos então aferir que, ligando a ideia de roça ao

conceito de estrutura semiurbana, está na altura de assumir que as populações fixas nas roças funcionavam como pequenas aldeias. Relacionando ainda a ideia de memória a estruturas urbanas como a cidade ou a aldeia, podemos dizer que: “a cidade desempenhou o papel memorial de monumento: objeto paradoxalmente não elevado a esse fim, e que, como todas as aldeias antigas e todos os estabelecimentos colectivos tradicionais do mundo, possuía, em grau mais ou menos restrito, o duplo e maravilhoso poder de enraizar os seus habitantes no espaço e no tempo.” (Choay, 2001:181).

Trabalhar e projetar com a memória surge como uma tentativa de não retirar o sentido à roça. Pegando nas ideias descritas por Francois Choay: as aldeias têm um papel memorial de monumento. A autora refere também que “A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória.” (Choay, 2001:18). Ou seja, a figura monumento atua sobre a memória mobilizando a afetividade de modo a que o passado lembrado possa ser sentido como presente, passado essa que é tão vital quanto a identidade de uma comunidade e cultura, daí a necessidade de ser preservado.

“O monumento assegura, acalma, tranquiliza, conjurando o ser do tempo. Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos.”
(Choay, 2001:18).

Retomando o tema roças como microcidades - a autonomia/ auto-suficiência. As roças eram normalmente distinguidas entre roça sede ou roça dependência, e tal como os nomes indicam, as roças sede eram as mais autónomas, as maiores, e era também onde se encontrava uma variedade de serviços mais extensa. Enquanto que as roças dependência funcionavam como satélites das roças sede, podendo ser complementos à cultura de café ou cacau, pontos de escoamento de mercadoria ou ainda zonas residenciais para os trabalhadores. Muitas vezes, as pessoas que habitavam as roças dependência deslocavam-se até à sua roça sede para poderem receber assistência médica ou para poderem frequentar a escola.

Dado o seu carácter autónomo, as roças cumpriam um programa composto por edifícios habitacionais, agroindustriais, assistenciais (escolas e hospitais), espaços de apoio alimentar, de manutenção e de transformação (fábricas).

Neste trabalho, apesar da intervenção ter como objetivo o tratamento da roça Sundry como um conjunto de elementos edificados indissociáveis e que entre eles formam uma estrutura autónoma, o equipamento a ser pensado mais detalhadamente será uma escola básica. A escolha deste equipamento passa por ser um elemento essencial para a população e atualmente em falta. Ou seja, sendo este edifício uma escola básica, o público alvo serão sem dúvida as crianças. Crianças estas que irão ser a próxima geração de santomenses e que têm a sua própria forma simples e talvez até mais instintiva de experimentar o espaço.

São Tomé e Príncipe é um país em desenvolvimento em que, tal como todos os países que se apresentam nesta mesma categoria, o setor da educação espelha as fracas condições políticas

e económicas em que o território se encontra. “Os indicadores oficiais, respeitantes a 1991, apontam para a existência de 22819 indivíduos, com mais de 6 anos, que não sabem ler e escrever, ou seja 25,1% do total de homens e mulheres, sendo nas áreas rurais do interior de São Tomé e do Príncipe que se registam os números mais elevados de analfabetismo.” (Romana, 1996: 100).

Durante o projeto do equipamento escolar foi necessário ter conhecimento das principais problemáticas com que a educação em São Tomé e Príncipe se debate. A junção entre a falta de uma estratégia com visão futura e com alocação de investimentos na educação, a insuficiente estruturação da administração do ensino, a clara falta de docentes qualificados e de meios materiais de formação, a inadequação dos programas curriculares à realidade sócio-cultural e económica do país, e finalmente o número insuficiente de equipamentos escolares. Esta é a realidade do sistema educacional em São Tomé e Príncipe.



NOTA INTRODUTÓRIA: Todas as informações necessária para a formulação do capítulo 01 foram retiradas dos trabalhos de grupo realizados no primeiro semestre do 5º ano do ano lectivo 2018/2019

01 | O TERRITÓRIO: SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

1.1 | CONTEXTO FÍSICO

Localizado na África Equatorial, o arquipélago de São Tomé e Príncipe é constituído por duas ilhas de origem vulcânica: a Ilha de São Tomé que tem como capital a cidade de São Tomé (esta ilha têm cerca de 850km² de território) e a Ilha do Príncipe, cuja capital é Santo António (esta ilha tem cerca de 150km² de território, apenas um pouco mais do que a cidade de Lisboa).

São Tomé e Príncipe apresenta um clima equatorial, ou seja, quente e húmido com duas estações anuais: a estação seca e a das chuvas. Não existe grande amplitude térmica durante o ano, sendo que as temperaturas médias variam entre os 24°C e os 28°C, no entanto uma vez que a humidade é elevada o corpo humano percebe uma temperatura muito mais elevada do que é na realidade.

Por se situar na linha do equador, os dias e as noites em São Tomé e Príncipe têm a mesma duração, cerca de 12h. Porém, apenas 40% das horas de luz são com céu limpo, na restante percentagem de horas o ar apresenta valores de humidade muito altos, por isso os dias aparentam ser maioritariamente nublados.

Decorrente do rifte vulcânico da linha dos Camarões, a variação de altitude de São Tomé e Príncipe comprime-se entre os 0m e os 1900m (Pico de São Tomé). Devido às variações de altitude, é possível distinguir diversos micro-climas, sendo que as zonas mais elevadas apresentam um maior índice de pluviosidade do que as zonas mais baixas.

Todas estas características físicas inerentes ao arquipélago de São Tomé e Príncipe são a causa da enorme riqueza da fauna e flora, com uma taxa de endemismo muito elevada.

A prova da importância e da sensibilidade do ecossistema deste arquipélago é a recente declaração da Ilha do Príncipe como Reserva Mundial da Biosfera pela UNESCO⁰¹.

O estudo e percepção das características físicas do território foi essencial para o planeamento de estratégias ecológicas e para a introdução de princípios bioclimáticos no projeto de arquitetura.

01 sigla de United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization / Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Fig.5. Baía de São Tomé (2019) | Fonte:
Coleção de Fotografias de Beatriz
Carvalho e Diana Silvestre



Fig.6. Igreja Nossa Senhora do Rosário,
Santo António, Ilha do Príncipe (2019)|
Fonte: Coleção de Fotografias de José
Martins



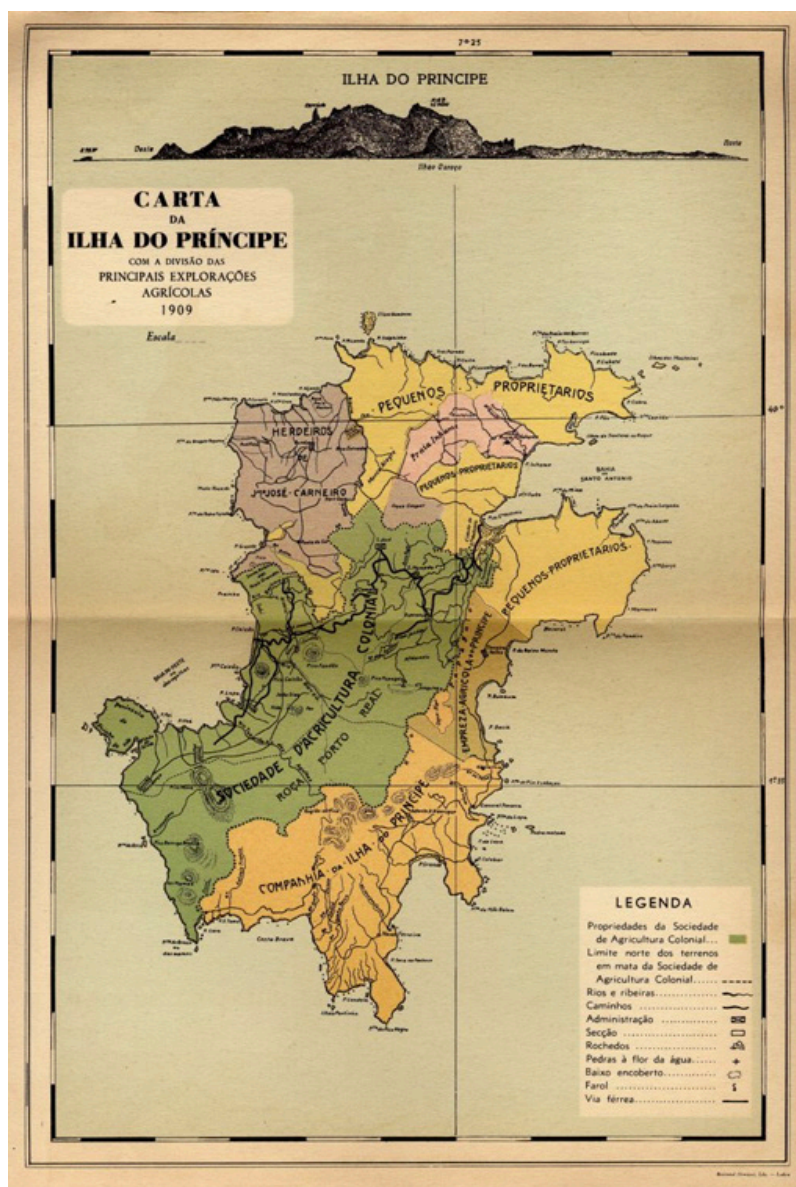


Fig.7. Carta da Ilha do Príncipe com a divisão da principais explorações agrícolas de 1909| Fonte: http://atlas.saotomeprincipe.eu/4_atlasstp_goeconomica.htm

1.2 | CONTEXTO HISTÓRICO

O arquipélago de São Tomé e Príncipe foi descoberto entre o fim de 1471 e o início de 1472 por João de Santarém e Pedro Escobar, ambas as ilhas se encontravam desertas. A mando de D.João II iniciou-se a primeira tentativa de povoamento das ilhas, mas o excessivo calor húmido, a impenetrável floresta (Obó) e as doenças desconhecidas tornaram a tarefa impossível de alcançar. Somente mais tarde, quando a ilha de São Tomé foi doada a Álvaro Caminha e este partiu de Portugal com o objetivo de a povoar, tal missão foi bem sucedida. (Andrade, 2008) (Moraes & Malheiro, 2013)

Logo desde o primeiro arranque colonizador deu-se início à primeira de duas grandes fases de plantação de São Tomé e Príncipe. Foram derrubadas grandes áreas florestais costeiras, introduzindo como principal produto a cana-de-açúcar com o intuito de ser produzido açúcar em grande escala, tendo como fim a exportação. (Andrade, 2008)

As estruturas agrárias criadas para a exploração agrícola (que não apresentavam ainda a designação de roças) eram caracterizadas por se desenvolverem em áreas extensas de cultivo, por necessitarem permanentemente de manutenção e caracterizavam-se ainda por,

devido ao clima, permitirem mais do que uma colheita ao ano. (Andrade, 2008) (Morais & Malheiro, 2013)

Os primeiros colonos receberam de D.João II o direito à posse de escravos negros oriundas de diferentes países africanos para terem descendentes, e assim povoarem as ilhas. Desse cruzamento nasceu a primeira geração de santomenses chamados “filhos da terra”, caracterizados por pertencerem a uma classe social alta com grande poder económico e influência nas ilhas. (Andrade, 2008)

A grande disparidade de classes entre os colonos brancos, os escravos negros e esta nova geração de “filhos da terra”, mestiços, trouxe uma das épocas mais dramáticas da história de São Tomé e Príncipe. A revolta causou inúmeros assaltos e incêndios aos engenhos de cana-de-açúcar levando à emigração dos colonos portugueses para o Brasil. Nesta altura e devido aos ataques a capital de São Tomé e Príncipe passou a ser a cidade de Santo António na Ilha do Príncipe, esta mudança trouxe o impulso necessário ao início do desenvolvimento urbano desta cidade. A crise estendeu-se desde meados do sec. XVI até finais do sec. XVII, quando a comanda do governador Pereira Berreto a classe revoltada foi vencida. (Andrade, 2008)

Em finais do sec. XVIII, com a introdução da cultura do café e mais tarde com a chegada das primeiras sementes de cacau à ilha do Príncipe, este arquipélago viveu uma época de renascimento económico. Destes dois novos produtos com elevados níveis de produção resultaram as roças, estruturas em muito iguais aos antigos engenhos de cana-de-açúcar (muitas delas foram ocupar esses mesmo territórios), a maximização da produção, fazendo de São Tomé e Príncipe um dos grandes exportadores mundiais de cacau. (Andrade, 2008)

Contudo, esta produção agrícola em grande escala não trouxe apenas benefícios. As más condições de vida dos escravos agravaram-se ao mesmo ritmo a que a produção aumentava, até que em 1875 saiu uma lei que pôs um fim à escravatura e obrigou a que se fixassem salários mínimos para os trabalhadores das roças, surgindo assim a designação de “trabalhadores contratados”. Esta lei afetou em muito a produção de cacau. Os roceiros não estavam dispostos a pagar mais aos seus trabalhadores e como consequência, estes, que se aperceberam dos seus direitos, deixaram as roças para reclamar a sua liberdade, originando uma escassez de mão-de-obra nas estruturas agrárias. (Andrade, 2008)

Mais uma vez em crise, e tentando manter as suas produções, os senhores das roças viram-se obrigados a contratar trabalhadores vindos de outras colónias portuguesas. A vida de estes novos trabalhadores contratados em nada era diferente da antiga escravatura, na medida em que, uma vez aliciados a irem trabalhar nas roças eram mantidos lá dentro sem hipótese de sair, pois o salário que recebiam era tão insignificativo que lhes tolhia a liberdade, algo com que os roceiros já contavam. Para além das enormes dificuldades financeiras, estes trabalhadores continuavam, à semelhança dos antigos escravos, a deparar-se com roças que se mantinham isoladas das cidades com acessos em muito más condições e com portões a manterem-se fechados de noite. (Andrade, 2008)

Por volta dos anos 20 do sec. XX a cotação do cacau nos mercados internacionais decresce e o saldo comercial da produção de cacau começa a diminuir, levando ao desinteresse e abandono deste negócio. A partir desta altura, São Tomé e Príncipe nunca mais conseguiu iniciar um caminho de crescimento económico e social. (Andrade, 2008)



Fig.8. Rua em Santo António, Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Fig.9. Crianças a pescar, Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de José Martins

1.3 | CONTEXTO HUMANO

Para uma melhor compreensão do território e da população, sobre a qual este trabalho incide, apresenta-se de seguida uma pequena análise social que se debruça sobre questões demográficas, de saúde e de condições de habitabilidade, económicas e do sistema educacional.

O cruzamento de portugueses e africanos de várias origens gerou um povo de mestiçagem profunda, que vai desde a língua (o português é a língua oficial mas existe ainda o dialeto de São Tomé e o dialeto do Príncipe), passando pela religião (os santomenses são maioritariamente católicos, mas praticam a religião de uma forma muito própria da sua cultura), até à cultura e às artes.

Segundo os números do Recenseamento de 2012 realizado pelo Instituto Nacional de Estatística da República Democrática de São Tomé e Príncipe⁰¹, o país tem cerca de 200.000 habitantes, sensivelmente 200 habitantes por km². Na ilha do Príncipe estima-se um número de 50 habitantes por km². Em São Tomé e Príncipe também se sente o fenómeno da urbanização e este tenda a

⁰¹ <https://www.ine.st/index.php/component/phocadownload/category/51-demograficas>

aumentar, já que mais de metade da população é considerada população urbana.

No que toca à estrutura etária, é possível afirmar que a população santomense é bastante jovem. Dando como exemplo a Roça Sundry, nela habitam sensivelmente 420 pessoas (sendo metade de sexo masculino e metade de sexo feminino) e apenas cerca de 20 pessoas têm mais de 64 anos. A realidade da Sundry serve como amostra do que se passa em todo o país.

Passando para as questões relacionadas com a saúde, pode-se afirmar que apesar da esperança média de vida em São Tomé e Príncipe ser superior à da maioria dos países africanos, as más condições de salubridade e de higiene ainda são um problema. As redes de abastecimento de água potável e de saneamento básico são ainda muito deficientes. Esta é uma área em que a arquitetura e o urbanismo podem dar a sua contribuição para o melhoramento das condições de vida da população santomense.

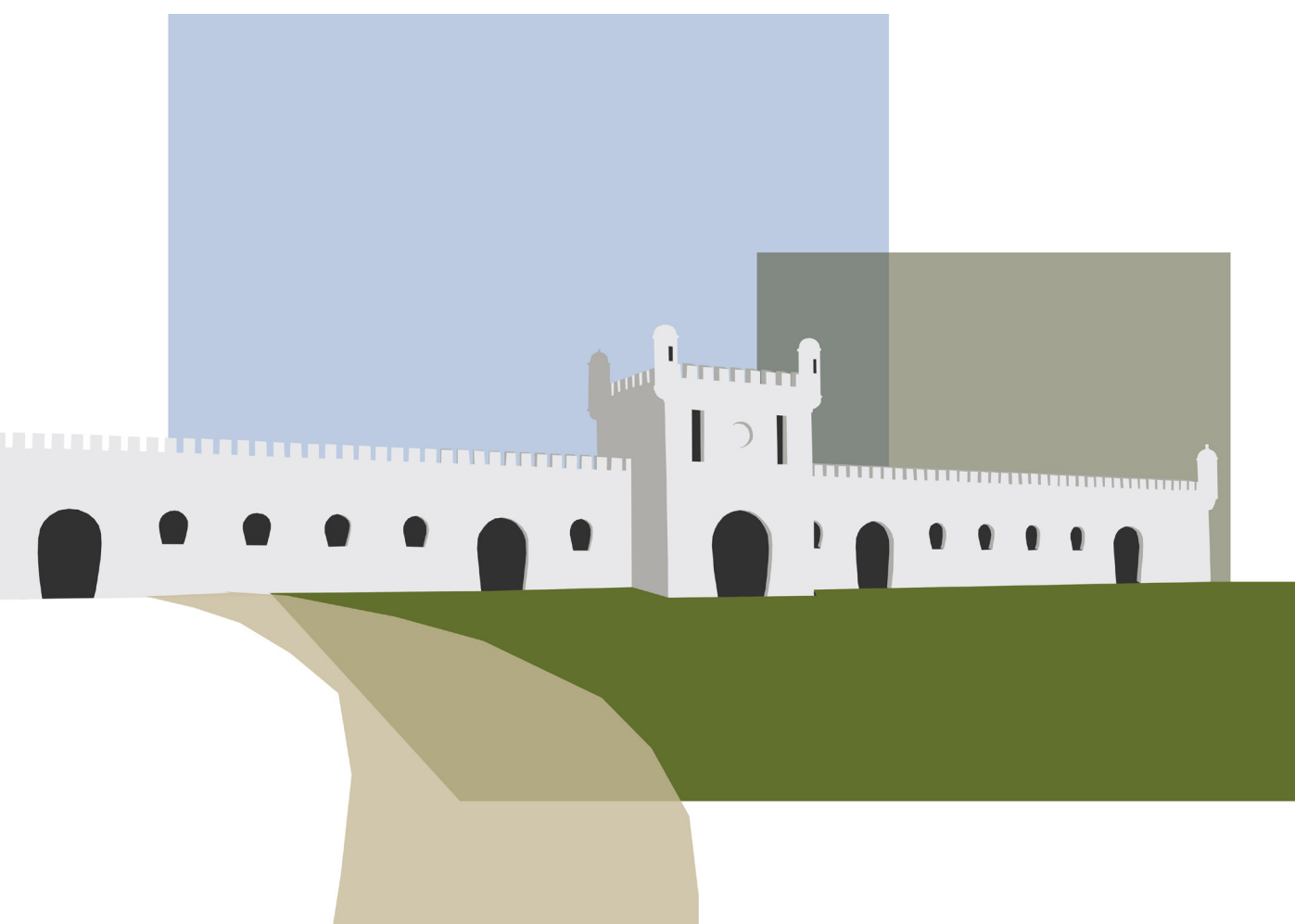
Referindo agora a situação geral em que se encontra o sistema educativo de São Tomé e Príncipe, a par dos restantes países em desenvolvimento, também em São Tomé e Príncipe o setor educacional reflete as circunstâncias políticas e socioeconómicas em que o país se encontra. Apesar da taxa de analfabetismo ter reduzido consideravelmente nas últimas décadas, é ainda muito elevada - 10% da população santomense é analfabética. Este valor deve-se, muito à falta de docentes com formação adequada, à deficiência das estruturas escolares e à falta de apoio ao ensino técnico, causando um peso excessivo no ensino secundário. (Romana, 1996)

Em termos económicos, São Tomé e Príncipe está assente em dois pilares, a agricultura, mais especificamente na cultura do cacau, e o turismo. Contudo, com o referido abandono das



Fig.10. Rio Papagaio, Santo António, Ilha do Príncipe | Fonte: Joana Malheiro

estruturas agrárias e saída dos investidores europeus e nos anos seguintes com o colapso na produção de cacau. Neste momento o desenvolvimento do turismo apresenta-se como a grande estratégia de desenvolvimento do país, mas para que tal aconteça é fundamental que o país tenha capacidade para investir no melhoramento de algumas infraestruturas, nomeadamente no redimensionamento do aeroporto e na rede rodoviária. Contudo, não menos importante será também uma forte aposta na melhoria das condições de salubridade. (Brito, 2004)



02 | O LUGAR: A ROÇA SUNDY

2.1 | O TERMO ROÇA E O PROCESSO DE ASSENTAMENTO

Com a chegada dos colonos portugueses a São Tomé e Príncipe surgem estruturas agrárias com a função de maximizar a produção agrícola e também de alojar os trabalhadores necessários para a manutenção destas propriedades. Só mais tarde, com o início do ciclo do café e do cacau é que estas estruturas agrárias recebem a denominação de roças, tornando-se grandes impulsionadoras da modernização do arquipélago.

O termo “roça” tem origem na ação de desbravar/roçar mato, uma vez que era com esta ação que se dava o início de todas as plantações de café e cacau.

Estas estruturas agrárias organizavam-se maioritariamente em sociedade agrícola. Cada sociedade possuía diversas roças, sendo uma delas a “roça sede” e as restantes “roças dependências”. As sedes eram, por norma, roças de maior dimensão e eram as que continham todas as funções necessárias ao seu funcionamento e autosuficiência. As “roça dependências” existiam com a finalidade de escoamento do produto, produção de outras atividades e /

ou produtos, ou até mesmo com a finalidades de aumento da área de cultivo. A ligação entre as roças sedes e respectivas dependências era efetuada por redes ferroviárias garantindo a circulação de mercadoria e trabalhadores.

Hoje em dia a maioria das roças de São Tomé e Príncipe encontram-se em estado de ruína, no entanto os antigos trabalhadores e as seguintes gerações ainda se mantiveram nas propriedades, tomando posse dos diversos edifícios que se encontram, na maioria dos casos, em grave estado de conservação.

“Na actualidade, as Roças constituem a materialização de uma extensa memória, que abarca não só o projecto colonizador, mas principalmente todos os meios e relações mobilizados na sua concretização e na sua subsequente apropriação e re- adaptação: o contributo dos trabalhadores, a busca de estratégias de optimização para os problemas encontrados, as opções de configuração e desenho do espaço, ou os mecanismos da sua transformação no contexto de autonomia pós-colonial, configuram um extenso património físico e humano.” (Fernandes, Sá, Póvoa, 2012: 161)

A importância a nível cultural e territorial das roças no desenvolvimento de São Tomé e Príncipe é indiscutível. Se a estruturação territorial e o desenvolvimento urbano estão relacionados com a capacidade económica do país e por sua vez essa mesma economia está claramente assente na produção e exportação de cacau torna-se muito clara a importância das roças no desenvolvimento do arquipélago de São Tomé e Príncipe. Como marca desse desenvolvimento temos as redes ferroviárias, portuárias e viárias criadas para facilitar o processo de exportação e a ligação entre as diferentes roças, tendo sido um meio de exploração e expansão do território santomense.



Fig.12. Roça Agostinho Neto, Ilha de São Tomé | Fonte: Joana Malheiro



Fig.11. Roça Agostinho Neto, Ilha de São Tomé | Fonte: Joana Malheiro

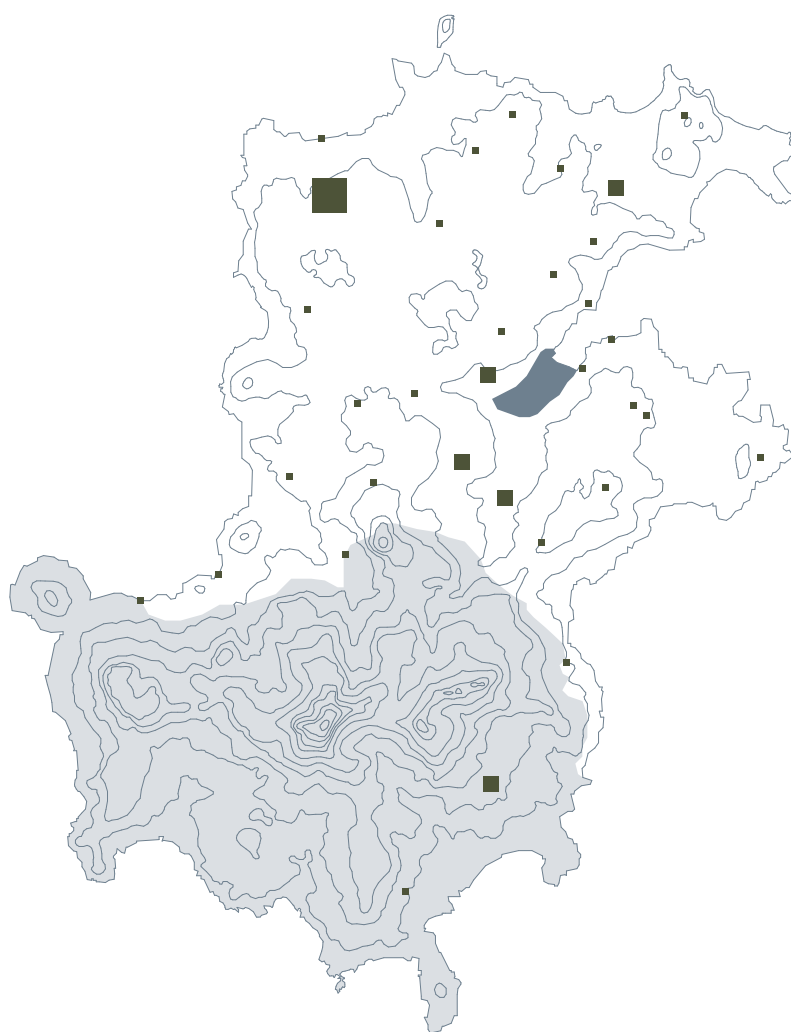
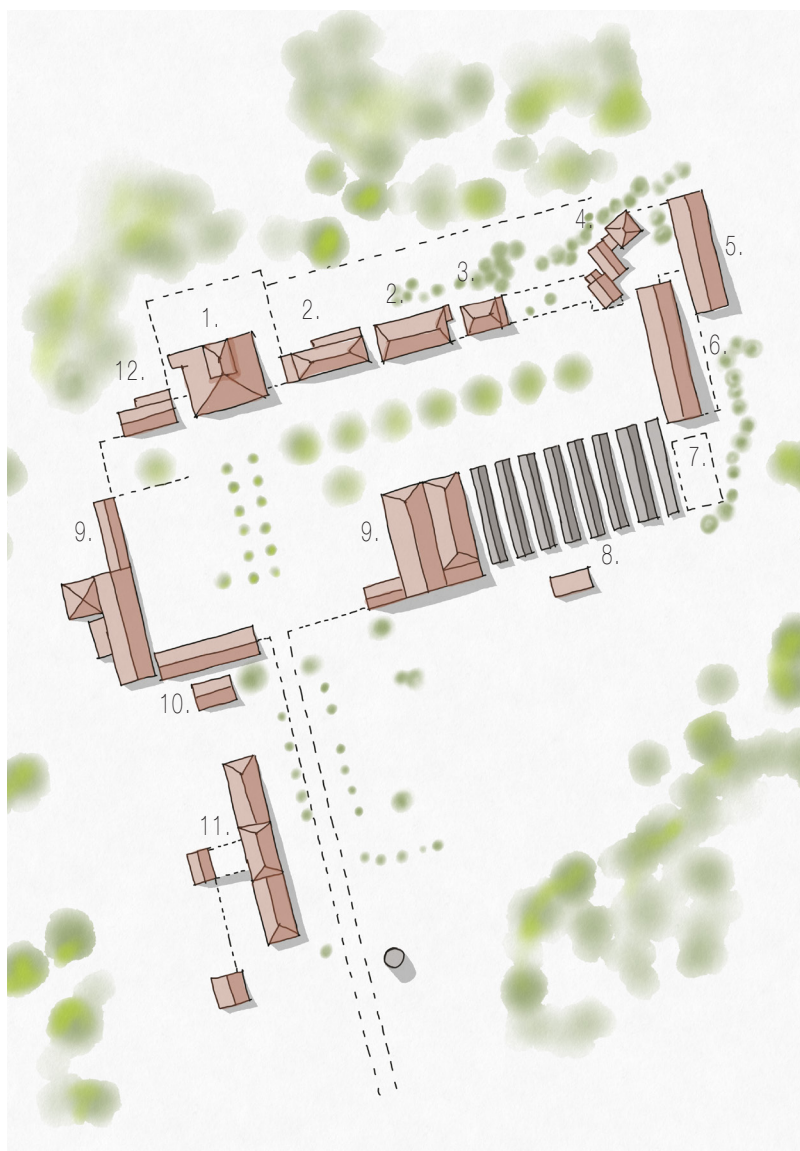


Fig.13. Principais roças da Ilha do Príncipe | Fonte: Esquema da autora

“ As roças santomenses são, sem sombra de dúvida, o maior ícone cultural/arquitetónico do país.” (Andrade, 2008: 17)

Segundo José Manuel Fernandes (2005), o valor específico, funcional e material das roças se São Tomé e Príncipe pode ser justificado por: “a sua dimensão como agentes da estruturação do território do arquipélago”, uma vez que foi através das roças que as edificações povoaram as ilhas e juntamente a elas vieram os meios de comunicação (ferrovias, portos e estradas); “a dimensão das roças como criadoras de Espaço urbanizado, edificado e arquitetónico”, visto que foi nas roças que surgiram as primeiras habitações e os primeiros equipamentos quer de produção quer de tipo assistencial; e por último “o potencial para a modernização do território”, ou seja, o edificado que ainda hoje se mantém conservado é capaz de suportar a adaptação para novas funções, assim como, processos de reabilitação que iram revitalizar e modernizar o território.



1. Casa Principal | 2. Armazéns | 3. Creche | 4. Capela | 5. Oficinas | 6. Cavalariças | 7. Estação Ferroviária | 8. Sanzalas | 9. Secadores | 10. Escola | 11. Hospital | 12. Serviços Administrativos

Fig. 14. Planta original da Roça Sundry |
Fonte: Esquema da autora

2.2 | PROGRAMA E TIPOLOGIAS

A implantação das roças responde a um programa que continha os seguintes usos: habitacionais (casa da administração, habitações dos trabalhadores brancos e sanzalas - habitações dos escravos); agro-industriais (secadores, armazéns e edifícios de assistência à produção); e assistências (áreas de saúde ou educação) quando a dimensão da roça justificava tais edificações. Apesar da morfologia das roças estar dependente de muitos factores, por vezes fora do controlo dos roceiros - como a topografia do terreno, estas estruturas agrícolas respeitavam sempre a mesma linguagem e respondiam sempre aos mesmos critérios.

Adicionando aos elementos edificados que constituem uma roça tipo referidos no parágrafo anterior, existe ainda um elemento espacial comum a todas as roças: o terreiro.

O terreiro é o núcleo da roça, o espaço que alberga momentos importantes para o dia-a-dia de uma roça. É com o terreiro como ponto de partida que surgem as diferentes tipologias de roça, sendo estas: a roça terreiro; a roça avenida; e a roça cidade.

A roça terreiro é uma estrutura organizada em torno de um único terreiro, em que excepcionalmente podem existir algumas construções fora desta organização rígida. É uma organização

mais comum em pequenas roças e em roças dependência.

A roça avenida organiza-se ao longo de uma grande avenida cultural, sendo que o terreiro se pode encontrar por norma no topo desta avenida, ou a meio da mesma.

A roça cidade apresenta dois ou mais terreiros a diferentes cotas e com diferentes funções. Pode ter uma malha mais ou menos rígida, sendo possível a criação de ruas e praças. Os edifícios não seguem uma lógica linear nem de praça e as circulações e diferentes usos dos espaços têm origem numa hierarquia criada por cada terreiro.



Fig.15. Antiga fotografia da Casa Principal da Roça Sundry (s.d.)| Fonte: www.paralelozero.pt/arch/casa-da-administracao-roca-sundry/



Fig.16. Fotografia do Terreiro da Roça Sundry (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre

2.3 | ROÇA SUNDY: HISTÓRIA E LEVANTAMENTO

A Roça Sundry, situada a 10km da cidade de Santo António, era a segunda maior produtora da ilha do Príncipe e a sua área abrangia no total mais de quatro hectares.

Desde o início do sec. XIX que a roça foi propriedade da família Carneiro. Em 1875 foi adquirida por José Jerónimo Carneiro, o último proprietário da roça, que formou a companhia Sociedade Agrícola Sundry, Lda. Com sede em Lisboa.

A Sociedade Agrícola Sundry, Lda. era composta por nove roças, sendo obviamente uma delas a Roça Sundry, designada de roça sede e as restantes - Ponta do Sol, Azeitona, Santa Rita, Belomonte, Paciência, S. João, Praia Inhame e Gaspar- designavam-se roças dependência. A Sundry foi uma das primeiras estruturas agrárias a possuir plantações de cacau e continha uma das maiores e mais avançadas redes ferroviárias. Os antigos caminhos de ferro chegaram a atingir nove quilómetros de comprimento e faziam a ligação entre a Roça Sundry e as suas dependências, assim como com a Sundry Praia - porto de escoamento das mercadorias.

Tal como todas as roças, a actividade principal da Sundry era a agricultura, com a produção de produtos que tinham como destino a exportação, tais como o cacau, o café, o coco e a

copra (polpa seca do coco), a banana, o mamão, a manga, a matabala e a mandioca. No entanto, para fins de subsistência da roça, a agricultura era complementada com a pecuária, a pesca e também com actividades industriais (tratamento do cacau e do café) e comerciais.

Uma vez que a Roça Sundry tinha a segunda maior plantação da ilha do Príncipe, como já foi referido anteriormente, chegou a atingir o número de quinhentos e oitenta e quatro trabalhadores ativos, de forma a assegurarem a quantidade e intensidade do trabalho na roça.

Em maio de 1919 a Roça Sundry foi palco de um acontecimento que a deixaria famosa no campo da ciência, uma vez que foi dentro desta propriedade que Sir. Arthur Eddington - astrónomo inglês - comprovou a teoria da relatividade de Albert Einstein. À chegada à Ilha do Príncipe, Sir. Eddington visitou diversas roças na procura da ideal para a observação do eclipse solar total. Assim que visitou a Sundry, a sua escolha tornou-se fácil, pois esta situava-se na parte nordeste da ilha, num planalto longe das montanhas e na traseira da casa principal o espaço era abrigado a este e aberto em direção ao mar a oeste e a norte, estas eram as condições ideais para a observação do eclipse.

Mais tarde, em 1975, depois da independência do arquipélago de São Tomé e Príncipe, deu-se o fenómeno das nacionalizações e a anterior Sociedade Agrícola Sundry, Lda deixou de ser uma companhia privada e passou a designar-se Empresa Estatal Agro-Pecuária Sundry.

Atualmente a Roça Sundry possui 1,675ha, tem aproximadamente 400 habitantes e está concessionada por noventa e nove anos, à empresa HBD, a qual integra de um plano de turismo sustentável em parceria com o Governo Regional da Ilha do Príncipe.

Fig.17. Fotografia das sanzalas da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Fig.18. Fotografia das sanzalas da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre





Fig.19. Fotografia da casa principal reabilitada da Roça Sundy (2019) |
Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Fig.20. Fotografia das sanzalas e do terreiro da Roça Sundy (2019) |
Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre

Direcionando agora o discurso para a caracterização da Roça Sundry, começo por realçar que a Sundry é uma roça-terreiro. O vasto terreiro rectangular de orientação nordeste-sudoeste está limitado por todo o edificado em excepção do hospital, por questões de salubridade. Nesse terreiro, devido ao seu comprimento acabam por coexistir dois espaços, dentro do mesmo terreiro, com hierarquias muito distintas: uma pequena porção do terreiro ladeado pela casa principal, pelos armazéns e pelos secadores, que serve como ponto de referência à chegada à roça; e uma segunda porção do terreiro junto às cavalariças e às sanzalas. O terreiro é ainda a resolução de uma larga alameda que faz a entrada da roça e a percorre, direccionando o olhar do visitante para a casa principal.

A casa principal, ou casa da administração, foi um dos primeiros edifícios da roça a ser construído. A sua fachada principal aparenta ser um edifício de um piso apenas, no entanto podemos observar que na parte traseira da casa se eleva um segundo piso. A frente da casa principal apresenta uma varanda coberta pelo avançado da cobertura que por sua vez é suportado por pórticos de betão armado. Com a chegada da HBD a casa principal foi o primeiro edifício a ser reabilitado e transformado num hotel de luxo.

Vizinhas à casa principal, do seu lado direito, existem mais três construções de traçado muito semelhante, no entanto, destaca-se a construção que assume a posição central por ter dois piso, enquanto que as restantes apresentam apenas um. Os primeiros dois edifícios deste conjunto eram armazéns, mas neste momento, um deles já se encontra reabilitado e a funcionar como extensão do hotel, o outro encontra-se em obras de reabilitação para o mesmo efeito. A terceira construção ainda não sofreu obras nem alteração do programa, pelo que se manteve desde sempre

como uma creche.

A fazer o fecho do terreiro no topo nordeste encontra-se o antigo edifício das cavaliças e estábulos. É um edifício muito singular, assemelha-se a uma muralha medieval. Está torreado e coroado de merlões e guaritas e os seus vãos são de arco de ferradura. Está construído em alvenaria de pedra com fingimento dos silhares.

A capela, de invocação à Nossa Senhora de Lourdes, situa-se junto ao canto nordeste do terreiro, e assume uma direção completamente distinta de todos os restantes edifícios, sem razão aparente. Este edificado é, juntamente com o já abordado edifício das cavaliças, um dos mais interessantes de todo o conjunto arquitetónico. Parece tratar-se de uma ermida seiscentista, que apesar de ter sofrido intervenções posteriores à sua construção, estas não alteraram significativamente a traça inicial.

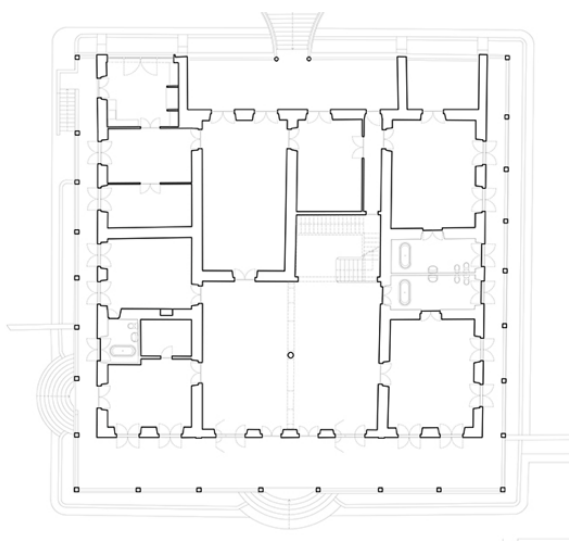
As sanzalas, cuja construção data 1915, organizam-se em bandas (também designadas de comboios) paralelas entre si, que por sua vez se apresentam perpendiculares ao terreiro. Cada comboio tem cerca de seis metros de largura e trinta e sete metros de comprimento. As sanzalas são construções em alvenaria de pedra com coberturas de duas águas, cuja cércea mais alta é de cinco metros. No seu interior estão divididas em pequenos espaços de nove metros quadrados que albergam na sua generalidade uma família de quatro pessoas.

O hospital, como já foi referido, é o único edifício que não delimita o terreiro. Foi construído na década de 1930 em betão armado e localiza-se ao longo da alameda que dá entrada à roça. Formalmente é um edifício com setenta metros de fachada dividido em três corpos, sendo que o corpo que assume a posição central tem dois pisos, enquanto que os restantes dois corpos - alas de

Fig.21. Fotografia da Casa Principal da Roça Sundry, pós reabilitação (2014)|
Fonte: www.paralelozero.pt/arch/casa-da-administracao-roca-sundry/



Fig.22. Planta do Projeto de Reabilitação da Casa Principal da Roça Sundry|
Fonte: www.paralelozero.pt/arch/casa-da-administracao-roca-sundry/



enfermagem - apenas têm um piso.

Para além destes edifícios que foram descritos, a Roça Sundry tinha ainda secadores, oficinas, serviços administrativos, uma estação de comboio e uma escola.

Como já foi referido anteriormente, atualmente estima-se que a população residente da Roça Sundry se aproxime das 400 pessoas, sendo metade do sexo masculino e metade do sexo feminino. Observa-se igualmente através destes dados recolhidos do Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe que a população é jovem, existindo apenas cerca de 18 pessoas com idade acima do 64 anos. Existe uma quantidade inúmera de religiões praticadas pelos santomenses, no entanto a maioria dos residentes identificam-se como católicos. Um dado ainda a considerar relaciona-se com a actividade económica de cada indivíduo. O estado de inatividade da população é bastante elevado, deixando 27% dos homens e 37% das mulheres inativos. Os residentes que ainda exercem algum tipo de trabalho fazem-no maioritariamente ligado ao setor primário, identificando-se como arvicultoras e/ou pescadores.

Hoje em dia a Roça Sundry está sob um processo de realojamento da população residente, projeto da HBD. Estas empresas depois de chegar a um acordo com a maioria dos elementos da população residente, prometendo-lhes novas e melhores condições de habitabilidade numa nova urbanização a 4km da roça, avançou com o início das obras do projeto "Terra Prometida". A razão desse realojamento é poderem reabilitar as antigas sanzalas transformando-as novamente em quartos de hotel e ao mesmo tempo retirar os residentes da roça, uma vez que não consideram a sua vivência compatível com um hotel de luxo.



03 | O PROJETO: UMA ESCOLA, UM ESPAÇO, UM LUGAR

3.1 | O TEMA

3.1.1 | TURISMO E ARQUITETURA EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

"o turismo tem adquirido uma importância crescente enquanto potencial dinamizador da economia, de modernização das infraestruturas existentes, de criação de novos postos de trabalho e de requalificação da mão-de-obra." (Brito, 2004: 191)

Do ponto de vista turístico São Tomé e Príncipe é um país ainda pouco explorado, apesar de ter conseguido ganhar alguma visibilidade nos últimos anos. A sua atividade turística tem vindo a crescer, uma vez que, hoje em dia já ser limitado o número de ilhas tropicais com um território tão virgem como São Tomé e Príncipe, sem estarem saturadas de construções e poluição, este é um dos fatores que tem trazido cada vez mais turistas ao arquipélago.

O turismo foi considerado, pelo Governo de São Tomé e Príncipe, uma das atividades mais importantes para o desenvolvimento

económico e social do país. É um setor económico que tem vindo a crescer desde 2010, sendo que a sua contribuição económica já representa 14% de PIB nacional.

Assim, é indiscutível que a aposta no sector turístico trará benefícios socioeconómicos, culturais e ambientais, como é exemplo a criação de postos de trabalho, a requalificação de mão-de-obra, a modernização de infraestruturas e investimentos e valorização do meio ambiente, por conseguinte haverá uma melhoria nas condições de vida das famílias residentes.

A aposta no desenvolvimento do setor turístico surge nos países subdesenvolvidos, como São Tomé e Príncipe, como meio de gerar benefícios económicos suficientes que acabem por impulsionar outros setores económicos, tais como, a agricultura, a pesca, a indústria e outros serviços.

No entanto, o turismo pode também ser gerador de efeitos negativos, tais como, o desinvestimento noutros setores económicos com iguais potencialidades, a degradação do meio ambiente e a perda de identidade cultural, se este não for alvo de um planeamento cuidado. Assim, surge a necessidade de enveredar por um turismo de desenvolvimento sustentável, assegurando que o meio ambiente e a cultura destas ilhas são preservados.

Face aos benefícios que podem surgir com a aposta no setor turístico, torna-se necessário compreender quais as características deste arquipélago que lhe confere a classificação de destino de sonho e potência em bruto do ponto de vista do turismo.

“O turismo funciona como um meio privilegiado de contacto entre elementos de culturas diferentes, facilitando a formação de uma consciência cívica cerca da herança cultural do povo autóctone.” (Romana, 1996: 140)

A história e a cultura do povo santomense que ainda está tão presente, aliado à paisagem, à fauna e à flora, são características muito valorizadas na hora de escolher um novo destino turístico. E ainda, como já foi referido anteriormente, o carácter de território virgem aumenta a curiosidade e a vontade dos turistas de visitarem estas ilhas.

A imagem que São Tomé e Príncipe transmite de natureza tropical preservada é muito atraente à prática de uma nova forma de turismo, o turismo ecológico ou eco-turismo.

Apesar das vantagens naturais e intrínsecas que São Tomé e Príncipe tem face ao turismo, existem ainda muitas limitações que tornam o desenvolvimento deste setor um processo complicado e lento, tais como: obstáculos climáticos; a carência de infraestruturas - água, esgotos, estradas e serviços de emergência médica; a falta de trabalhadores qualificados; as más condições de acesso ao interior das ilhas; as limitações dos aeroportos e por sua vez a escassez de voos; a insuficiência de equipamentos de apoio à comunidade e aos visitantes e finalmente a falta de preservação do património arquitetónico e urbanístico.

Uma vez compreendidas as capacidades e potencialidades



Fig.23. Roça São João dos Angolares (s.d.)| Fonte: <https://www.discoversaotomeeprincipe.com/hotel/roca-s-joao-eco-tourism/>



Fig.24. Roça São João dos Angolares (s.d.)| Fonte: <https://www.discoversaotomeeprincipe.com/hotel/roca-s-joao-eco-tourism/>

do desenvolvimento do setor turístico no arquipélago santomense, torna-se evidente que em São Tomé e Príncipe a aposta num turismo que se centre na prática de atividades que viabilizam o contacto direto com a natureza - ecoturismo - estratégia assumida pelo Estado santomense, por sua vez, apoiado pela Organização Mundial de Turismo (OMT) e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Segundo a International Ecotourism Society⁰¹, a maior e mais antiga organização de ecoturismo do mundo, fundada em 1990, dedicada a disseminar informações sobre ecoturismo e turismo sustentável.) o ecoturismo é definido como "responsible travel to natural areas that conserves the environment, sustains the well-being of the local people, and involves interpretation and education", ou seja, uma viagem responsável para áreas naturais que conservam o ambiente e melhorem o bem-estar da população local. A organização a cima referida exhibe ainda um conjunto de princípios pelos quais se devem reger quem implanta o ecoturismo, quem o pratica e ainda quem o promove, esses princípios são:

- > Minimizar os impactos, ambientais e sociais;
- > Desenvolver a consciência e o respeito pelo ambiente e pela cultura;
- > Oferecer experiências positivas tanto para os visitantes como para os anfitriões;
- > Garantir benefícios financeiros directos para a conservação;
- > Prover benefícios financeiros e poder legal de decisão para o povo local;

01 Definição apresentada no sítio oficial (www.ecotourism.org) da International Ecotourism Society (IES)

> Elevar a sensibilidade dos turistas pelo contexto político, ambiental e social dos países anfitriões;

Um exemplo de melhorias que advieram do ecoturismo é o programa da União Europeia - ECOFAC (Écosystèmes Forestiers d'Afrique Centrale) - que tem tido um papel de relevo no contexto do Parque Natural Obó, na formação de ecoguias, e no apoio a visitantes que procuram contactar com a natureza santomense e fazer turismo através da observação.

O ecoturismo em São Tomé e Príncipe encontra-se muito associado às roças, que ainda hoje em dia e cada vez mais, persiste a preocupação se de manterem preservadas, apesar de algumas já se encontrarem relativamente degradadas. Nas roças o entendimento, por parte das comunidades locais, sobre as potencialidades turísticas do seu país, e por sua vez, a forma como estabelece ligações com os turistas, eleva o respeito pela sua cultura e demonstra uma enorme genuinidade.

Um exemplo notável de evolução do turismo em espaço rural ou ecoturismo, é a Roça São João dos Angolares, em São Tomé e Príncipe, que sendo um empreendimento assente em princípios ecológicos, é um local onde a actividades turística consiste numa prática que concilia a sustentabilidade ecológica com o apoio social. Um dos projetos da Roça São João dos Angolares consistiu na reabilitação de um edifício para alojamento turístico e para restauração, em que todos os pratos confeccionados continham produtos cultivados dentro da roça. Assim observa-se que esta roça dá muito valor ao trabalho manual e aos ofícios artesanais, conferindo ao visitante uma experiência natural e genuína.

“A promoção cultural é um dos elementos fortes do turismo em espaço rural. Por um lado, porque os projectos turísticos são implementados e desenvolvidos em contexto comunitário, ou seja, no enquadramento envolvente da vida quotidiana das populações residentes. Neste contexto, o turista compreende como se vive na roça, toma contacto consciente com as rotinas, sente os cheiros, ouve os sons e, durante a estadia, sente-se parte integrante de uma forma de vida diferente da que tem no seu local de origem.” (Brito, Alarcão e Marques, 2009: 66)



Fig.25. Fotografia de crianças a brincar depois de saírem da escola (2019)
| Fonte: Coleção de Fotografias de José Martins



Fig.26. Fotografia do Edifício Escolar da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre

3.1.2 | ENSINO EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Em São Tomé e Príncipe, tal como na maioria dos países em desenvolvimento, denota-se que o sector da educação espelha as fracas condições políticas e sócio-económicas em que se encontra o país.

Segundo o recente Relatório de Avaliação da Estratégia Nacional para a Educação e Formação, conclui-se que o sistema educativo de arquipélago santomense apresenta um desempenho pouco consistente. Enquanto que o Ensino Básico foi alvo de um inquestionável progresso, a Educação Pré-Escolar, o Ensino Secundário e o Ensino Superior e Técnico-Profissional necessitam ainda de bastantes estímulos para evoluírem.

A Educação Pré-Escolar, sendo reconhecida como a educação primordial para o desenvolvimento das capacidades cognitivas das crianças, em São Tomé e Príncipe é ainda insuficiente. O antigo regime colonial deixou como herança um ensino pré-escolar relativamente desenvolvido, mas a necessidade de mão-de-obra feminina para o desenvolvimento da agricultura causou o fim de muitos jardins de infância e creches, principalmente nas roças. A partir de 2001, graças às ações de implementação da Lei de Bases do Sistema educativo, o ensino pré-escolar revigorou-se,

No entanto, o seu desempenho permanece fraco. Na ilha do Príncipe existem apenas oito creches, nenhuma delas na cidade de Santo António, assim, tornou-se comum as crianças andarem na rua ao cuidado dos vizinhos.

No que diz respeito ao Ensino Básico, constituído pelas turmas do 1º ao 6º ano, organizado em dois ciclos, do 1º ao 4º ano é o primeiro ciclo e do 5º ao 6º ano é o segundo ciclo, a frequência é obrigatória. Este ensino teve uma evolução significativa devia ao esforço, por parte do Governo, de implementar com sucesso o programada Reforma Geral do Ensino Básico. No entanto, a qualidade de aprendizagem e de ensino ainda tem muito que melhorar. O clima de facilitismo existente neste ensino, que vem da necessidade de cumprir objetivos impostos ao setor educativo, juntamente com a falta de professores qualificados, torna a tarefa de proporcionar aos alunos um ensino de qualidade muito difícil.

O Ensino Secundário santomense, do 7º ao 11º ano, apresenta uma fraca capacidade de retenção dos alunos. Devido à insuficiência de instalações e à má localização das que existem, juntamente com a carência dos professores, a taxa de jovens que frequentam o ensino secundário é reduzida. Apenas cerca de 50% dos jovens santomenses frequentam o ensino secundário, e destes apenas 15% o concluem.

A ausência de uma política de formação do Ensino Técnico-Profissional dá origem a inúmeros problemas de falta de mão-de-obra qualificada em quase todos os setores económicos. Apesar desta afirmação, observa-se por parte dos jovens santomenses, uma grande procura por este tipo de formação, uma vez que ao deixarem a escola se deparam com um mercado de trabalho onde a taxa de desemprego é elevada. Como em todos os níveis de ensino, também o ensino técnico-profissional sofre de falta de

Fig.27. Fotografia do Edifício Escolar da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Fig.28. Escola Missionária, Santo António, Ilha do Príncipe | Fonte: Joana Malheiro



estruturas. O liceu Nacional apenas oferece 5 cursos profissionais destinados a alunos que concluíram a 9º ano, no entanto, tanto o Liceu Nacional como os restantes centros de formação, funcionam com muita dificuldade e oferecem um nível de formação baixo.

Em relação ao Ensino Superior, pode-se afirmar que é bastante caro e seletivo. São muito poucos os jovens que partem do seu país para receberem formação superior, uma vez que esta formação faz-se essencialmente em países estrangeiros e por meio de bolsas de estudos. Em território santomense existem três instituições de ensino superior, onde a falta de uma política rigorosa é um entrave ao desenvolvimento deste ensino e, por sua vez, do país.

Em suma, é passível de se afirmar que os principais problemas com que o sistema educativo se debate são: a falta de estruturas de administração do ensino e deficiência das existentes; carência de docentes qualificados; falta de apoios ao ensino técnico-profissional; má localização das estruturas de ensino e, por sua vez, falta de serviços de transporte; e inadequação de programas e currículos adaptados à realidade santomense.

Pelo reconhecimento das fragilidades do setor educativo, o Ministério de Educação, Cultura e Formação de São Tomé e Príncipe, apresenta algumas estratégias e políticas de desenvolvimento da educação, tais como: "Garantir, até 2022, a universalidade, a gratuitidade e a obrigatoriedade de acesso ao ensino pré-escolar de boa qualidade"; "Consolidar os ganhos obtidos no domínio de acesso ao Ensino Básico"; "Melhorar a qualidade e a eficiência do ensino e da aprendizagem" ; "Desenvolver a Educação Especial, na perspectiva da escola para todos e da plena garantia da universalidade do ensino e formação"; "Garantir a universalidade e a gratuitidade de acesso ao Ensino Secundário de boa qualidade";

“Obter, ao mais alto nível (governo ou Parlamento), o apoio firme necessário à implementação de uma política voluntarista e realista de formação técnico-profissional à altura da ambição acima exposta”; “A adoptar e implementar uma política apropriada de inserção profissional dos formados”; “Garantir um acesso controlado ao Ensino Superior, melhorar a qualidade e proceder a sua adaptação às prioridades e reais necessidades do mercado de trabalho Santomense”⁰².

02

Citação retirada da Carta Política Educativa de São Tomé e



Fig.29. Habitações do tecido informal da cidade de Santo António na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Fig.30. Falta de condições de habitabilidade na baía de Santo António na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de José Martins

3.1.3 PRESSUPOSTOS DE INTERVENÇÃO

Suportado por esta investigação, o projeto que se segue teve como principal desafio a leitura e interpretação do desenho e funcionamento das Roças de São Tomé e Príncipe, e em particular da Roça Sundry. Usando o conhecimento adquirido da leitura das várias roças seguiu-se outro desafio, articular uma nova proposta com a já existente paisagem. A escolha da Roça Sundry para ser a base de desenvolvimento deste projeto deveu-se à importância que esta assume no arquipélago santomense e principalmente na ilha do Príncipe; ao facto de ter ainda uma comunidade de residentes muito forte e por estar neste momento a passar por um processo de realojamento dos moradores, com o qual discordo. Assim sendo, este projeto pretende ser uma nova visão de como poderia ser o convívio entre a vivência da roça e o turismo de luxo.

Tirando partido da análise territorial e enquadramento teórico apresentados anteriormente, estabelecem-se os seguintes pressupostos de intervenção:

- > A requalificação do programa e desenho urbano para a Roça Sundry, assente nas novas realidades, sociais e turísticas do local;
- > Definir estratégias de reabilitação e conservação de edificado singular e de algum edificado comum tradicional, de forma a estabelecer relações entre as pré-existências e as construções novas, mantendo a memória e a identidade local;
- > Propor novos espaços públicos e equipamentos sociais, que satisfaçam as necessidades atuais da população, assim como as necessidades de um empreendimento de alojamento de luxo, contemplando como principais fundamentos, os conceitos de turismo rural e sustentabilidade;
- > Introduzir uma pequena unidade fabril de processamento de cacau e produção de chocolate, de forma oferecer visitas turísticas pela fábrica, dando a conhecer um processo que tanto caracteriza as roças, reutilizando da estrutura agrícola preexistente;
- > Criar uma nova escola de ensino básico com capacidade de receber todas as crianças, oferecendo as condições necessária para um melhor aproveitamento escolar;
- > Fortalecer as infraestruturas de ligação entre a Roça Sundry, a cidade de Santo António e o complexo turístico Sundry Praia.



Fig.31. Interior do Hotel Sundry na Ilha do Príncipe (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Fig.32. Edifício do antigo hospital da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre

3.2 | ESCALA URBANA

3.2.1 | PROGRAMA

Neste projeto a Roça Sundry é trabalhada holisticamente, desde a escala urbana até à escala dos materiais, com o intuito de unificar a roça, tornando-a num território coerente. Para tal, a reorganização urbana, assume como objetivo a ligação da paisagem e do edificado pré-existentes aos novos equipamentos e aos novos usos.

O Programa proposto dá resposta às necessidades especiais de um complexo turístico, uma vez que a Roça Sundry está ainda a ser reabilitada para tal, tendo já dois edifícios a funcionar como alojamento, e às necessidades espaciais e programáticas da população residente. Daí surgirá um novo modo de ocupação da roça, ancorado à memória, cultura e identidade santomense.

Os princípios que se encontram na base do programa proposto são:

- > O fortalecimento da unidade hoteleira, aumentando a oferta de experiências turísticas dentro da roça, uma vez que o turismo é a maior fonte de receita económica da roça, criando assim hipótese de investimento noutras áreas;

- > A revitalização da produção de cacau e introdução da produção de chocolate como meio de preservação de um ofício que tanto caracteriza as roças e que ao mesmo tempo se torna uma atração turística;
- > O melhoramento das condições de habitabilidade dos residentes e trabalhadores da roça;
- > A oferta de um equipamento de ensino capaz de receber todas as crianças indicadas ao ensino básico, onde o espaço é promotor da aprendizagem e do gosto pela escola.



Fig.33. Edifício das antigas cavaliárias da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Fig.34. Entrada da capela da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre

3.2.2 | ELEMENTOS ESTRUTURANTES

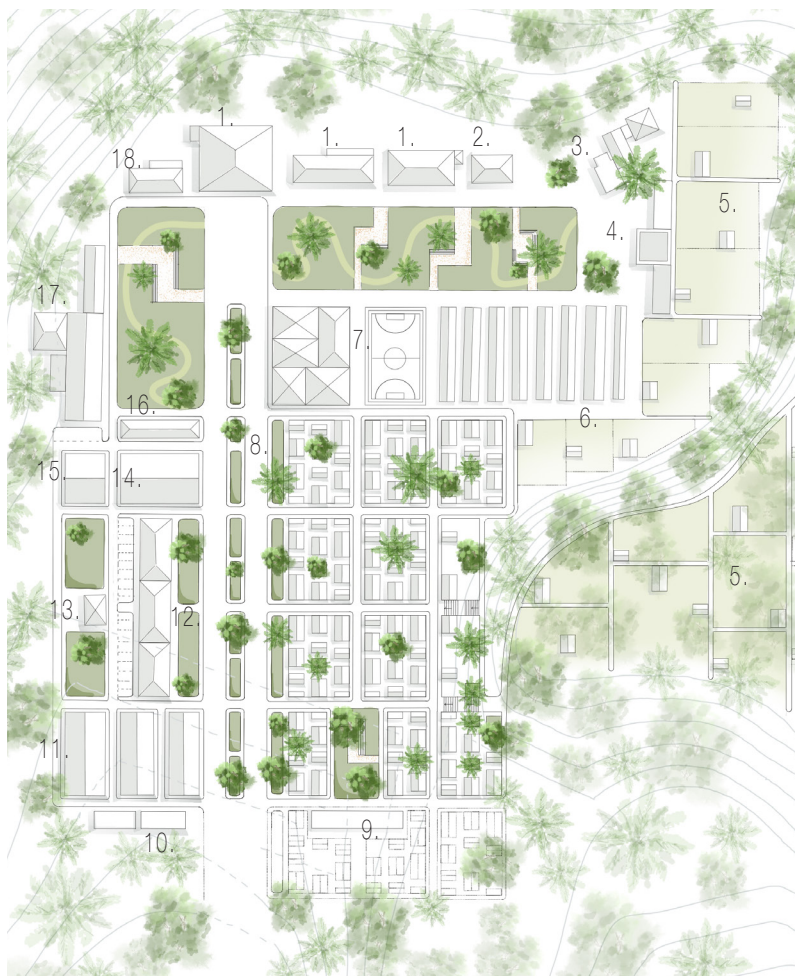
Resultante da análise urbana e histórica da Roça Sundry tornou-se clara a existência de elementos que se destacam pela história e identidade que carregam. Estes elementos foram indispensáveis ao desenvolvimento e organização urbana da roça, de tal forma que permaneceram ao longo do tempo sem perderem a sua individualidade.

Com base nestas afirmações torna-se pertinente referir o carácter monumental que alguns destes elementos podem ter. Segundo Françoise Choay, "A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afectividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e seleccionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar.". Os elementos que serão enumerados são constituintes da memória que os locais e quem visita a Sundry têm desta roça. São elementos que nos permitem recordar esse território e que por essa razão

o identificam.

Estes elementos deixam-se reconhecer pela sua inserção no território das roças e pelas suas particularidades formais. Assim sendo, destacam-se como elementos estruturantes:

- > A casa principal, pela história e importância que carrega, uma vez que é o coração da roça;
- > As cavalariças, por ser um edifício formalmente notável e icónico;
- > A capela, por ser a expressão religiosa da roça e por ser formalmente uma incógnita;
- > O hospital, pela sua importância na roça e pela sua dimensão, sendo mais uma demonstração do poder do roceiro;
- > As sanzalas, que ainda hoje se mantêm tal como foram construídas e continuam a ser vividas do mesmo modo;
- > O terreiro, pela sua dimensão e por ser o centro de todas as atividades da roça;
- > A alameda da entrada, pela sua imponência e por oferecer a quem visita a Roça Sundry uma entrada marcante.



1. Hotel | 2. Creche | 3. Capela |
4. Mercado | 5. Espaço de cultivo
| 6. Sanzalas | 7. Escola Básica |
8. Habitações Novas | 9. Edifício de
Apoio às Habitações | 10. Posto de
Socorro | 11. Estufas | 12. Laboratório
de Produtos de Cosmética e Loja |
13. Posto de Correios | 14. Fábrica
de Chocolate | 15. Armazém | 16.
Oficinas de Chocolate | 17. Secadores
de Cacau | 18. Serviços Administrativos

Fig.35. Desenho da nova proposta urbana (Desenho provisório)| Fonte: Esquema da autora

3.2.3 | DESENHO URBANO

Com base na análise e compreensão morfológica urbana das roças e na estrutura preexistente da Roça Sundry, surge uma proposta de desenho urbano onde as estruturas urbanas e edificadas trabalham em conjunto para assegurar o maior nível de auto-suficiência da Sundry.

Ao pensar sobre a Roça Sundry, para além da relação entre a inovação e a tradição, que serviu como mote para todo o projeto, houve a preocupação de relacionar uma nova proposta e um novo desenho urbano com o já existente e implementado modelo económico de turismo.

Tal como referido no capítulo anterior, a identificação dos elementos estruturantes foi essencial para a preservação da memória, da tradição e dos monumentos da roça, assim como para a criação de um desenho urbano que confira ligação e continuidade a esses elementos. Como resultado, o novo desenho e programa urbano propõem usos diferentes para as pré-existências, tendo sempre em conta a génese programática das roças, composta por elementos habitacionais; agro-industriais, que na nova proposta passam a designar-se elementos de valor económico, uma vez que abrange não só programas e edifícios relacionados com a

atividade agro-industrial, mas também todos aqueles que trazem receita financeira à roça, inclusive o hotel; e elementos assistências, que se entendem por espaços dedicados à saúde, à educação ou ao apoio da comunidade.

No que toca ao traçado urbano proposto é de realçar que foi gerado pela estrutura pré-existente e pelos seus constituintes. Foram definidos como elementos primários principais do sistema viário da roça a alameda que dá a entrada à roça e o terreiro. “Assim, da componente pública da cidade elegeram-se dois elementos principais: a rua, como um elemento comum integrante do espaço público; e a praça, como elemento urbano de excepção e representação.” (Coelho, 2013: 32) Estes dois elementos têm direções perpendiculares entre si, tendo sido propícia a criação de uma malha urbana ortogonal mantida ao longo de toda a área de intervenção, uma vez que o terreno é praticamente plano, o que facilita a implementação deste tipo de tecido urbano.

As vias que ladeiam as sanzalas são paralelas à alameda principal, tendo sido utilizadas como vias auxiliares ao novo traçado, dando direção e escala à nova zona habitacional. Assim, a área de habitações novas segue a métrica das antigas sanzalas, formando quarteirões de largura equivalente à largura de um conjunto de três comboios de sanzalas.

Dentro que cada quarteirão existe um espaço dedicado a outros usos que não habitacionais, podendo ser uma cozinha comunitária, um espaço de lazer, um local com infra-estruturas para as crianças brincarem ou mesmo um espaço que pode ser aproveitado para uma pequena loja. Estes momentos que surgem numa zona mais regrada em termos de malha e mais privada no que toca ao uso dos edifícios, foram criados com a intenção de diferenciar cada quarteirão, oferecendo serviços e pelo menos

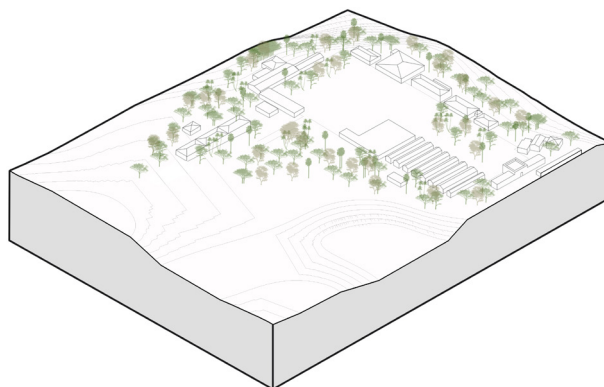


Fig.36. Axonometria do desenho urbano existente na Roça Sundy|
Fonte: Esquemas da autora

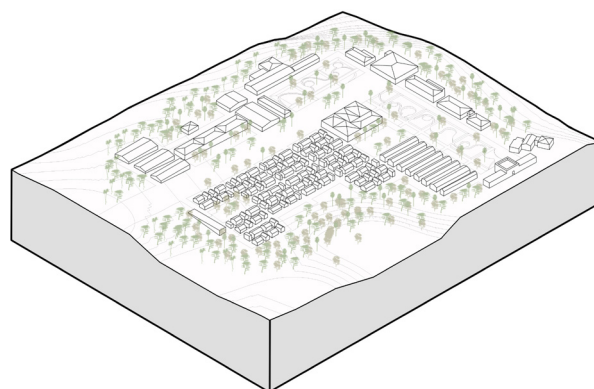


Fig.37. Axonometria do desenho urbano proposto na Roça Sundy|
Fonte: Esquemas da autora

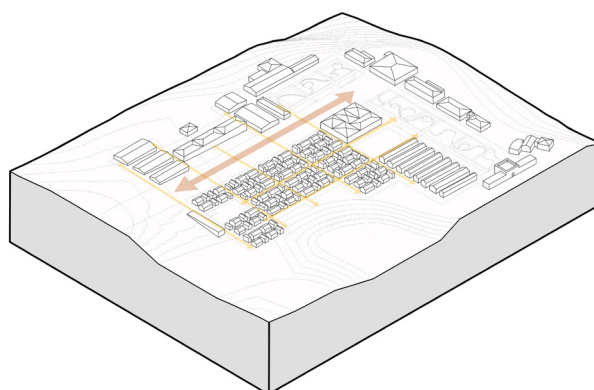


Fig.38. Axonometria dos eixos predominantes do desenho urbano proposto na Roça Sundy| Fonte:
Esquemas da autora

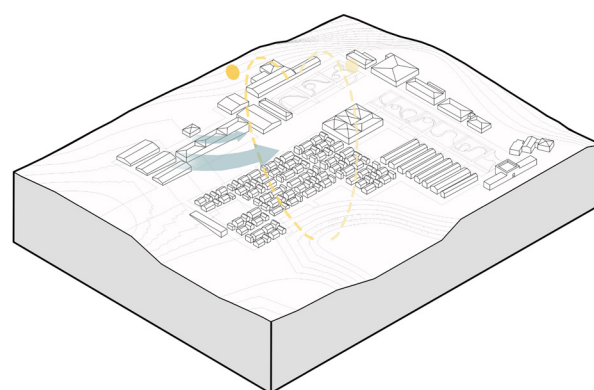


Fig.39. Axonometria das influências climáticas no desenho urbano proposto na Roça Sundy| Fonte: Esquemas da autora

um motivo para vizinhos e turistas o visitarem e desfrutarem dos diferentes quarteirões. Esta intervenção teve como referência o Pac de la Villette em Paris de Bernard Tschumi. Neste projeto, para revitalizar terrenos abandonados e pouco desenvolvidos da cidade, o autor imaginou um espaço para a actividade e interação organizado em três camadas: pontos, linhas e superfícies, em que os pontos foram pensados mesmo como pontos de interesse únicos e todos diferentes, no entanto com características que permitem ao visitante encontrar ligações entre eles, servindo como pontos de referência.

Na zona habitacional e paralela à alameda da roça propõem-se uma via que divide essa zona a meio e que liga conceptualmente o novo edifício de ensino ao bairro habitacional, uma vez que essa via tem nos seus topos a escola e uma pequena praça que se encontre em frente ao edifício de apoio à comunidade.

A nordeste das habitações e atrás do edifício das antigas cavalariças foram criados espaços de cultivo para sustento da população e para uso no restaurante do hotel, dando a conhecer as iguarias locais. Uma vez que o edifício das cavalariças será convertido num mercado, os produtos cultivados pela população poderão ser comercializados nesse local.

No redesenho da Roça Sundy propõem-se que ao entrarmos no território da mesma, do lado esquerdo da alameda estejam um posto de socorro e três edifícios de estufas, á medida que seguimos na alameda em direção à casa principal, encontramos o antigo hospital reabilitado, ao qual foram atribuídos outros usos que não hospitalares, um pequeno edifício de correios, e já junto do terreiro apresenta-se edificado novo de assistência à produção de cacau e chocolate, assim como os antigos secadores, que se propõem voltarem à função que tinham antigamente, desta vez

com a possibilidades de serem visitados, dando a conhecer o processo de fabrico ancestral.

Utilizando o mesmo trajeto, do início da alameda até à casa principal, mas desta vez tomando atenção ao lado direito, encontramos edifícios de habitação novos e um edifício de apoio à comunidade com cozinhas e balneários públicos. Seguindo caminho chegamos à nova escola e ao seu lado as antigas sanzalas reabilitadas para o mesmo uso, à excepção de um dos comboios que será mantido como casa-museu.

Na proposta urbana o edifício das cavalariças, a igreja, a casa principal e os edifício que lhe são vizinhos serão mantidos e reabilitados (no caso dos edifícios que já sofreram esse processo, como a casa principal e os edifícios vizinhos à mesma, não serão alvo de nenhuma intervenção) sendo-lhes atribuídos novos usos que serão descritos no capítulo seguinte.

Relativamente à estrutura arbórea que delimita a roça, propõe-se quebrar essa barreira visual e física transpondo um pouco da paisagem para o interior da roça, criando uma estrutura arbórea contínua e de ligação com o território da Roça Sundry.



Fig.40. Exterior das sanzalas da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019)|
Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Fig.41. Exterior das sanzalas da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019)|
Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre

3.3 | ESCALA DO EDIFÍCIO

3.3.1 | EDIFÍCIOS REABILITADOS

No projeto de intervenção da Roça Sundy, à escala do edifício, foram reabilitadas e requalificadas diversas estruturas que têm um papel fundamental no sistema urbano proposto.

O redesenho à escala do edifício requer uma maior responsabilidade e tomada de consciência de todo o património cultural e arquitetónico deste povo, uma vez que as intervenções tomam lugar em edifícios cujo elevado valor simbólico e cultural tornam indispensável a preservação da sua identidade.

Em suma, neste capítulo serão apresentadas as premissas projetuais de cada edifício preexistente reabilitado. O capítulo seguinte será dedicado aos edifícios propostos, ou seja, ao edificado que não existia na Roça Sundy e que se propõe ser construído.

A reabilitação dos edifícios preexistentes, para além de manter viva a memória do território, devolve a vida àquelas estruturas, humanizando e dinamizando o espaço.

> **Antigo Hospital || Novo espaço de Laboratórios e de Exposição:** Ao entrarmos na Roça Sundy, o antigo hospital é

o enorme edifício que se localiza no início da alameda e do lado esquerdo. Tal como já foi referido em capítulos anteriores, é um edifício com setenta metros de fachada desenhada, cujo principal objetivo era transmitir a força do poder colonial. A proposta de reabilitação deste edifício, que agora se encontra quase todo ele em ruína, consiste em manter o valor arquitectónico deste elemento, fazendo apenas as alterações internas necessárias que permitam albergar os novos usos, e que irão sempre de encontro à traça original do edifício. Quanto ao novo programa, propõe-se a criação de uma grande sala de exposição e comercialização de produtos locais, tais como: o cacau, que voltará a ser produzido; o chocolate, que será produzido em pequenas oficinas para ser comercializado na loja da roça e numa eventual loja na cidade de Santo António, à semelhança dos chocolates da Roça Diogo Vaz; os produtos aromáticos e de cosmética, produzidos em pequenos laboratórios através de plantas criadas nas estufas propostas; e produtos de artesanato. Propõe-se ainda que neste edifício se localizem os laboratórios e a zona de produção artesanal dos produtos aromáticos e de cosmética.

> **Secadores:** Orientados a noroeste, os secadores encontram-se a limitar um dos topos do terreiro, e têm na sua área traseira as plantações de cacau. Uma vez que não está prevista a alteração do programa destes edifícios, propõe-se apenas ativar a função para o qual foram construídos, a secagem do cacau (sendo posteriormente utilizado para a venda e produção de chocolate). Assim, a reabilitação proposta para o conjunto destes elementos tem em conta o programa, elegendo como principal premissa a garantia de uma boa ventilação natural, através da utilização de ripado de madeira na fachada em conjunto com a

Fig.42. Fotografia de um dos secadores da Roça Sundy na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Fig.43. Fotografia das cozinhas comunitárias da Roça Sundy na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



típica construção em alvenaria.

> **Antiga Casa Principal e Armazéns || Hotel Sundy:**

No que diz respeito a estes edifícios, e uma vez que já foram reabilitados pelo grupo HBD, para se tornarem edifícios onde se encontram quartos de hotel, o projeto proposto tem como premissa não propor qualquer intervenção aos trabalhos já realizados e apenas construir um novo sistema urbano que se associe ao hotel já existente.

> **Edifício de Serviços Administrativos:** Localizado do lado esquerdo da casa principal, este pequeno edifício de um piso de altura e área reduzida, está neste momento a ser utilizado como escritório e sala de reuniões do projeto a desenvolver pela HBD na Sundy. Antigamente era onde se localizavam os serviços administrativos da roça, assim, neste projeto propõe-se que o edifício volte a ter o mesmo programa que tinha antigamente. Em termos de intervenção arquitectónica no edifício, não se prevê nenhuma, uma vez que este já se encontra reabilitado.

> **Creche Sundy || Hotel Sundy:** Localiza-se na mesma linha da casa principal, perpendicular à alameda. Em similitude com os edifícios vizinhos da creche, propõe-se que este edifício seja alvo de uma intervenção pouco intrusiva, tal como a casa principal e os armazéns, transformando-se num espaço que aumente a capacidade instalada de quartos de hotel. Esta proposta de aumento do número de quartos de hotel deve-se ao facto de, aquando da visita *in loco* ter sido prececionado como necessário para dar resposta ao aumento da procura turística.

> **Capela:** Localizada no canto nordeste do terreiro, a capela é, como já foi referido, um edifício singular e misterioso. Ao contrário de muitos outros, encontra-se em bom estado de conservação, sendo apenas propostos alguns trabalhos de manutenção e reabilitação ligeira. É importante que todas as propostas de reabilitação sejam controladas e sempre que possível que se mantenham fieis à traça do edifício original, sem comprometer questões básicas de habitabilidade. No caso da capela, este modo de intervenção ainda faz mais sentido pelo valor cultural e espiritual que o edifício carrega.

> **Antigas Cavalariças || Novo Mercado:** Este edifício é um dos mais interessantes da Roça Sundry. Situa-se no todo nordeste do terreiro e a sua morfologia assemelha-se a uma muralha medieval torreada com vãos em arco de ferradura. Dada a sua singularidade, este é um dos edifícios que melhor identifica a roça, de tal modo que a memória com que ficamos da Sundry inclui sempre o edifício das cavalariças. Apesar da fachada principal, que dá para o terreiro, estar bastante bem conservada, o restante do edifício, incluindo o seu interior, encontra-se muito degradado. Assim, propõe-se que a reabilitação deste edifício consista no restauro de todas as fachadas, criando um espaço interior amplo sem quaisquer divisões, para que possa albergar o programa de um mercado. A inserção de um mercado nesta proposta urbana surge como forma de incentivo à produção e comercialização de produtos, dentro da comunidade da roça. Deste modo não será necessária a deslocação, por parte dos moradores, a outras zonas da ilha. A Roça Sundry ganha um espaço dedicado ao comércio, propício a encontros sociais e ao convívio.

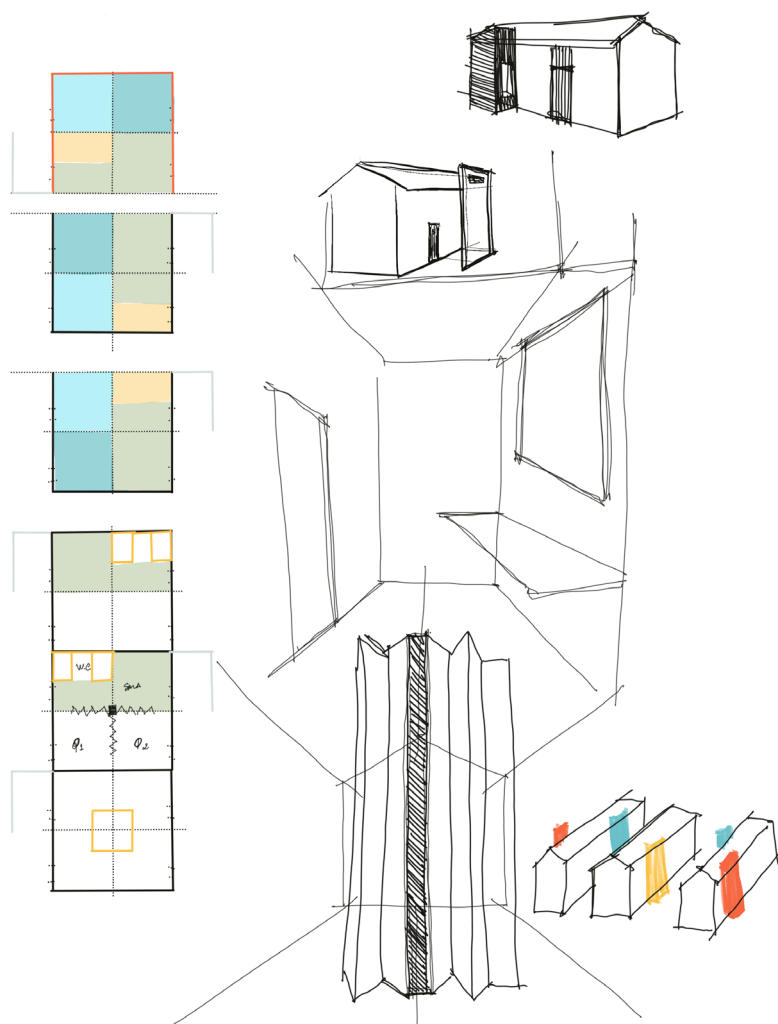


Fig.44. Desenhos da proposta de reabilitação das sanzalas| Fonte: Esquemas da autora

> **Sanzalas || Casa-Museu e Novos espaços Habitacionais:**

Apresentadas como elementos estruturantes do sistema urbano da Roça Sundry, as sanzalas têm a mesma utilização e vivência desde os tempos coloniais. Apesar dos tempos terem mudado e as necessidades das populações também, estas unidades habitacionais não sofreram qualquer alteração para além do acréscimo de algumas estruturas de anexos. Devido aos materiais e ao tipo de construção utilizados nas sanzalas, a sua estrutura mantém-se bem conservada. No entanto, já se nota o passar do tempo nas fachadas e coberturas. Neste sentido, a proposta de intervenção nestes edifícios consiste numa reabilitação que permita reajustar o modelo da sanzala à realidade da roça, sem que perca a sua identidade. Propõe-se que em vez de uma família possuir apenas uma pequena divisão de 9m² para viver, essa mesma família passe a ocupar quatro dessas divisões, somando um total de 36m², contendo deste modo uma zona comum, uma instalação sanitária e dois quartos flexíveis. A cozinha surge como anexo à sanzala com ligação direta à restante habitação, de forma a manter o cariz social que hoje se vive nas cozinhas comunitárias. Um dos comboios de sanzalas, ao contrario dos restantes, propõe-se que se mantenha intacto para casa-museu, de modo a demonstrar como se vivia antigamente nas roças.



Fig.45. Fotografia de habitações de tecido informal em madeira, da Roça Sundry (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Fig.46. Fotografia da creche da Roça Sundry na Ilha do Príncipe (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de José Martins

3.3.2 | EDIFÍCIOS PROPOSTOS

Neste capítulo à semelhança do anterior, serão apresentados os edifícios propostos - nova construção -, assim como as suas premissas programáticas e projetuais.

> **Posto de Saúde:** Localizado à entrada da roça do lado esquerdo. Este novo edifício em conjunto com o edifício de apoio à comunidade, funciona conceptualmente como o portão de entrada da roça, o que permite dar uma noção espacial mais definida a este território. O facto de se encontrar perto da estrada de acesso à roça, facilita o processo de um eventual transporte de urgência para o hospital da cidade de Santo António. Tal como o nome indica, esta construção altera o programa de um pequeno posto de saúde, logo torna-se indispensável garantir a circulação de ar a salubridade do espaço.

> **Estufas:** A inserção de três estufas na Roça Sundry surge da ideia de tirar o máximo partido das espécies vegetais que este território tem. Com algumas espécies existentes é possível manufacturar produtos aromáticos e de cosmética, cuja venda trará rendimento ao complexo Sundry. Através da articulação das

estufas com os laboratórios propostos para o antigo hospital pode ainda surgir a hipótese de se virem a estudar espécies vegetais endêmicas, trazendo cientistas para o território da Sundy.

> **Oficinas do Chocolate:** Aliada à revitalização do antigo processo de produção e comercialização do cacau, propõe-se a criação de um espaço que albergue uma oficina de chocolate. O produto final - tabletes de chocolate, bom-bons, pepitas, etc. - será comercializado na roça e numa loja proposta para a cidade de São António, à semelhança dos chocolates da Roça Diogo Vaz em São Tomé.

> **Habitações Novas:** Neste projeto de redesenho da Roça Sundy a expansão da zona habitacional é indispensável. Atualmente existem inúmeros anexos e construções aleatórias que complementam as sanzalas para que todas as famílias tenham o seu espaço, maioritariamente em madeira, o que já provocou incêndios. Deste modo, propõe-se que a área a sudeste das sanzalas, onde agora se encontram construções precárias, seja redesenhada e utilizada para a construção de habitações novas. Propõe-se que sejam implantados quatro modelos de habitação, seguindo uma métrica ortogonal, com génese nas antigas sanzalas. Estes quatro modelos têm uma relação forte entre eles por surgirem todos de variações de um primeiro desenho de habitação, assim a agregação dos vários modelos torna-se coesa sem ser monótona. Todas as habitações foram desenhadas com o intuito de preservar uma relação muito forte com o espaço público, resultando num desenho livre e muito comunicativo com o exterior, onde apenas os quartos e a instalação sanitária são caracterizados como espaços interiores. As habitações são compostas por: um espaço comum;

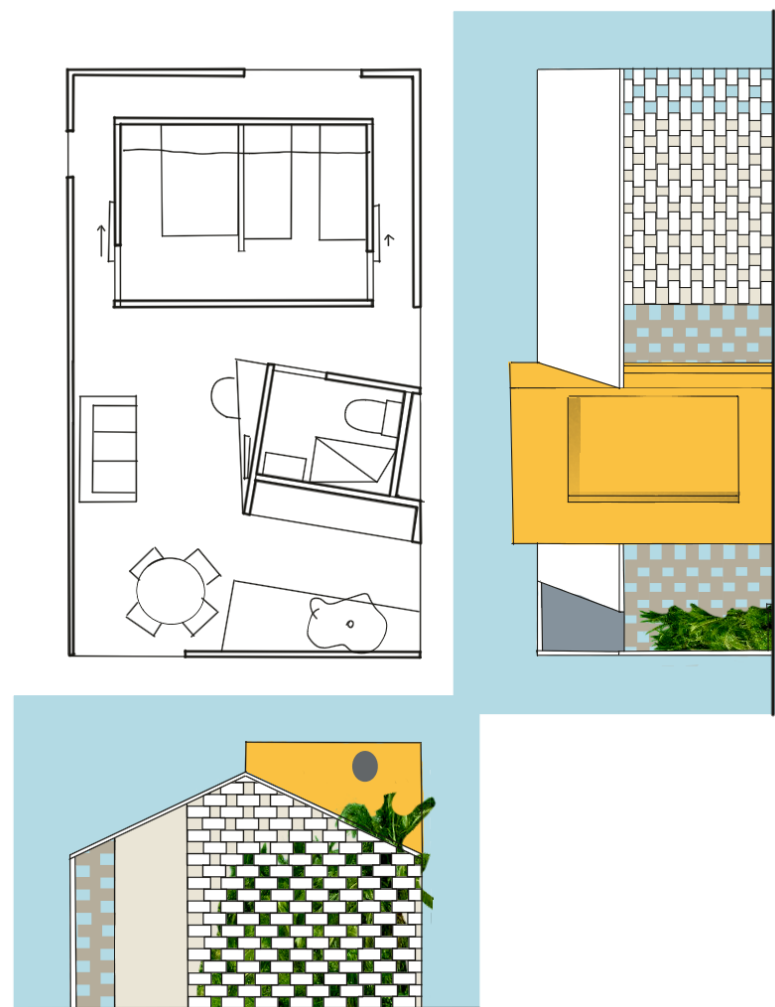


Fig.47. Desenhos das habitações novas propostas (Desenho provisório)|
Fonte: Esquemas da autora

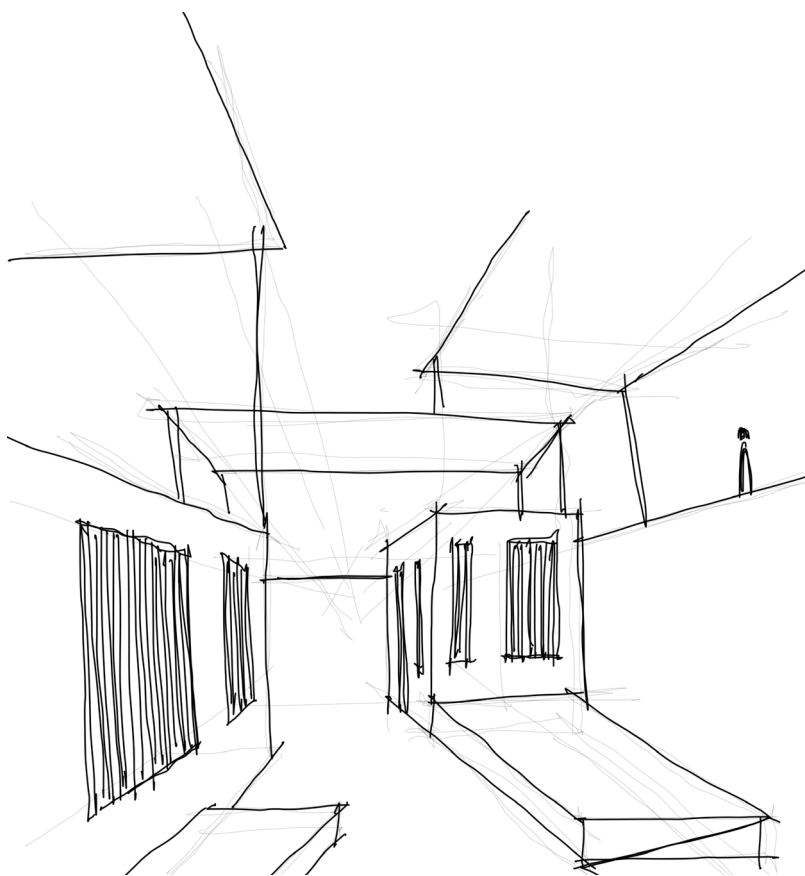


Fig.48. Esquiço do edifício escolar proposto| Fonte: Esquemas da autora

uma cozinha; uma instalação sanitária; dois quartos; uma zona de estar (um banco incluindo no desenho da habitação) direcionada para a via pública para promover o convívio e as relações de vizinhança; e um espaço de deambulação, que consiste num corredor desenhado para ser um espaço que convida a um maior recolhimento, fresco e sossegado, no qual se consegue um equilíbrio entre o espaço o interior e exterior.

> **Edifício de Apoio à Comunidade:** Este edifício surge como complemento às habitações. Dá lugar a um programa de cozinhas e balneários comunitários, podendo ainda assumir-se como um ponto de encontro dos residentes. Este espaço é em muito beneficiado por de um pequeno largo localizado à frente do edifício, marcando ainda mais a exceção naquele tecido ortogonal de edifícios habitacionais.

> **Escola Básica:** O edifício da nova escola básica da Roça Sundry, caracterizado mais detalhadamente no capítulo seguinte, surge como uma necessidade da comunidade de residentes, uma vez que o edifício da escola atual encontra-se muito degradado e sem capacidade de albergar o número de alunos existentes na roça, resultando em aulas lecionadas na rua. Por se encontrar muito degradado e sem valor arquitetónico, propõe-se que o atual edifício de ensino seja demolido e que o novo edifício assuma a localização ao lado das sanzalas delimitando o terreiro. Este novo edifício foi desenhado não só para ser uma escola básica, mas também para servir outros usos, como reuniões e eventos da comunidade de moradores, sendo-lhe conferido um carácter polivalente.

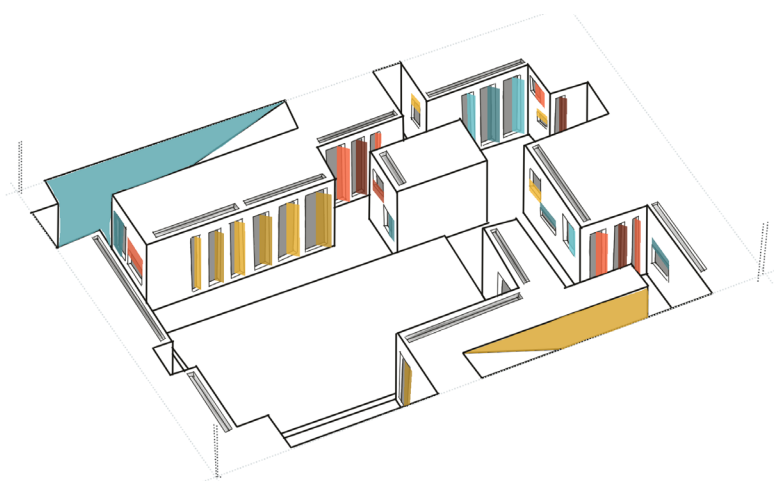


Fig.49. Esquema conceptual do edifício escolar proposto| Fonte: Esquemas da autora

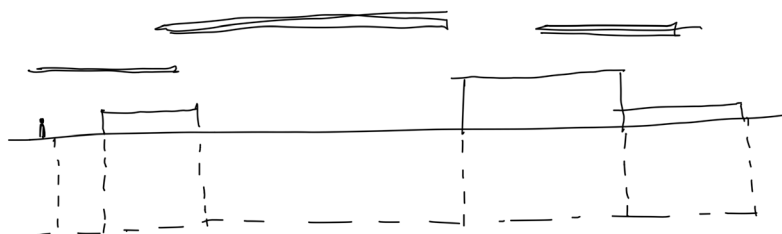


Fig.50. Esqueto do edifício escolar proposto| Fonte: Esquemas da autora

3.3.3 | ESCOLA DA SUNDY

A escola básica foi o edifício escolhido, de todo o conjunto urbano, para ser desenvolvido mais pormenorizadamente e a diferentes escalas. A escolha recaiu sobre este edifício pela curiosidade que tinha em desenvolver um equipamento que albergasse o programa de uma escola básica, que me fizesse pensar sobre o que contribui para um bom ambiente escolar e de que modo a arquitetura do espaço pode fazer a diferença positiva. Mas foi sobretudo a necessidade da comunidade residente ter uma escola capaz de servir a sua função e simultaneamente que acrescentasse valor arquitetónico à roça, que fez com que este trabalho recaísse sobre o edifício da escola.

Localizada perto do momento em que a alameda encontra o terreiro e perto das sanzalas, a nova escola básica assume-se como um elemento bastante importante do sistema urbano. É relevante referir que pela sua localização, este edifício surge como um elemento de ligação da nova zona habitacional ao terreiro e à zona hoteleira.

O atual edifício escola da Roça Sundy encontra-se com inúmeros problemas, e ao ter contacto direto com estes

durante a visita ao local, tornou-se ainda mais evidente a urgência de pensar num novo edifício que satisfizesse as necessidades educacionais da comodidades. O elevado estado de degradação do edifício, o défice de área de sala de aula em comparação com a quantidade de alunos e a falta de comunidades básicas à atividade escolar são fatores que tornam incontornável a construção de uma nova escola. Assim propõe-se a demolição do atual equipamento de ensino e a construção de um novo, no local acima descrito.

A pesquisa realizada e exposta no subcapítulo 3.1.2, sobre o setor educacional em São Tomé e Príncipe, demonstra que tal como na maioria dos países em desenvolvimento, o sistema educativo do arquipélago santomense encontra-se ainda pouco desenvolvido, sendo um dos problemas detetado a carência de estrutura de ensino e a má localização das existentes. Extima-se que existam cerca de duzentas crianças a residir na Roça Sundry, se no redesenho urbano deste território não fosse proposto um edifício escolar estas crianças teriam que percorrer vários quilómetros a pé para poderem frequentar o ensino básico, e acabariam por sobrelotar outras estruturas de ensino. Assim surgiu o projeto da nova escola básica da Roça Sundry.

A ideia que acompanhou todo o processo projetual do edifício escolar e que muito influenciou a sua morfologia, surgiu da composição urbana e da utilização deste edifício como elemento de ligação de duas realidades. Esta intenção evoluiu para a ideia conceptual de um edifício que funciona-se como uma janela entre o terreiro e a zona habitacional, tentando ao máximo evitar o efeito de muro e separação destes dois espaços. Uma vez que o terreiro assume o papel de terra de ninguém, sendo um espaço neutro onde convivem duas realidades muito distintas - os turistas e os residentes da roça -, era muito importante que essa ligação não

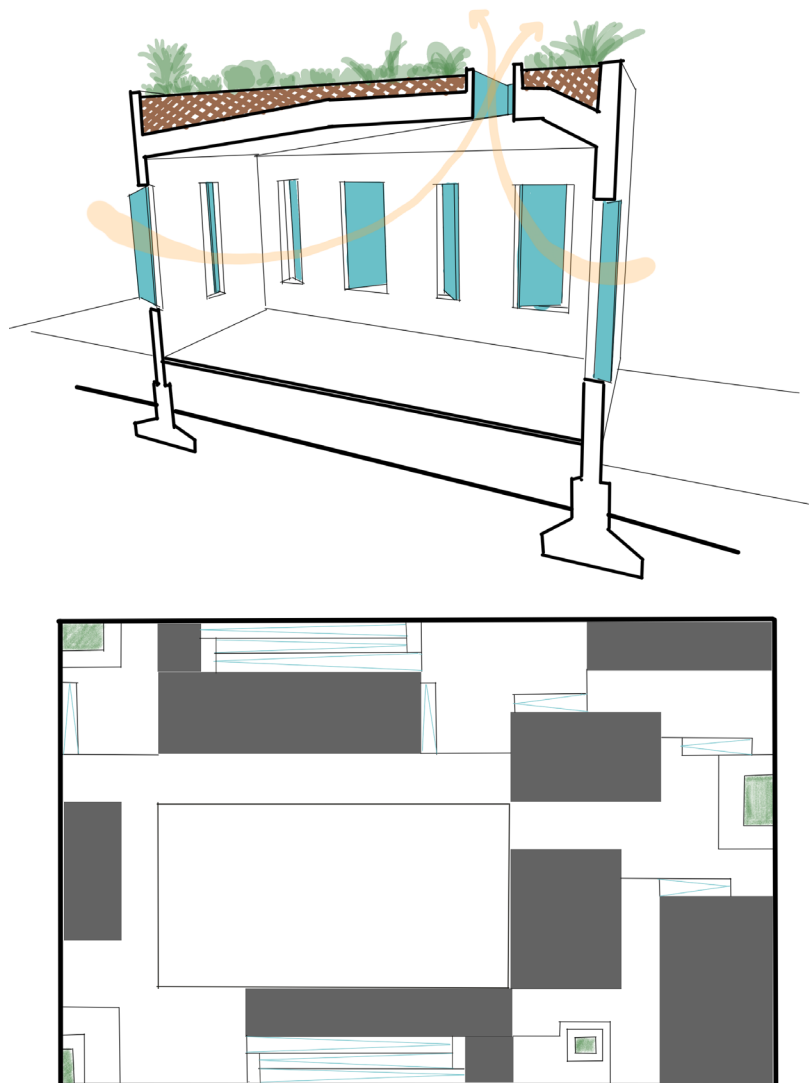


Fig.51. Desenhos do edifício escolar proposto| Fonte: Esquemas da autora

se viesse a quebrar com a construção da escola. Assim nasce a opção de construir a escola abaixo do piso térreo num jogo de cheios e vazios com o solo. Como referência morfológica e conceptual do projeto destaca-se a intervenção do escultor Eduardo Chillida na *Plaza de los Fueros* em Espanha, na qual me baseei para a criação de uma composição harmoniosa de volumes.

A construção do programa de necessidades da escola da Roça Sundy, teve por base o documento da Direção Geral da Administração Escolar - Normas para a Concepção e Construção de Escolas Básicas. Apesar deste documento ser referente à sociedade portuguesa, para o efeito deste projeto, foi reajustado à realidade santomense, mais especificamente à realidade da Roça Sundy. Assim sendo, o conteúdo programático é composto por: uma biblioteca (86m²); sete salas de aula (43m² - 53m²); uma sala de trabalhos manuais (60m²); balneários femininos e masculinos (28m² cada); uma enfermaria (9m²); uma cozinha (36m²); uma sala de arrumos (9m²); uma zona de refeitório (152m²); instalações sanitárias (40m² ao todo); uma recepção (13m²); uma sala de professores (33m²); uma sala de reuniões (13m²); uma sala da direção (13m²); e um campo de jogos (465m²). A área de implantação e de construção da escola é cerca de 2500m², sendo aproximadamente 780m² espaços interiores e os restantes 1720m² espaços exteriores cobertos.

Como projeto de referência à construção do programa adaptado à Roça Sundy e ao desenho de uma escola num clima tropical, destaco a escola básica e a escola secundária de Burkina Faso do arquiteto Francis Kéré.

Anteriormente descrevi o conceito que deu origem e acompanhou todas as escalas do projeto do edifício da escola básica. De seguida passarei a uma descrição mais pormenorizada do edifício

e dos elementos que o compõem. É importante referir que toda a estrutura compositora da escola teve origem no traçado ortogonal e nos alinhamentos urbanos do terreiro e das antigas sanzalas.

Iniciando o discurso pela cobertura, esta é um elemento de destaque de toda a composição, e também por isso a descrição de todo o edifício tem início na mesma. A cobertura é o elemento que marca a escola e que permite ao observador localizá-la no espaço, uma vez que todo o edifício se desenvolve a baixo da cota do piso térreo e a cobertura arranca a uma cota de +3m. Em termos conceptuais, esse vazio espacial entra a cobertura e os restantes elementos de construção surge mais uma vez como forma de delinear a janela imaginária já mencionada, transmitindo leveza através desse elemento. O desenho da cobertura nasce de um jogo de volumes leves harmoniosamente relacionados com os alinhamentos da escola, e de modo a conseguir uma composição de alçado dinâmica.

Como já foi mencionado, todo o programa da escola desenvolve-se 3m abaixo do nível do terreno. Optou-se por desenhar os acessos a esta cota apenas em rampa, assim o momento de entrada na escola destaca-se como sendo mais um elemento de recreio, dando aso a ser aproveitado por parte das crianças para fazerem corridas, assegurando também a questão da acessibilidade.

As salas de aula e os restantes espaços fechados organizam-se em torno de um campo de jogos, utilizando-o como referência e guia à composição. Estes elementos fechados serão ventilados através de vão e de recortes no teto criando uma ventilação em efeito chaminé. Os vão serão guarnecidos por portadas pivotantes, portadas estas que se propõe que sejam recuperadas de antigas portas de madeira existentes na roça.

Consequência de se projetar um edifício enterrado é o

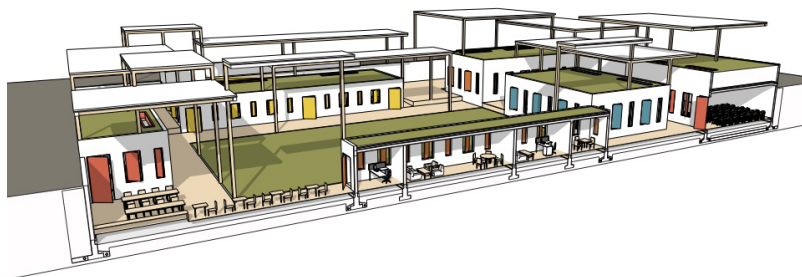


Fig.52. Corte perspectivado do edifício escolar proposto| Fonte: Esquemas da autora

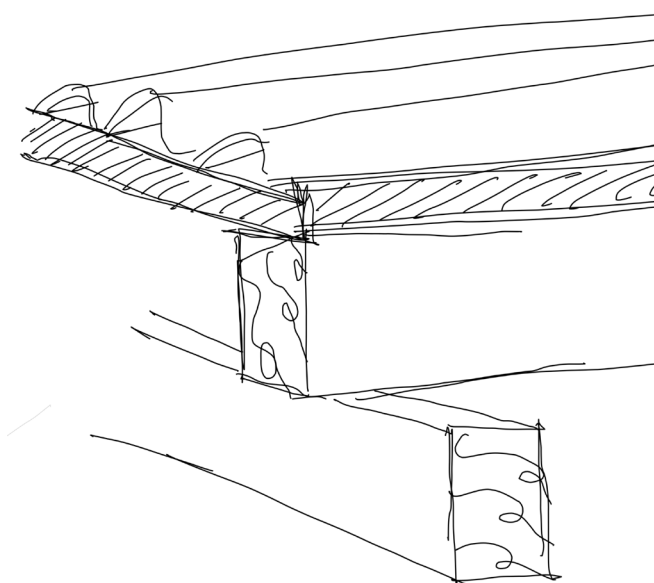
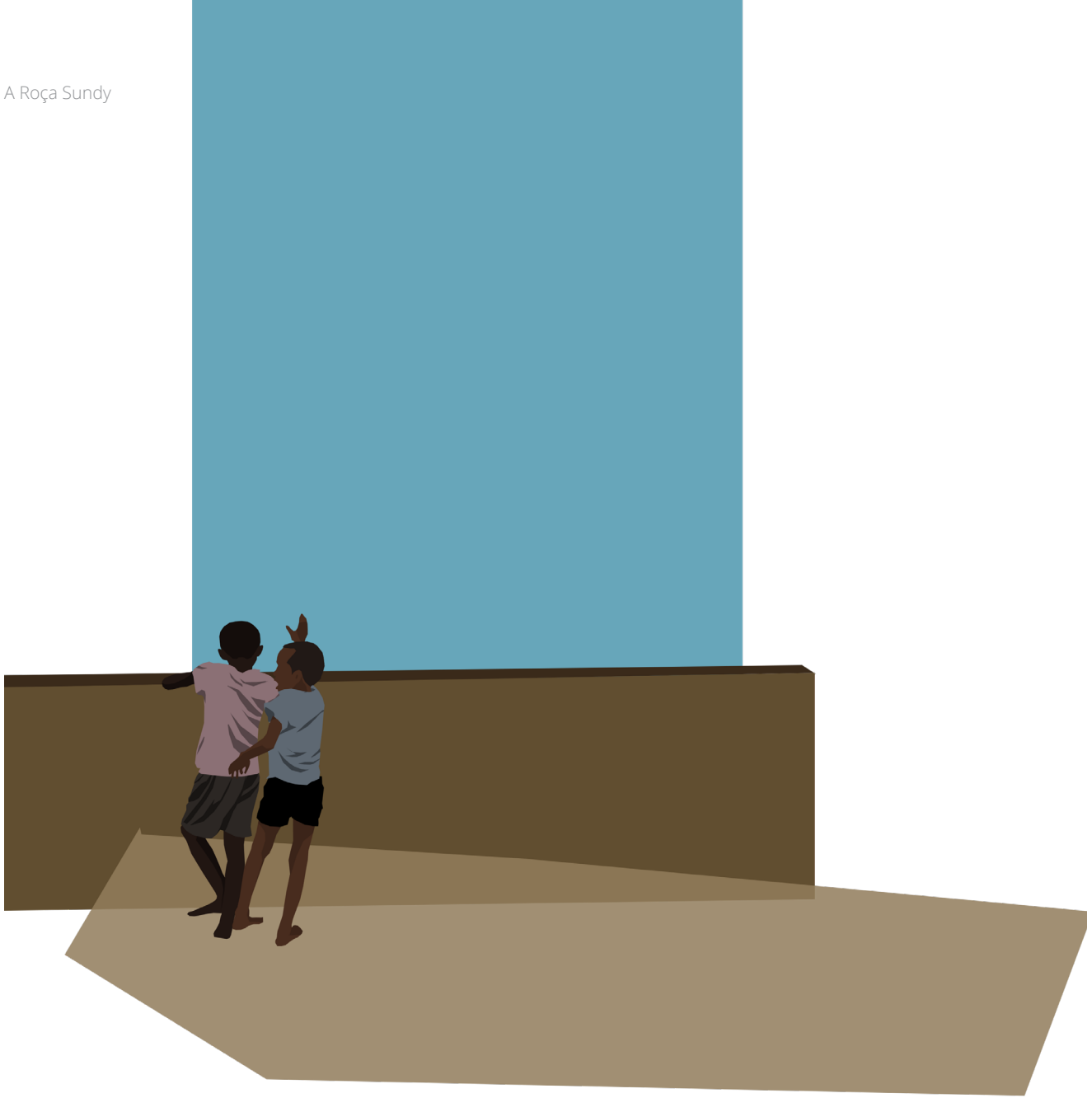


Fig.53. Esquema dos sistema construtivo das coberturas do edifício escolar proposto| Fonte: Esquemas da autora

espaço acabar por ser todo muralhado, neste caso por muros de contenção de terra. Como forma de aliviar o espaço, tornando-o mais dinâmico, propõe-se que em alguns desses muros surjam momentos de brincadeira, e para tal propõe-se uma parede de escalada ou uma parede de xisto, que permita às crianças desenhar com giz, e outros sejam tratados com alguns elementos coloridos criando um ambiente acolhedor e alegre, com o qual as crianças se identifiquem.

No que toca à materialidade deste edifício, a utilização da madeira surge na estrutura das coberturas e em alguns elementos de carpintaria como as portadas, as fundações são em betão armado e os muros de contenção de terra serão construídos com gabiões e revestidos a blocos de cimento.



04 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

São Tomé e Príncipe, um território dominado pela natureza, viu crescer nos últimos anos a atividade turística. No contexto das roças, muitas delas foram e estão cada vez mais a ser recuperadas e direcionadas para entrarem no mercado do eco-turismo. A Roça Sundry não foi exceção.

Este projeto abraçou o desafio de intervir num território, não só com uma história e cultura imensa, como também já com reabilitações realizadas e outras em curso resultando numa unidade hoteleira já em funcionamento. Posto isto, a intervenção na Roça Sundry baseou-se na criação de um programa que convivesse com o hotel já existente, repensando o atual funcionamento de toda a estrutura urbana.

Em oposição ao projeto de reabilitação da Roça Sundry desenvolvido pelo grupo HBD, que se baseia no realojamento dos moradores da roça para um novo território urbanizado a 4 km da Sundry de modo a despovoar todo o território da roça utilizando-o por completo para albergar o programa de um hotel de luxo, a estratégia proposta neste projeto trará ao território da roça e aos moradores inúmeras melhorias sociais, tais como: a oferta de novos postos de trabalho, novos serviços e habitações;

a preocupação com a preservação e o respeito de uma cultura; a relação direta com diferentes realidades, tanto por parte dos turistas como dos residentes; e a consciência e respeito pelo meio ambiente.

À semelhança da estratégia aplicada na Roça São João dos Angolares, em São Tomé, o projeto proposto para a Roça Sundy apoia-se em princípios ecológicos e de sustentabilidade, tornando possível a ligação direta entre a atividade turística e o apoio social. Um exemplo dessa ligação encontra-se precisamente na Roça São João dos Angolares, onde todos os pratos confeccionados no restaurante que serve o hotel contêm produtos cultivados dentro da roça pelos residentes. Assim torna-se possível a criação de uma estrutura interna que tanto serve o setor turístico como permite o crescimento económico e desenvolvimento da roça e dos seus moradores, privilegiando os ofícios artesanais e dando a conhecer a tradição das roças.

O estudo da história e a contextualização do arquipélago de São Tomé e Príncipe foi indispensável para a compreensão do papel que as roças tiveram para o desenvolvimento do país. Tal entendimento foi importante para o redesenho de um modelo urbano assente na interpretação das tipologias preexistentes, das práticas sociais e da ocupação da roça. Este projeto olha para as roças como territórios que carregam um enorme peso do passado mas, mais do que isso, que devem voltar a ser alavancas para o desenvolvimento futuro. Assim surgiu a proposta da nova Escola Básica, enquanto elemento marcante do desenho urbano e indispensável ao desenvolvimento do território.

Esta intervenção teve também como premissa projetual a relação do novo desenho urbano e arquitetónico com a paisagem, assegurada pelos materiais propostos, preferenciando o uso de

materiais tradicionais e respeitando sempre as exigências climáticas.

A requalificação do programa e desenho urbano da Roça Sundry incidiu no assentamento de novas realidades sociais e turísticas, sem comprometer a memória e a identidade do local.

BIBLIOGRAFIA

Andrade, R. (2008). *As Roças de São Tomé e Príncipe: O passado e o futuro de uma arquitetura de poder*. Licenciatura. FAUP.

Argan, G. and Cabra, P. (1998). *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.

Brito, B. (2004). *Turismo Ecológico: Uma Via para o Desenvolvimento Sustentável em São Tomé e Príncipe*. Doutorado. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Brito, B., Alarcão, N. and Marques, J. (2009). *Desenvolvimento comunitário*. Lisboa: Gerpress.

Cachim, P. (2014). *Construção em Madeira - A madeira como material de construção*. 2nd ed. Publindústria.

Carvalho, A. (2006) *São Tomé e Príncipe -África: 30 anos depois*, edição temática da revista Visão. Cascais.

Choay, F. (2001). *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade.

Coelho, C. (2013). *Os elementos urbanos: Cadernos de morfologia urbana*. Lisboa, Portugal:

Argumentum.

Coelho, C. (2014). *O tempo e a forma: Cadernos de morfologia urbana*. Lisboa: Argumentum.

Fernandes, A., Fernandes de Sá, M. and Póvoas, R. (2012). *Regeneração das roças de São Tomé e Príncipe: herança e apropriação, desafios e potencial para o desenvolvimento*. Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica. Lisboa.

Fernandes, J. (2012). *As cidades de São Tomé e de Santo António, até aos séculos XIX e XX - arquitectura e urbanismo*. Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica. Lisboa.

Fernandes, J. (2005). *As Roças de São Tomé e Príncipe. Valor Urbanístico e Arquitectónico*, Caleidoscópio, Casal de Cambra

Guedes, M. (2015). *Arquitectura sustentável em São Tomé e Príncipe*. Lisboa: IST Press.

Hertzberger, H. (2008). *Space and learning*. Rotterdam: 010 Publ.

Loloum, B., Pinto, J., Alarcão, N., Duarte, A., Amaro, R., Brito, B. and Rocha Brito, B. (2010). *Turismo em Meio Insular Africano: Potencialidades, Constrangimentos e Impactos*. Lisboa: Centro de Estudos Internacionais.

Lych, K. (2014). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

Machado da Silva, H. and Fernandez, S. (2012). *A Roça de São Tomé e Príncipe: Desígnio e Projecto*. Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica. Lisboa.

Ministério da Educação, Cultura e Formação da República Democrata de São Tomé e Príncipe (2012). *Carta de Política Educativa de São Tomé e Príncipe, Visão 2022*.

Morais, J. and Malheiro, J. (2013). *São Tomé e Príncipe - Património Arquitectónico*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Nascimento, A (2000) *O Quotidiano dos Europeus nas Roças de São Tomé nas Primeiras Décadas de Novecentos*

Em: Arquipélago – História, 2a série, 377-408

OECD. (2011), *Designing for Education: Compendium of Exemplary Educational Facilities* 2011. Paris: OECD Publishing.

Pape, D., Rebelo de Andrade, R. and Nogueira, F. (2015). *As roças de São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Tinta-da-China.

Romana, H. (1996). *São Tomé e Príncipe: Elementos para uma análise antropológica das suas vulnerabilidades e potencialidades*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Rossi, A. (2007). *The architecture of the city*. Cambridge, Mass: MIT Press.

Santa-Rita, A. (2012). *A arquitetura da era colonial de S. Tomé e Príncipe*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Sterling, S. (2001). *Sustainable Education – Re-Visioning Learning and Change*. In Schumacher Society Briefing no. 6. Dartington: Green Books.

Sterling, S. (2008). *Sustainable Education – Towards a deep learning response to unsustainability*. In Policy & Practice: A Development Education Review, Vol. 6, Spring.

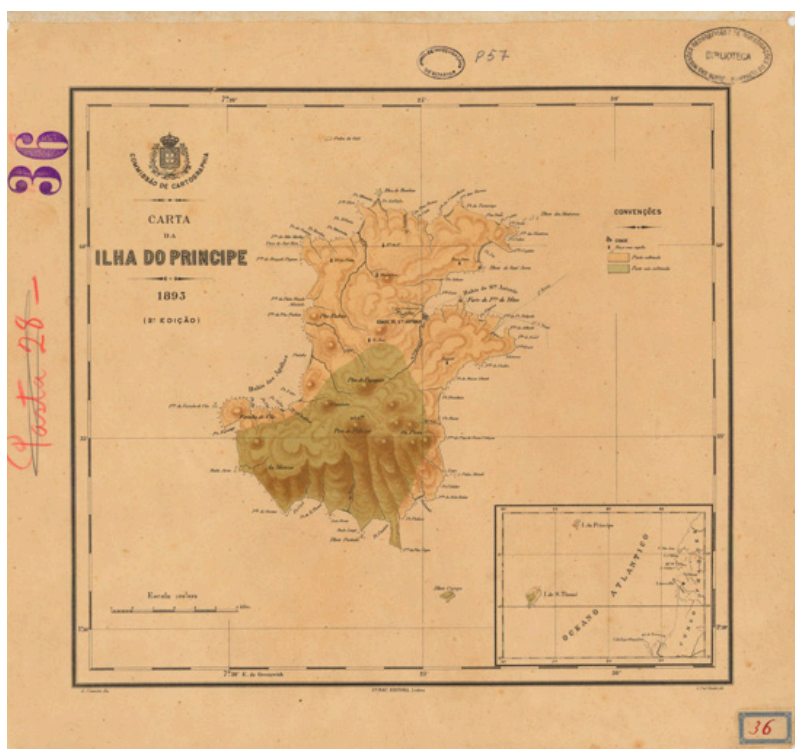
Taylor, A. and Enggass, K. (2009). *Linking architecture and education: Sustainable Design of Learning Environments*. Albuquerque: University of New Mexico Press.

Tostões, A., Carapinha, A., Corte-Real, P. and Constantino, M. (2017). *Gulbenkian*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviços Centrais.

Vicente, M. (2016). (RE) Viver as Roças: Reabilitação participada das roças de São Tomé e Príncipe. Mestrado. FAUL.

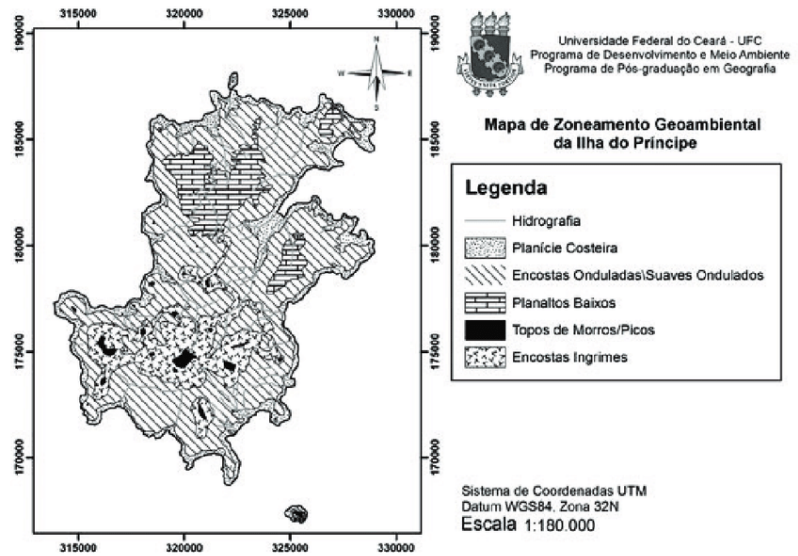
Zumthor, P. (2009). *Pensar a Arquitectura*. Editorial Gustavo Gili.

ANEXOS

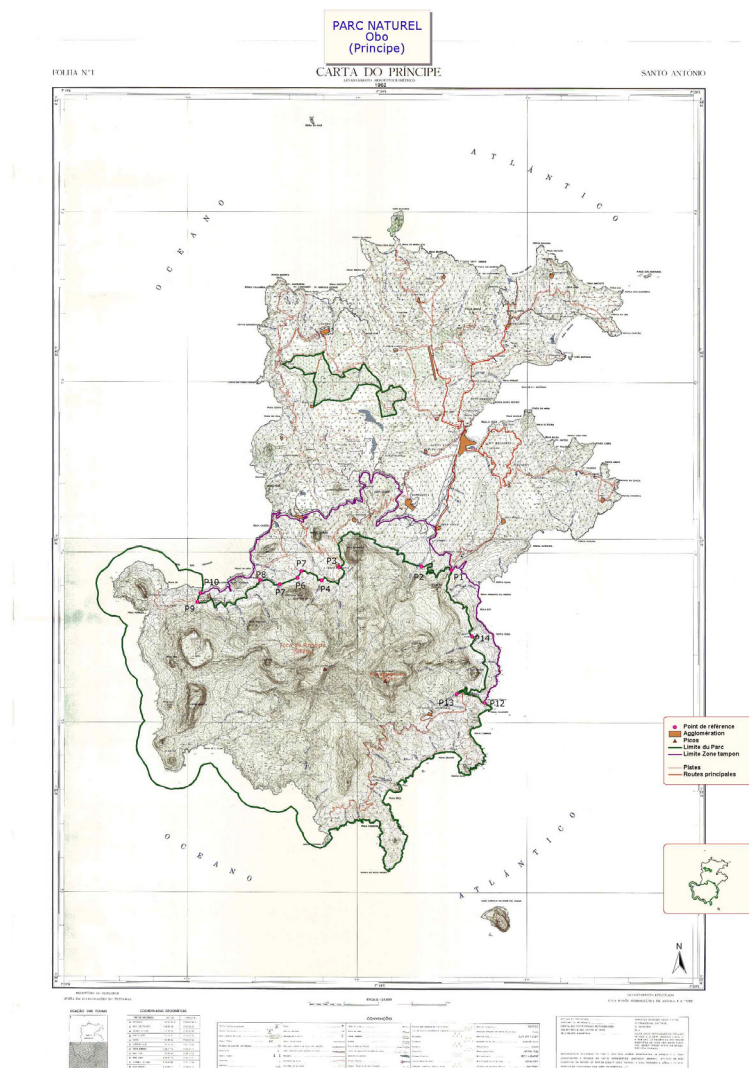


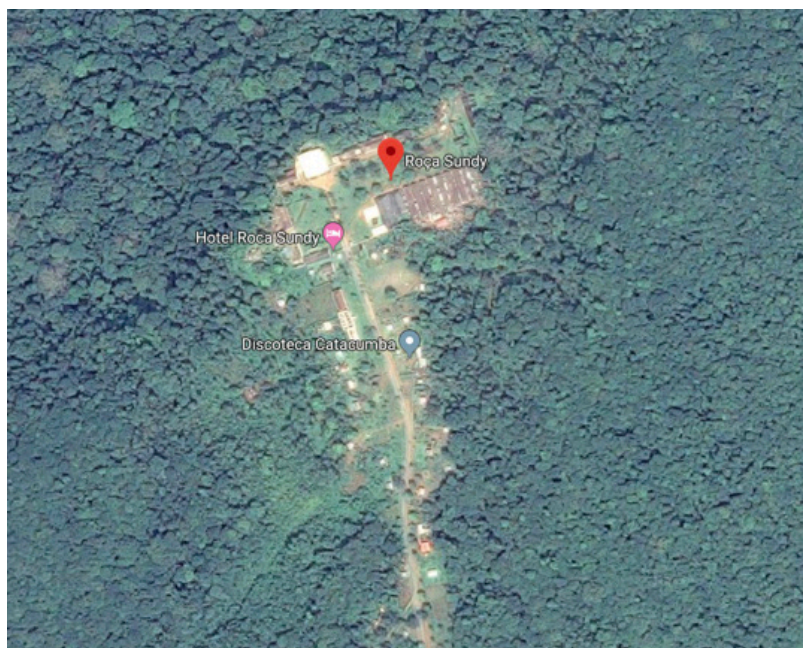
Anexo.1. Carta da Ilha do Príncipe de 1893, 2ª edição | Fonte: <http://rnod.bnportugal.gov.pt/rnod/winlibsrch.aspx?&pesq=3&doc=34453>

Anexo.2. Mapa de Zoneamento Geoambiental da Ilha do Príncipe | Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Mapa-de-Zoneamento-Geoambiental-da-Ilha-do-Principe_fig1_300207927



Anexo.3. Delimitação do Parque Obó na Ilha do Príncipe, Decreto 2016 | Fonte: https://issuu.com/saotomeprincipe/docs/atlas_stp_2010





Anexo.4. Fotografia Aérea da Roça Sundy | Fonte: Google Maps



Anexo.5. Planta da Roça Sundy | Fonte: *As Roças de São Tomé e Príncipe*, p.137, 2ª edição, Agosto de 2015

REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR SEXO

TOTAL	MASCULINO	FEMININO
416	213	203

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR GRANDES GRUPOS DE IDADE E SEXO

IDADE	MASCULINO	FEMININO
0-14	97	87
15-64	107	107
> 64	9	9

REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR RELIGIÃO

ADVENTISTA	ASSEMBLEIA DA DEUS	CATÓLICA	NOVA APOSTÓLICA	OUTRAS	NÃO TEM
28	8	352	10	113	5

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR NACIONALIDADE

NACIONALIDADE	MASCULINO	FEMININO
SANTOMENSE	209	196
ESTRANGEIRO	4	7

Anexo.6. Estado e estrutura da população da Roça Sundry | Fonte: Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe

REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR LÍNGUA FALADA

TOTAL	PORTUGUES	FORRO	ANGOLAR	LUNGUE	CABO VERDIANO	FRANCÊS	INGLÊS	OUTRA
396	363	48	37	11	343	6	6	1

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR APTIDÃO DE SABER LER E ESCREVER

SABE	MASCULINO	FEMININO
LER E ESCREVER	164	143
LER	0	0
NÃO SABE LER NEM ESCREVER	18	29

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR FREQUÊNCIA ESCOLAR

	MASCULINO	FEMININO
A FREQUÊNTAR	95	88
FREQUENTOU	86	81
NUNCA FREQUENTOU	13	13

Anexo.7. Educação da população da Roça Sundry | Fonte: Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR PRESENTE ATIVIDADE ECONÓMICA

	MASCULINO	FEMININO
EMPREGADO	86	59
DESEMPREGADO	6	3
INATIVO	58	75

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR PROFISSÃO

REPRESENTANTES DO GOVERNO, DIRETORES E GESTORES EXECUTIVOS	2
ESPECIALISTAS DAS ATIVIDADES INTELLECTUAIS	8
TÉCNICOS DE NÍVEL INTERMÉDIO	4
PESSOAL ADMINISTRATIVO	3
PESSOAL DOS SERVIÇOS E VENDEDORES	23
AGRICULTORES E PESCADORES	77
OPERÁRIOS ARTÍFICES	6
OPERADORES DE MÁQUINAS E DE LINHAS DE MONTAGEM	7
TRABALHADORES NÃO QUALIFICADOS	15

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR SITUAÇÃO NA PROFISSÃO

TRABALHADOR POR CONTA DE OUTREM C/ CONTRATO	22
TRABALHADOR POR CONTA DE OUTREM S/ CONTRATO	85
TRABALHADOR POR CONTA PRÓPRIA	37

Anexo.8. Características económicas da população da Roça Sundry | Fonte: Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe



Anexo.9. Fotografia do hospital da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre

Anexo.10. Fotografia do hospital da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Anexo.11. Fotografia do hospital da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre





Anexo.12. Fotografia do hospital da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Anexo.13. Fotografia da materialidade da Roça Sundy (2019)| Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre

Anexo.14. Fotografia da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Anexo.15. Fotografia das cavalariças da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Anexo.16. Fotografia de habitação informal da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre





Anexo.17. Fotografia das sanzalas da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre



Anexo.18. Fotografia do interior das sanzalas da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre

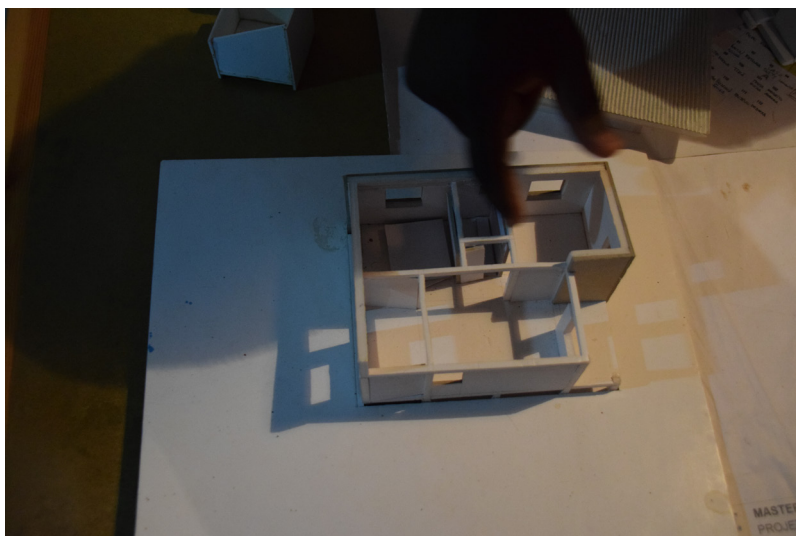
Anexo.19. Fotografia da casa principal da Roça Sundy (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de Beatriz Carvalho e Diana Silvestre

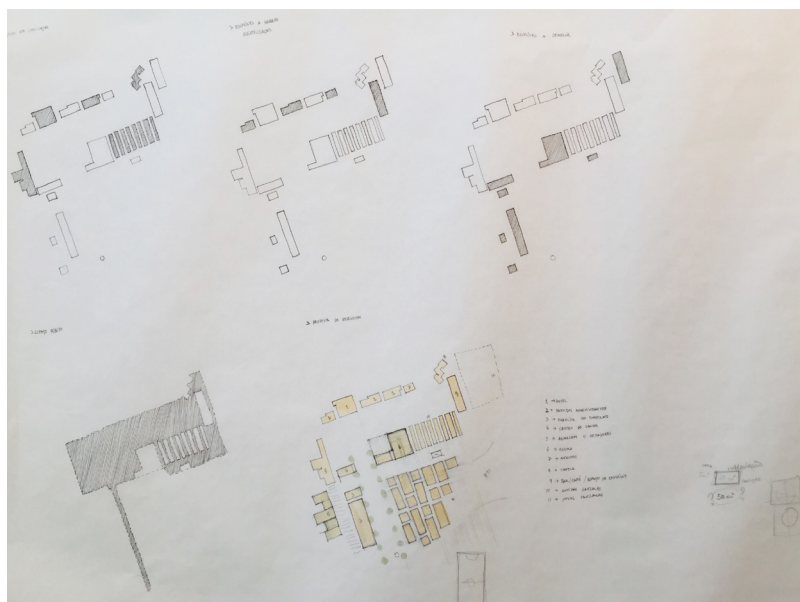


Anexo.20. Fotografia das maquetes das habitações para a "Terra Prometida" (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de José Martins

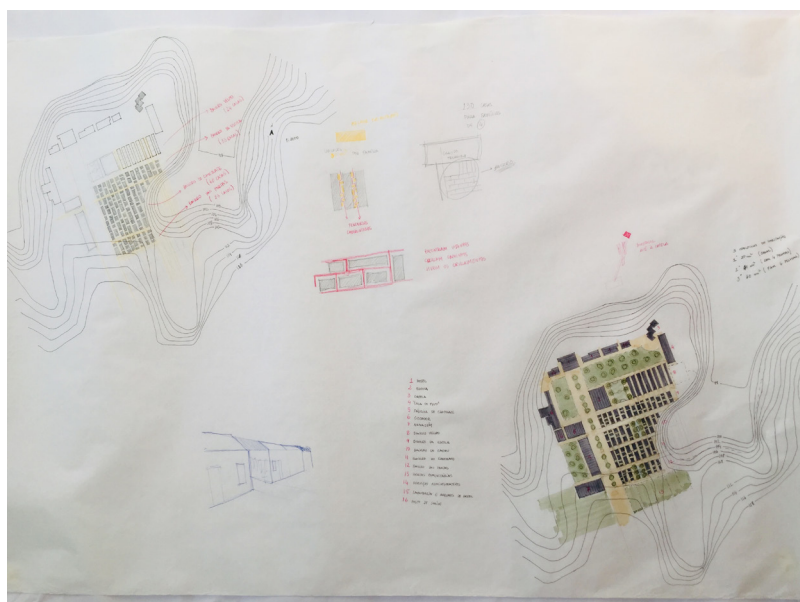


Anexo.21. Fotografia das maquetes das habitações para a "Terra Prometida" (2019) | Fonte: Coleção de Fotografias de José Martins

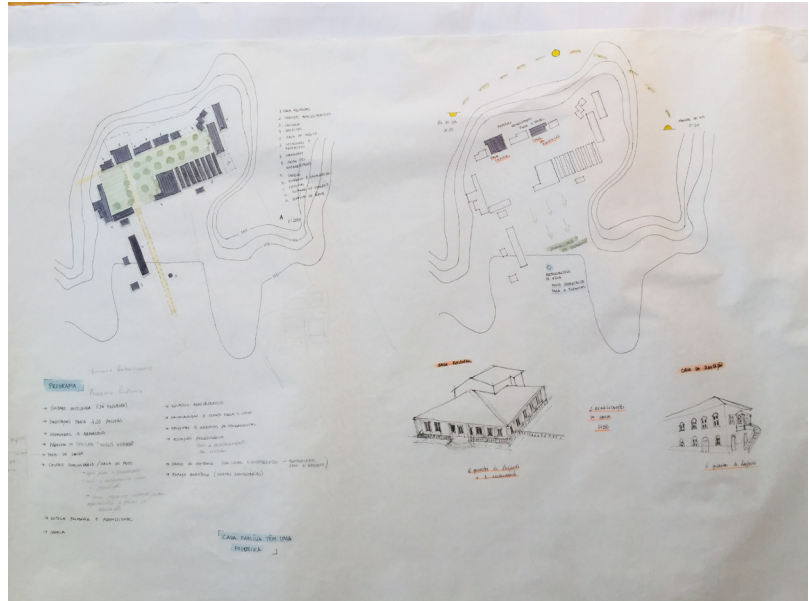




Anexo.22. Espaço público/privado + estado de conservação dos edifícios | Fonte: Esquemas da autora



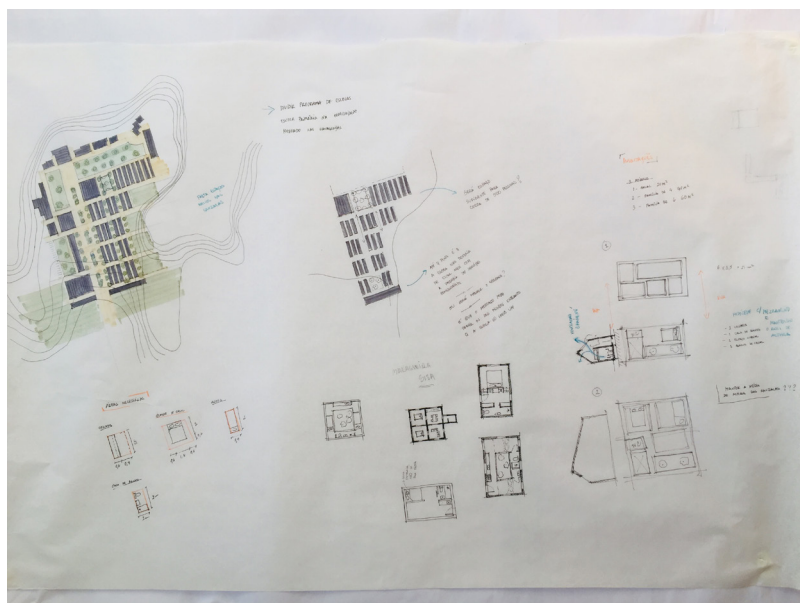
Anexo.23. Desenho urbano - estudo da organização das sanzalas | Fonte: Esquemas da autora



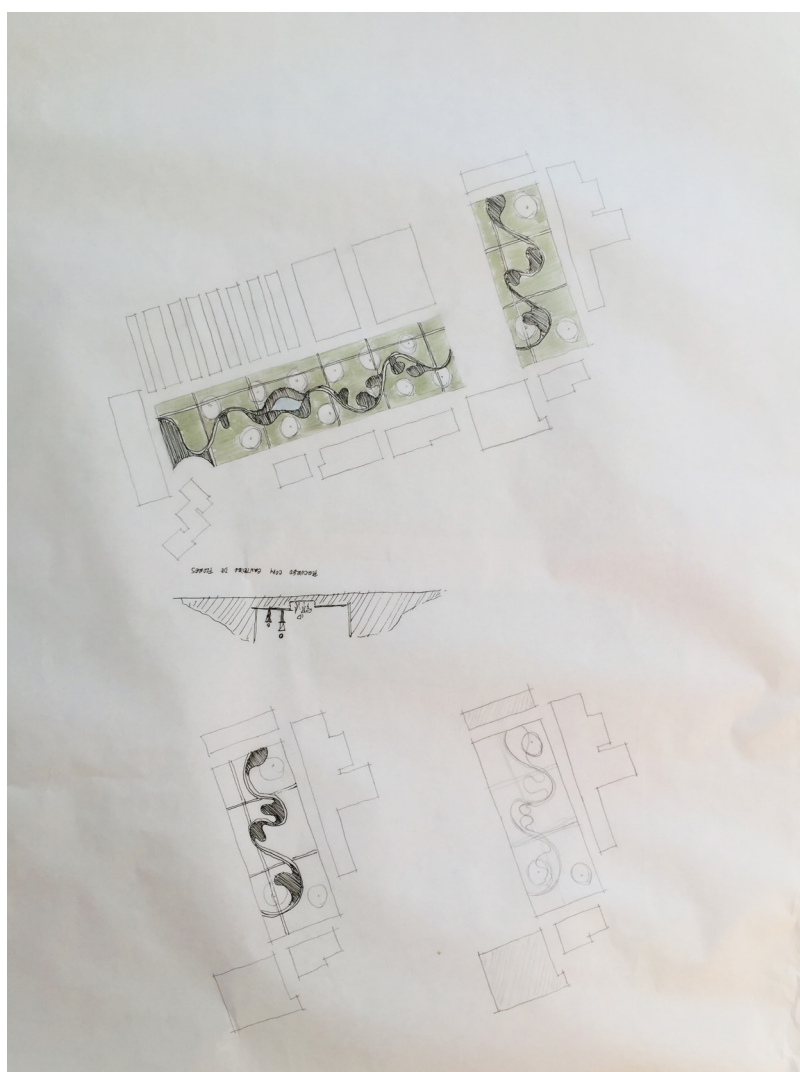
Anexo.24. Análise do desenho urbano e do edificado da Roça Sundy| Fonte: Esquemas da autora



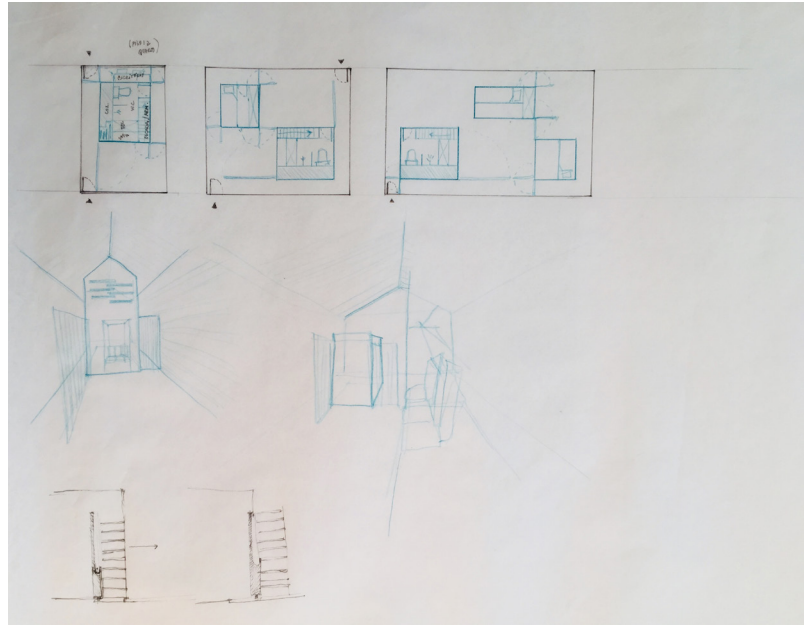
Anexo.25. Proposta de novo desenho urbano| Fonte: Esquemas da autora



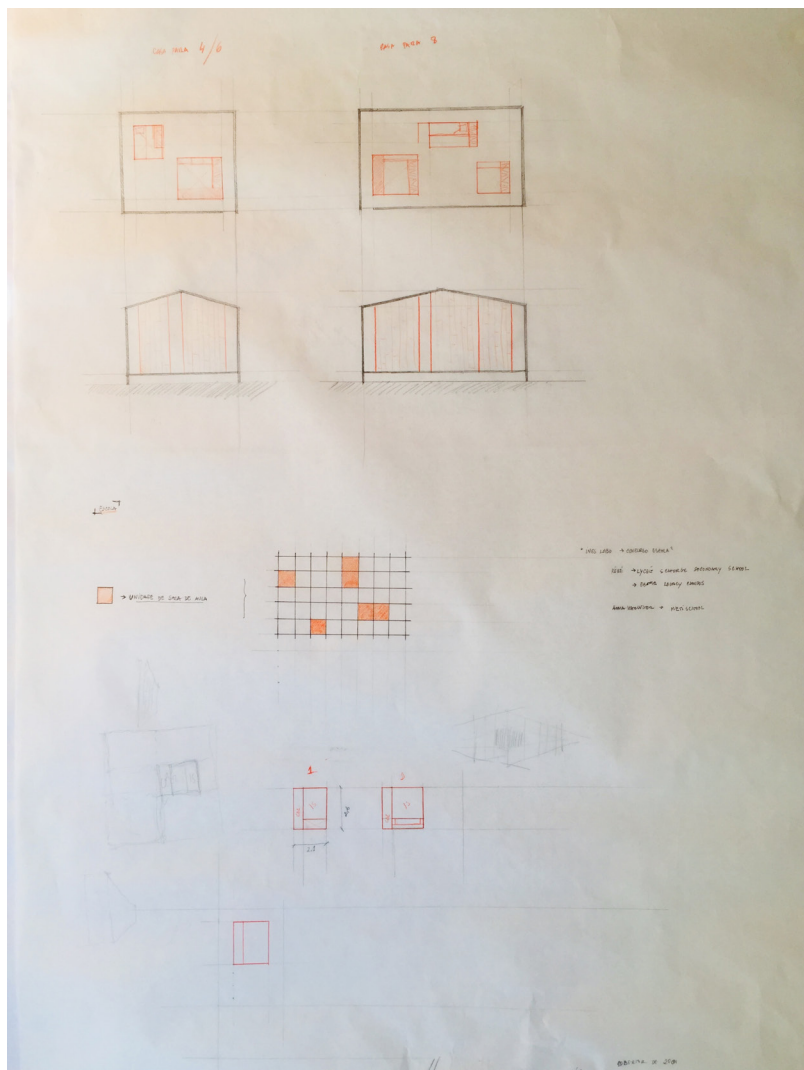
Anexo.26. Desenho urbano + organização das habitações novas|
Fonte: Esquemas da autora



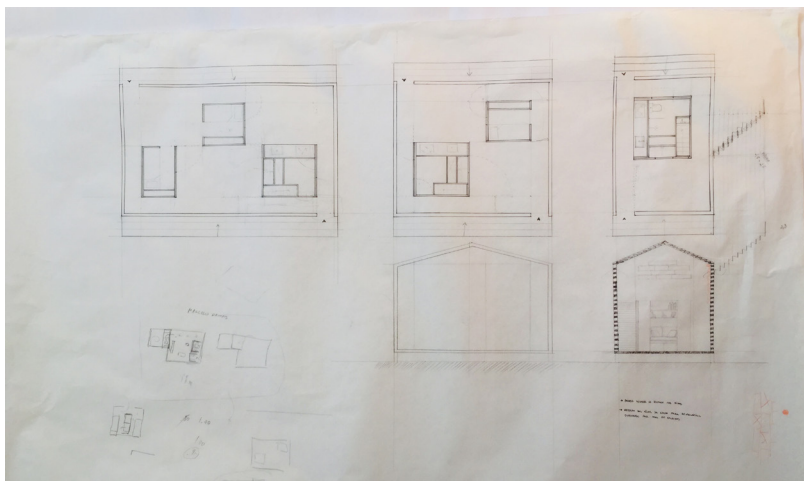
Anexo.27. Desenho do terreno| Fonte:
Esquemas da autora



Anexo.28. Estudo da organização das habitações novas| Fonte: Esquemas da autora



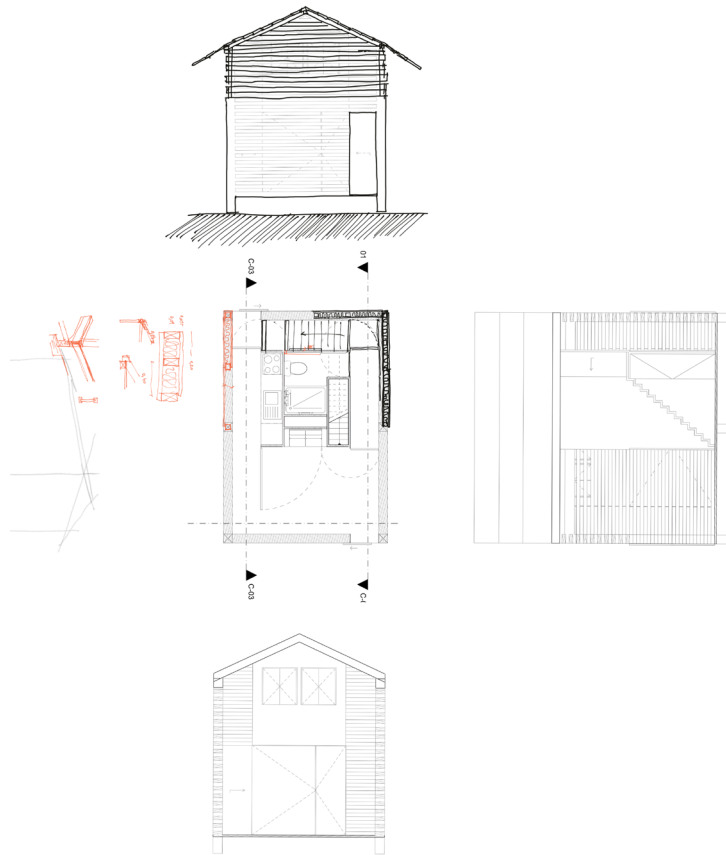
Anexo.29. Estudo da organização das habitações novas| Fonte: Esquemas da autora



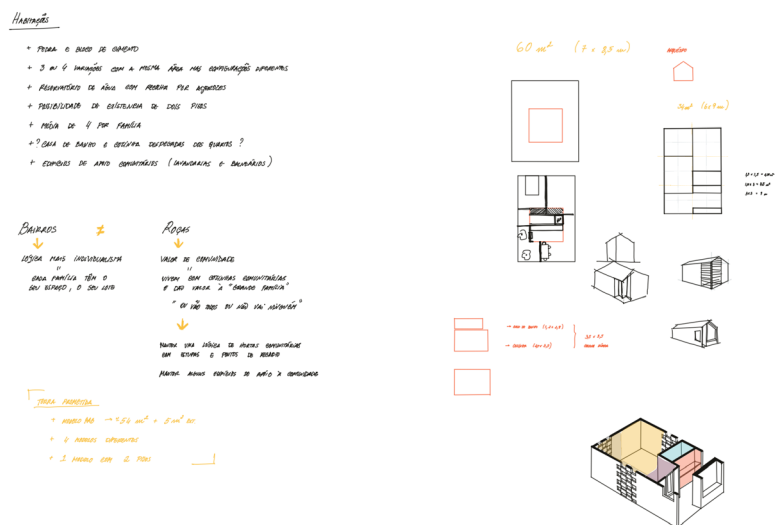
Anexo.30. Estudo da organização das habitações novas| Fonte: Esquemas da autora



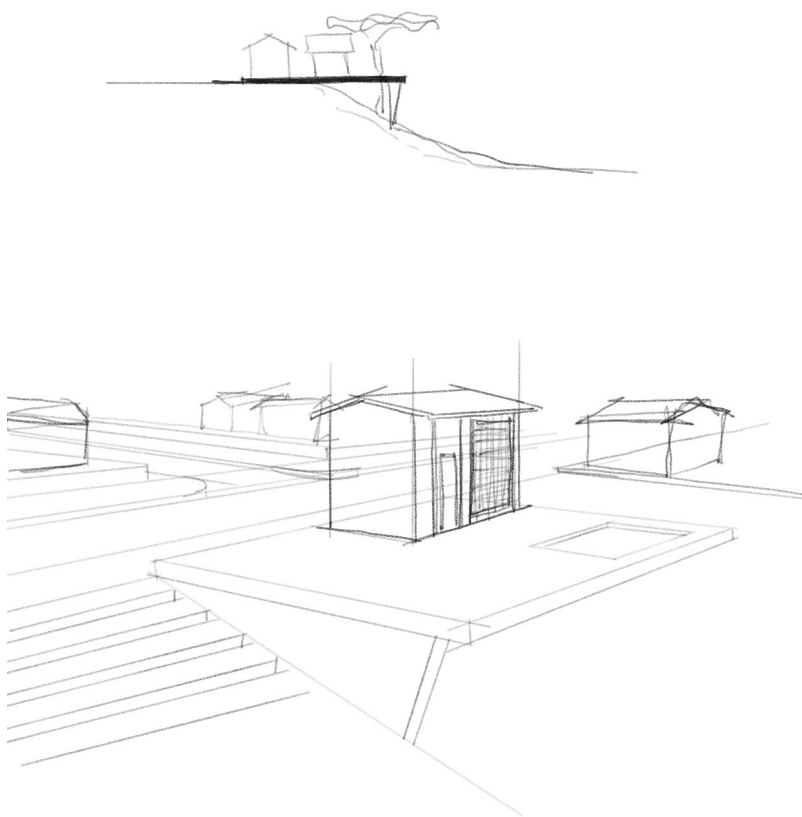
Anexo.31. Estudo da organização das habitações novas| Fonte: Esquemas da autora



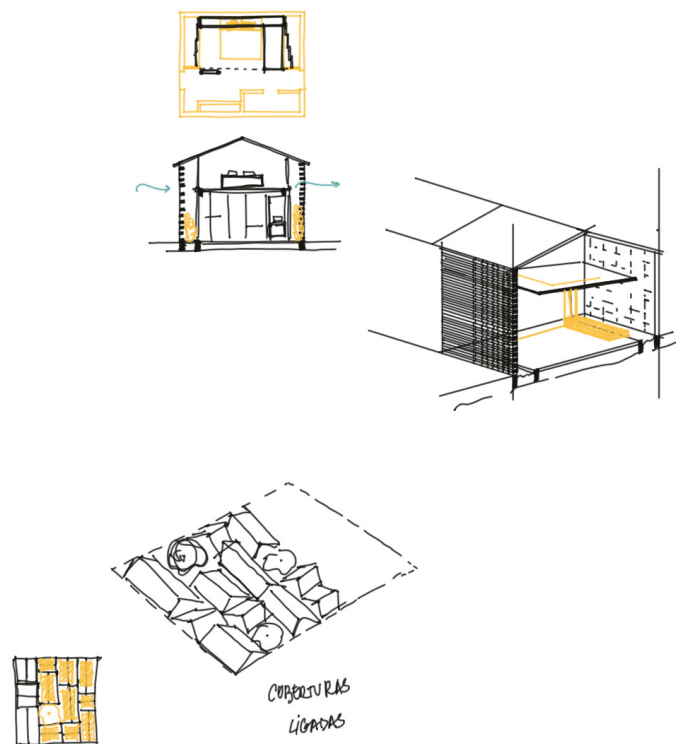
Anexo.32. Estudo da organização das habitações novas| Fonte: Esquemas da autora



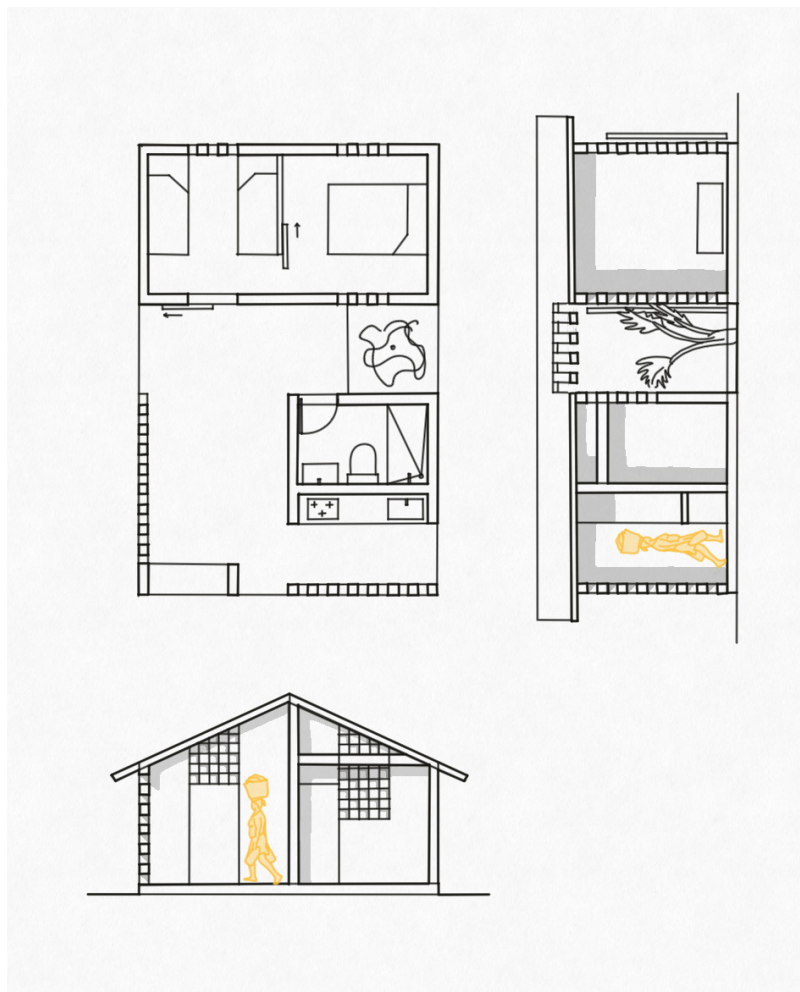
Anexo.33. Estudo da organização das habitações novas| Fonte: Esquemas da autora



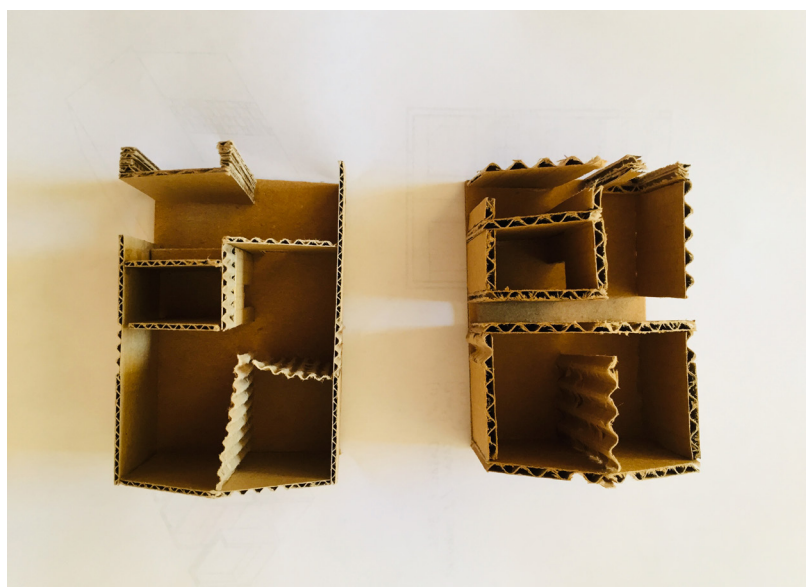
Anexo.34. Influência do desenho das novas habitações no desenho urbano| Fonte: Esquemas da autora



Anexo.35. Estudo da organização das habitações novas| Fonte: Esquemas da autora

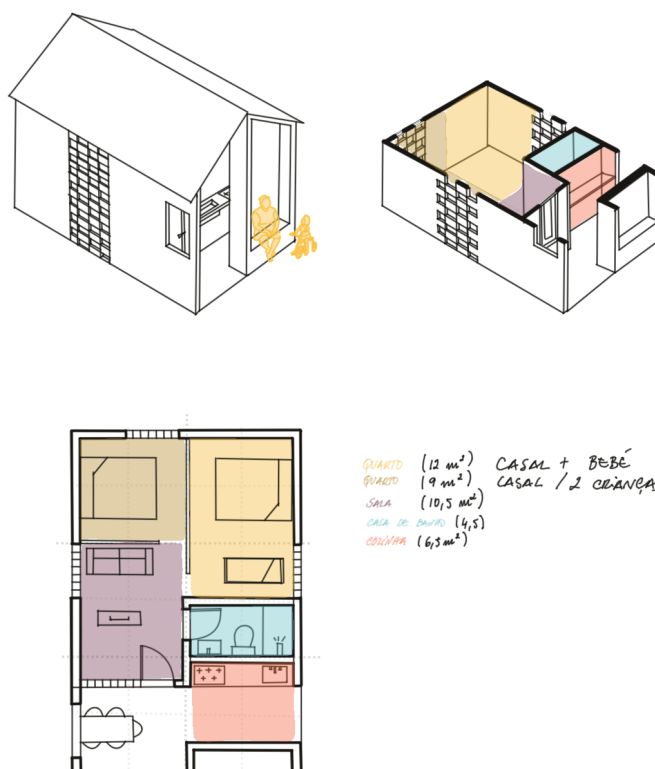


Anexo.36. Estudo da organização das habitações novas| Fonte: Esquemas da autora

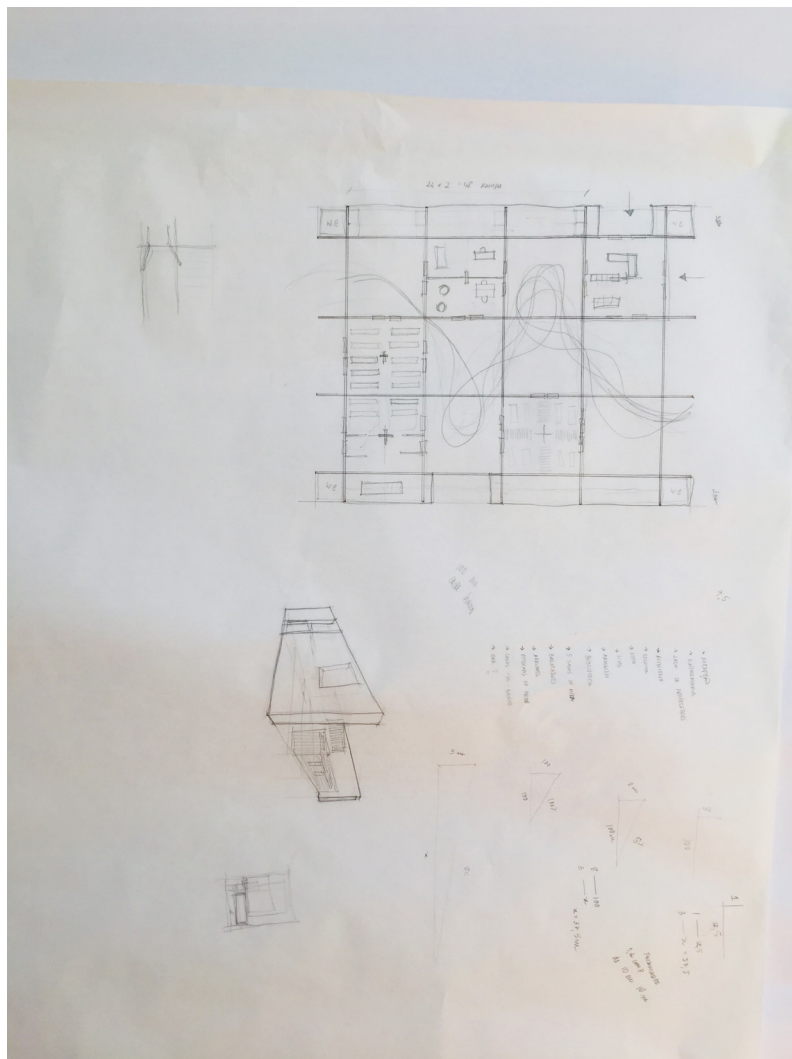


Anexo.37. Maquetas de estudo das habitações novas| Fonte: Esquemas da autora

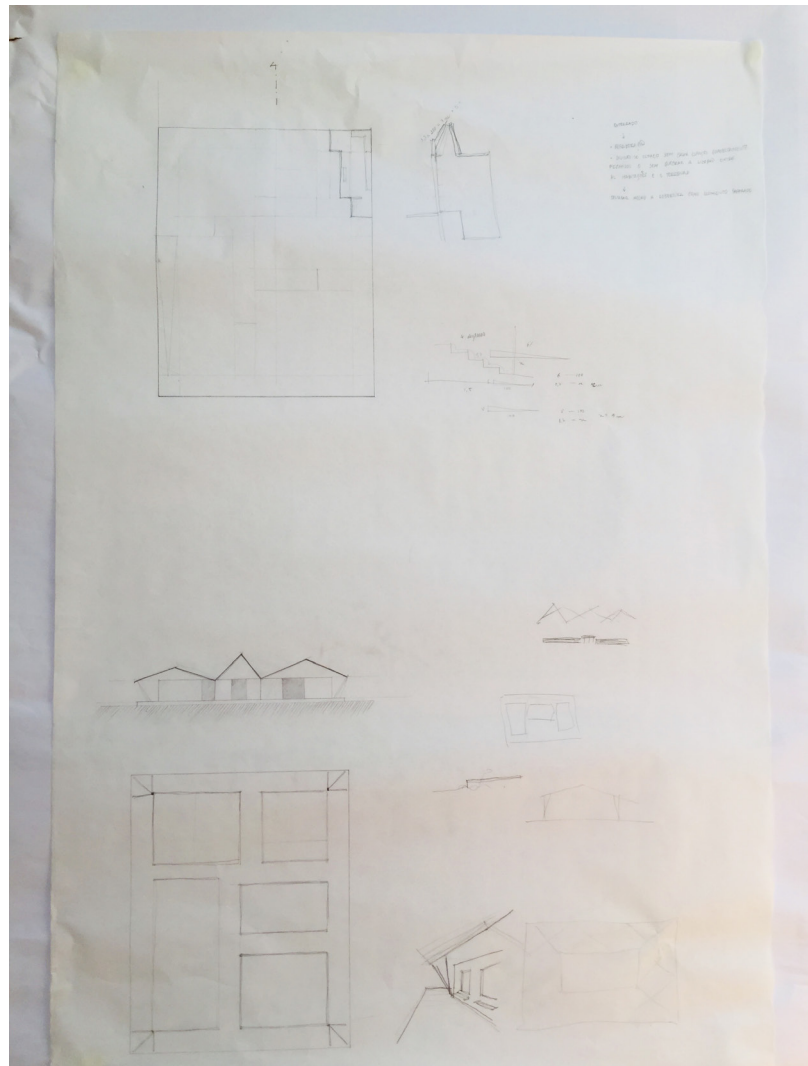
Habitações



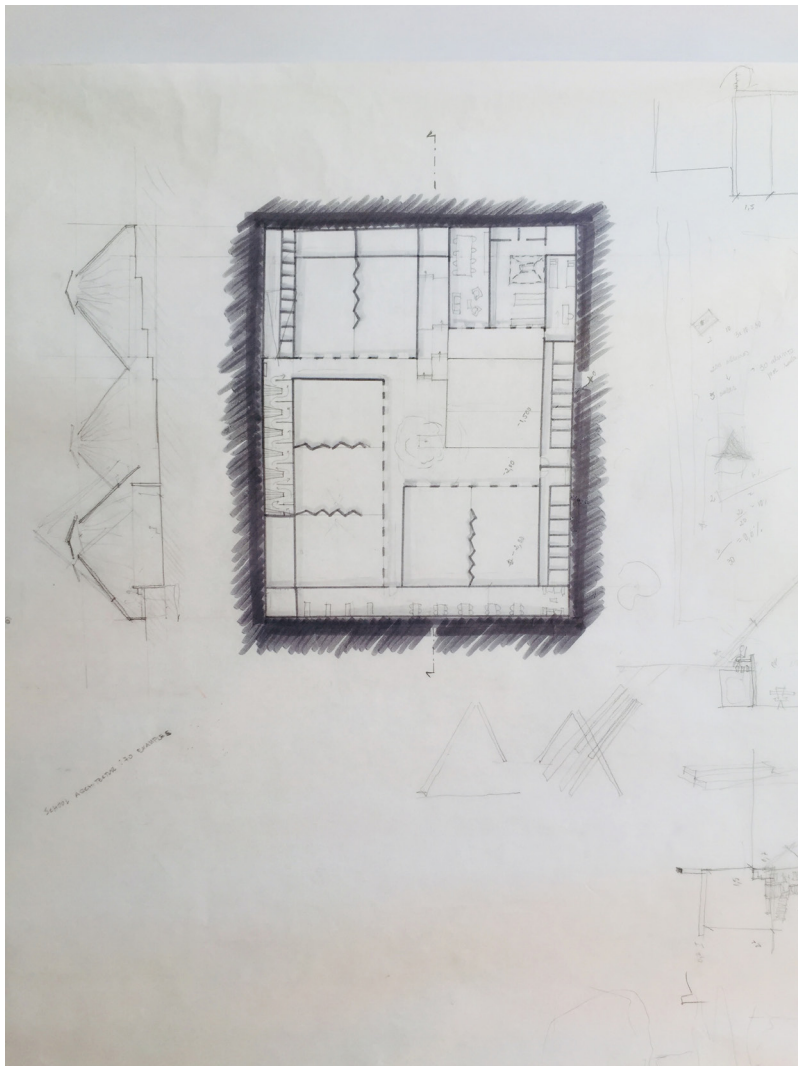
Anexo.38. Estudo da organização das habitações novas| Fonte: Esquemas da autora



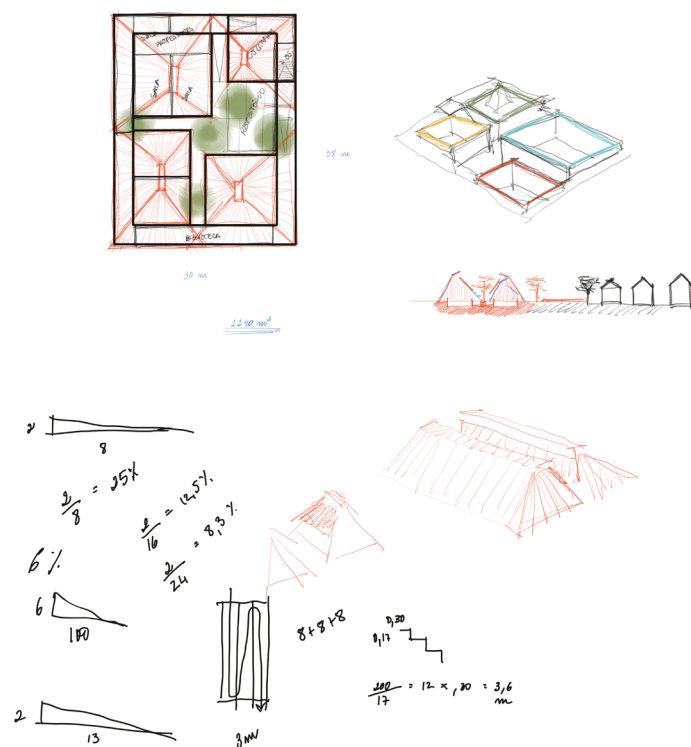
Anexo.39. Estudo da organização do Edifício Escolar| Fonte: Esquemas da autora



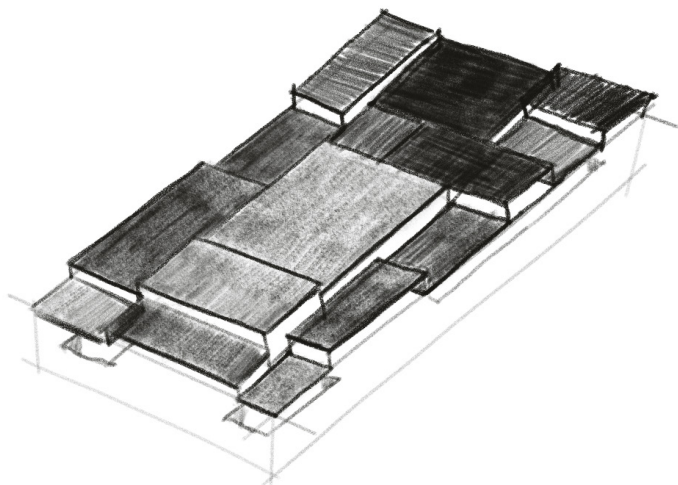
Anexo.40. Estudo da organização do Edifício Escolar| Fonte: Esquemas da autora



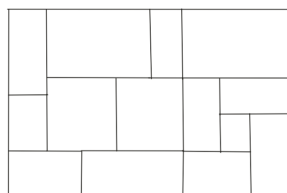
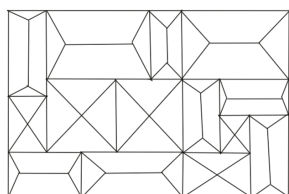
Anexo.41. Estudo da organização do Edifício Escolar| Fonte: Esquemas da autora



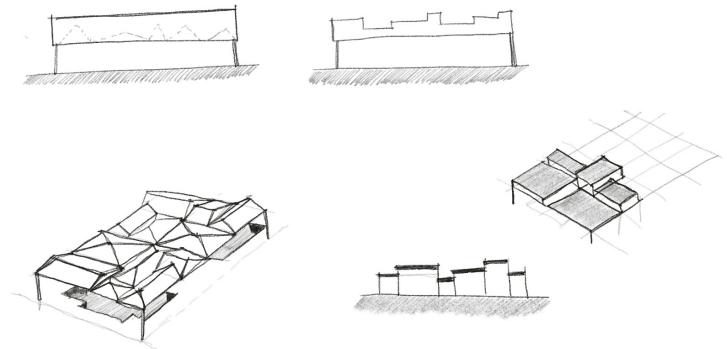
Anexo.42. Estudo da organização do Edifício Escolar| Fonte: Esquemas da autora



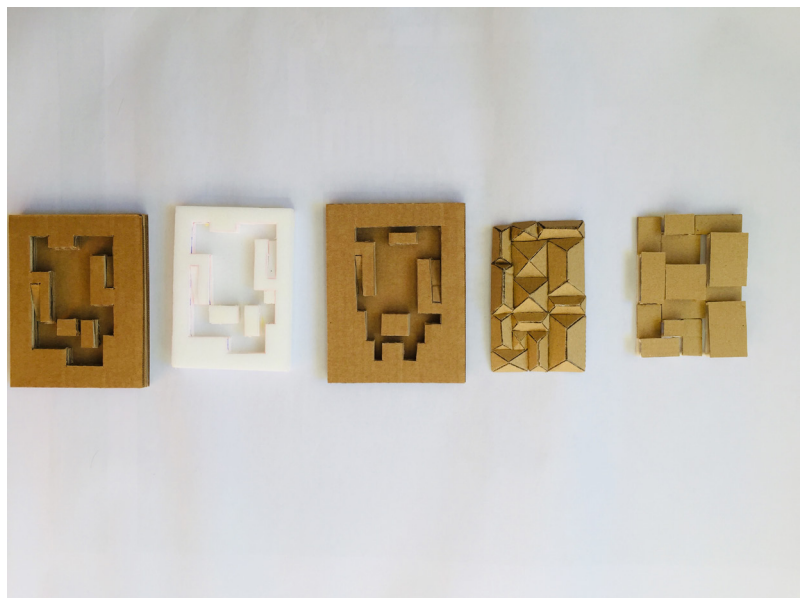
Anexo.43. Estudo da organização e morfologia da cobertura do Edifício Escolar| Fonte: Esquemas da autora



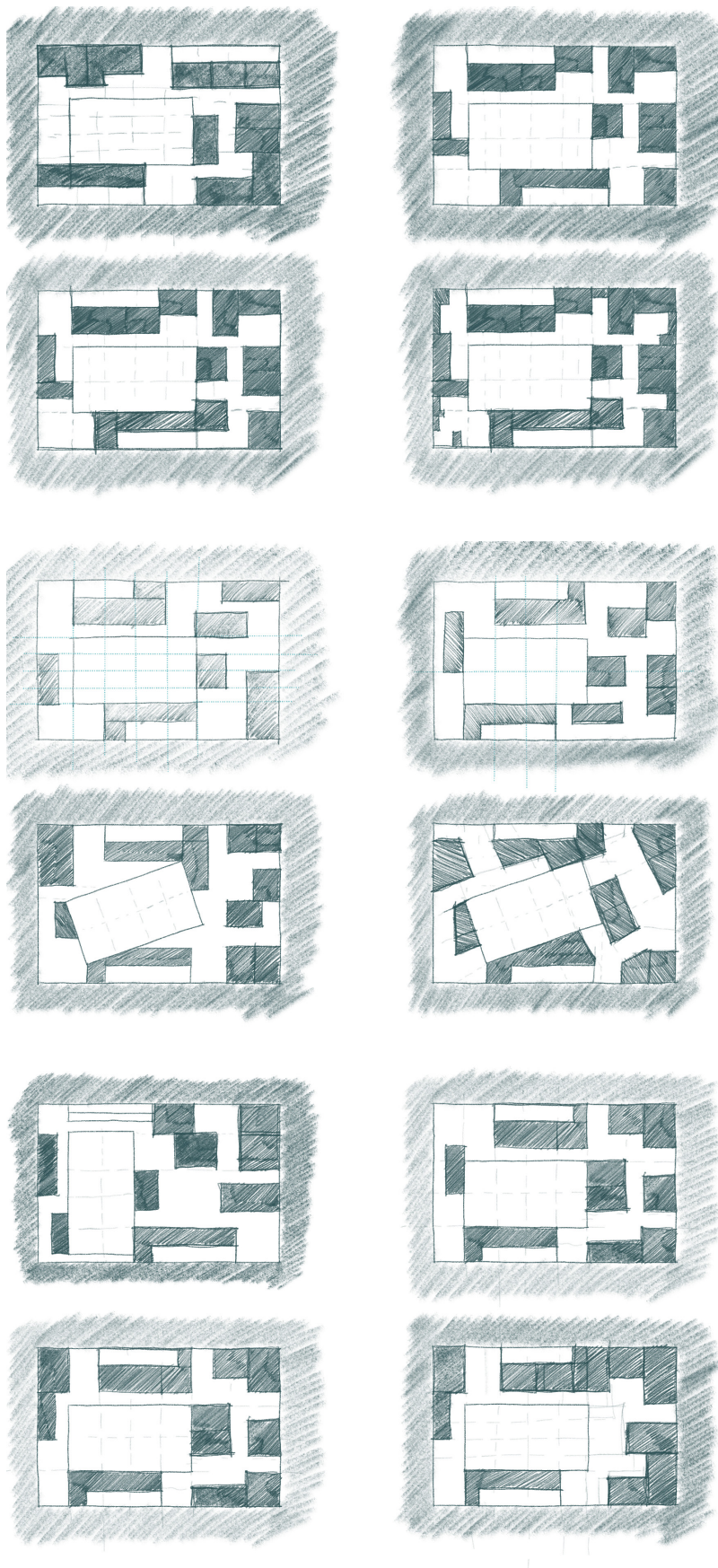
Anexo.44. Estudo da organização e morfologia da cobertura do Edifício Escolar| Fonte: Esquemas da autora



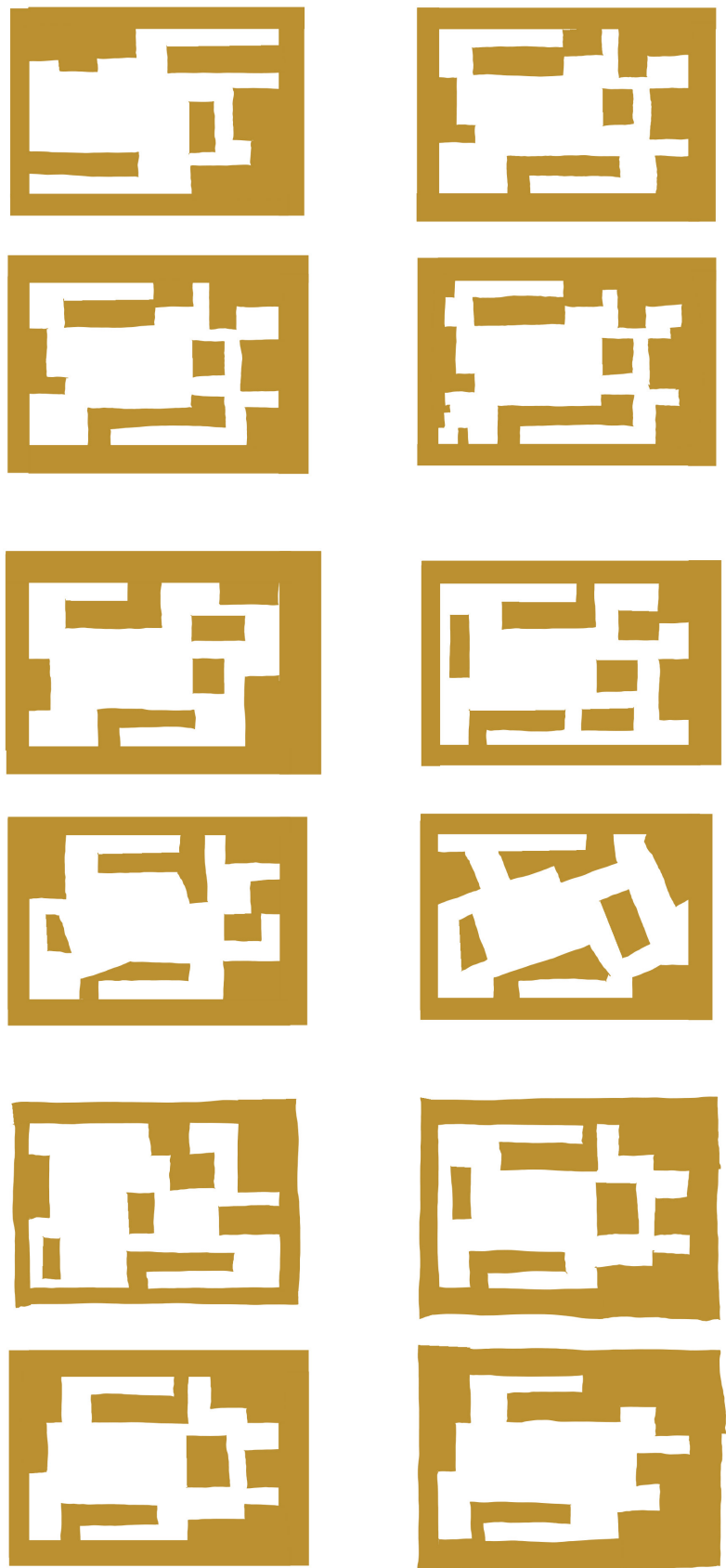
Anexo.45. Estudo da organização e morfologia da cobertura do Edifício Escolar| Fonte: Esquemas da autora



Anexo.46. Maquetas de estudo do Edifício Escolar| Fonte: Esquemas da autora

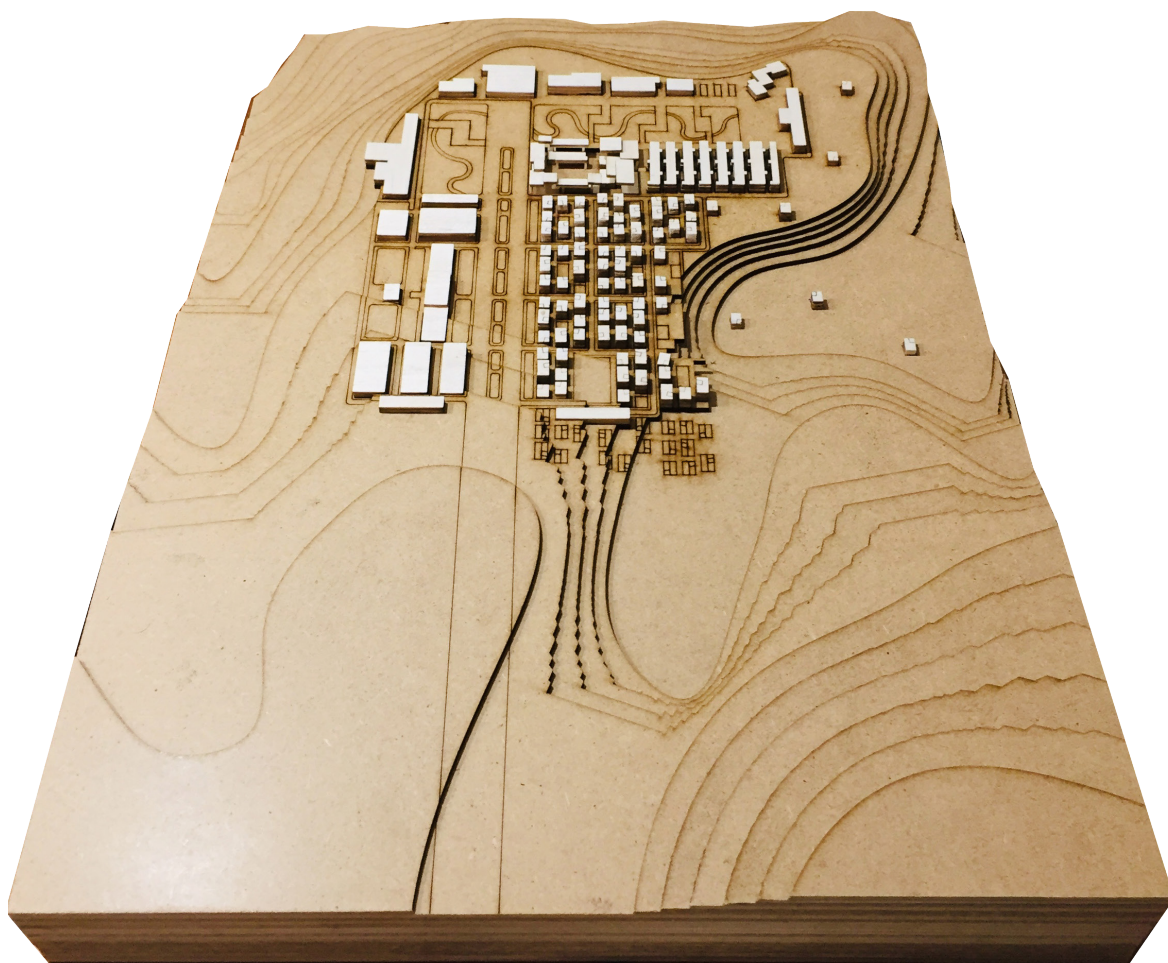


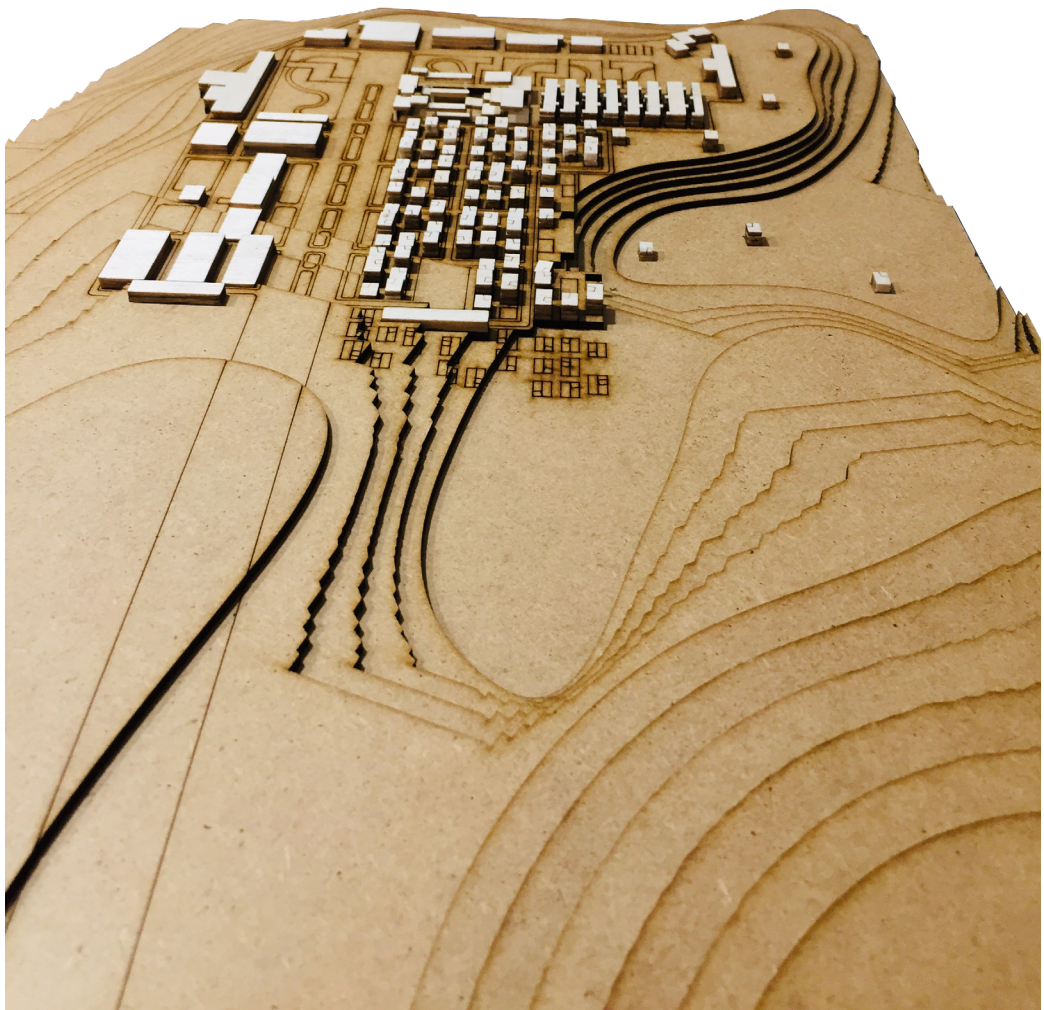
Anexo.47. Estudo do jogo de cheios e vazios do Edifício Escolar| Fonte: Esquemas da autora

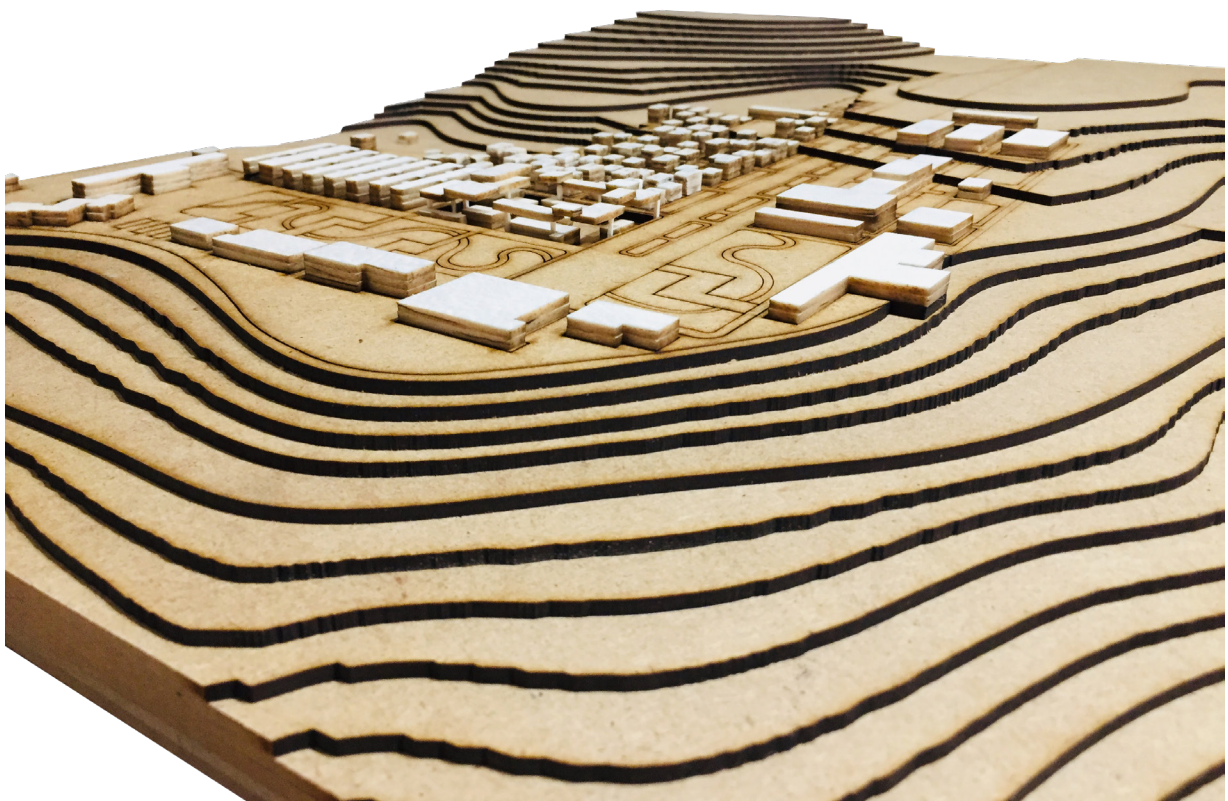


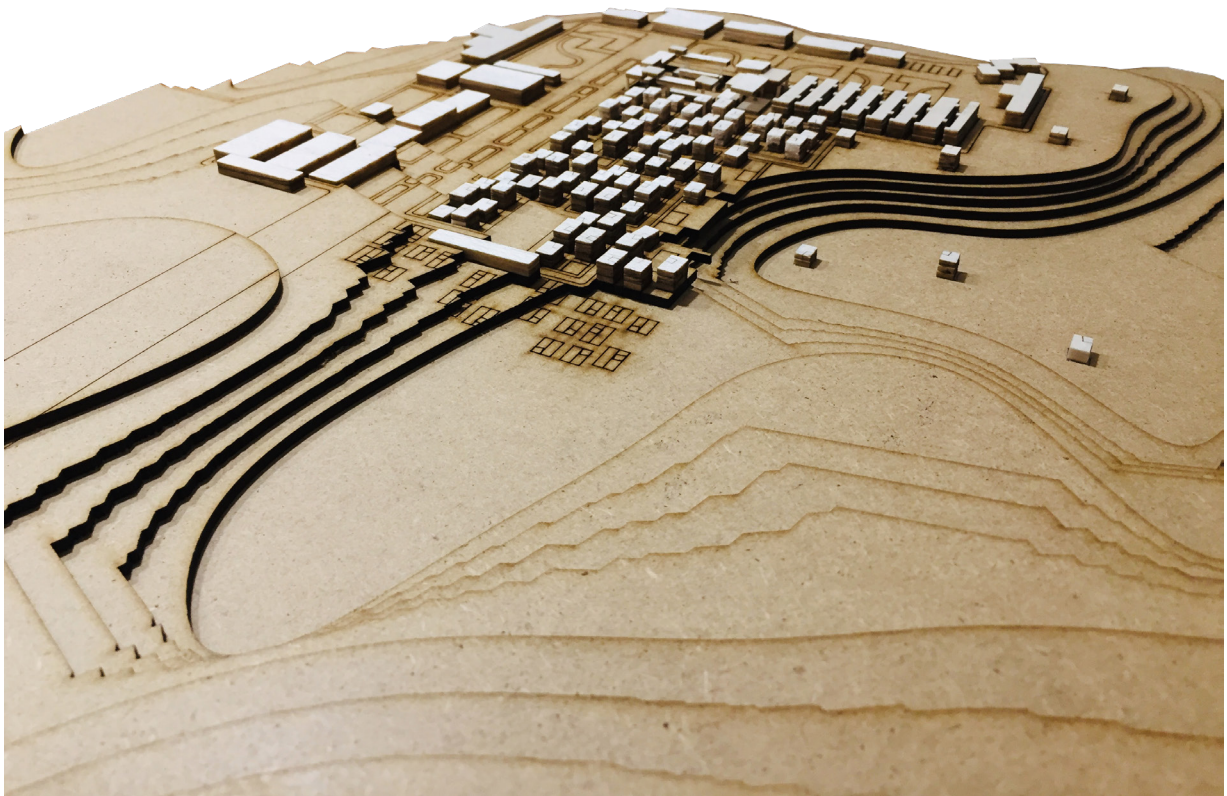
Anexo.48. Estudo do jogo de cheios e vazios do Edifício Escolar| Fonte: Esquemas da autora

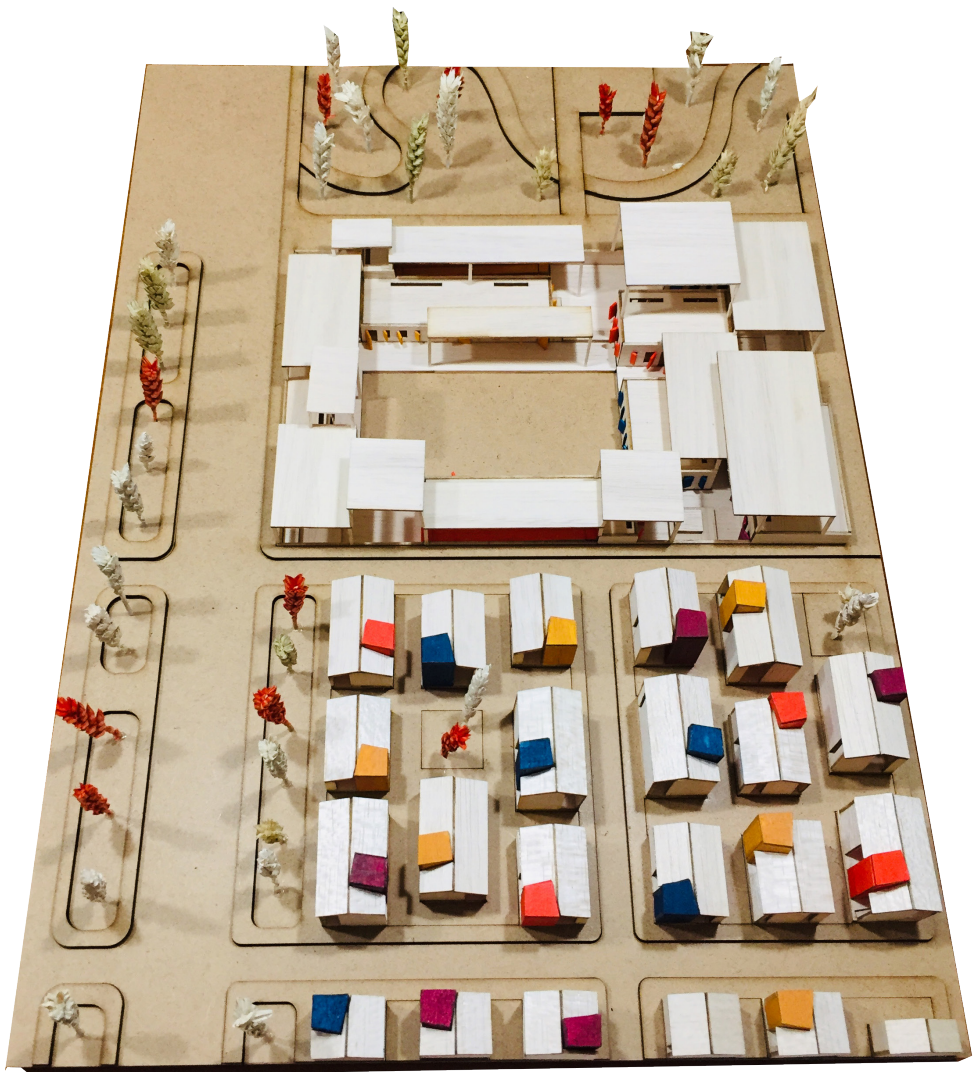
FOTOGRAFIAS DAS MAQUETAS FINAIS





















PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO

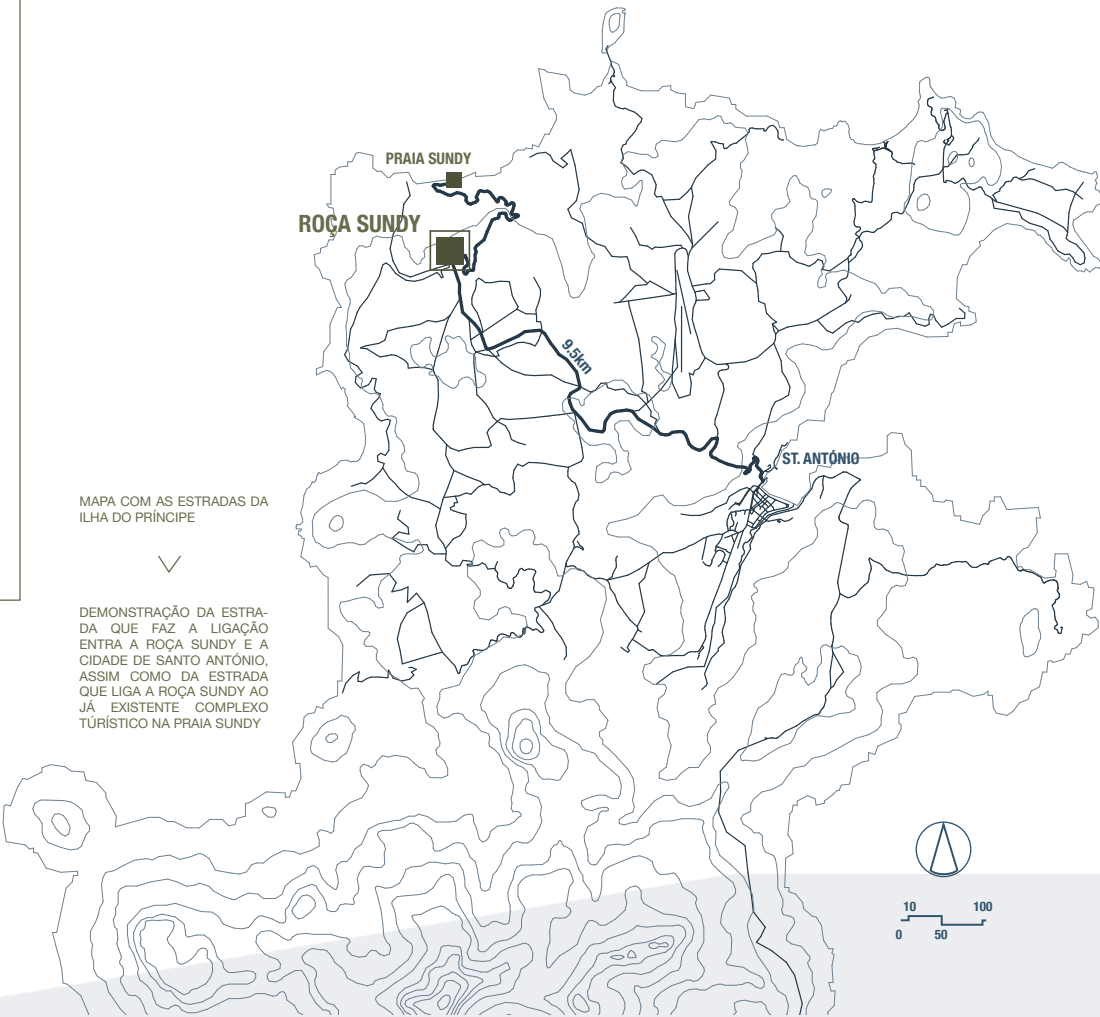
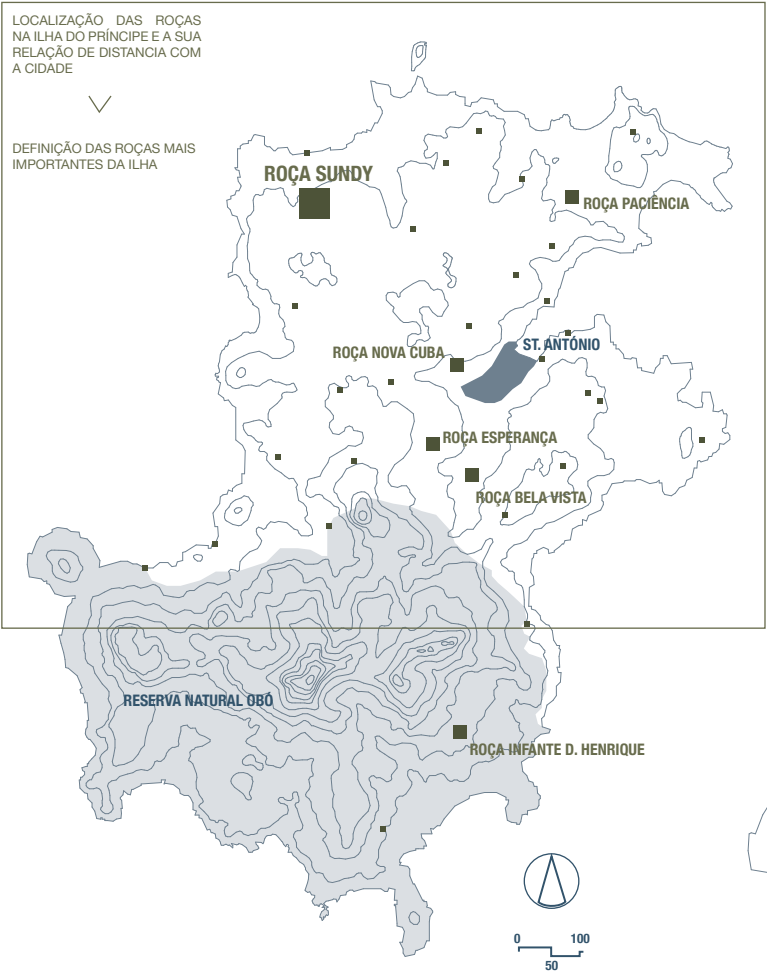
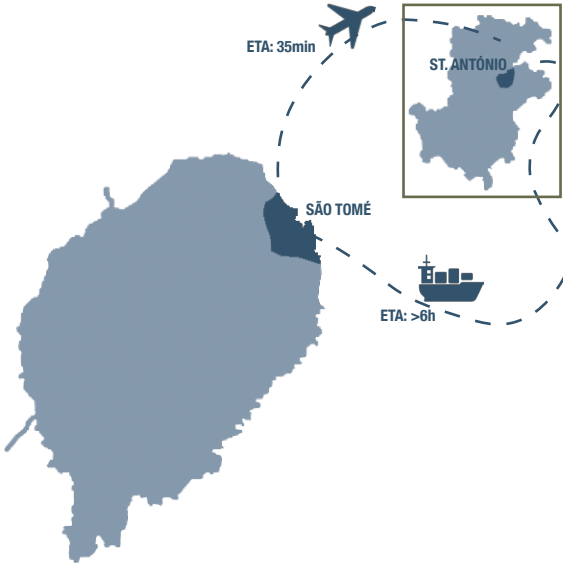
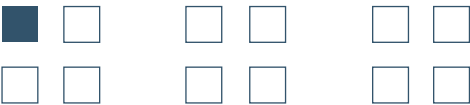
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura:
Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Orientação Científica:
Professora Doutora Joana Malheiro
Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2020



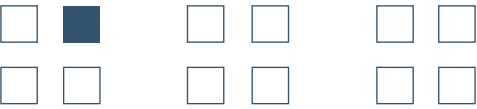
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura:
Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Orientação Científica:
Professora Doutora Joana Malheiro
Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2020



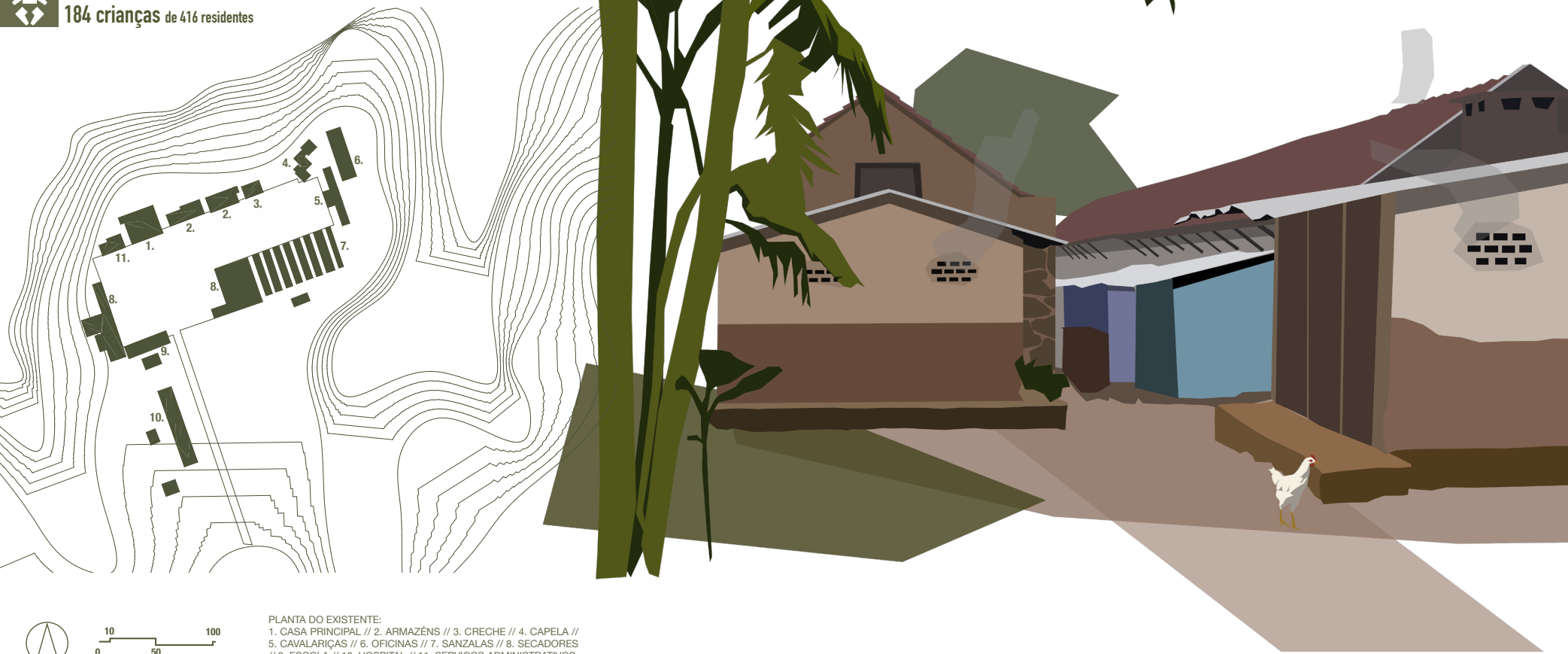
ROÇA SUNDY - ROÇA TERREIRO



416 residentes

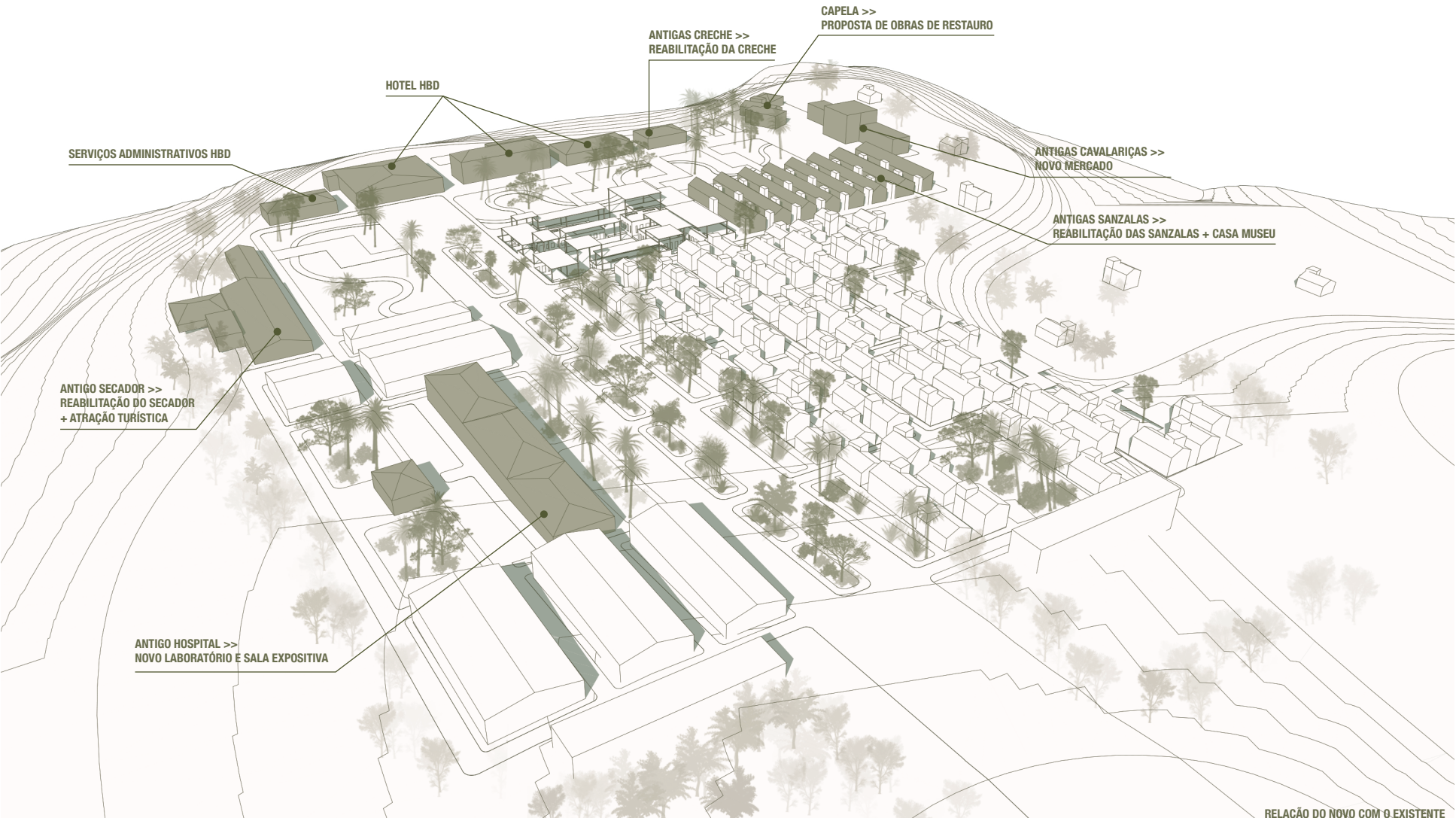


184 crianças de 416 residentes

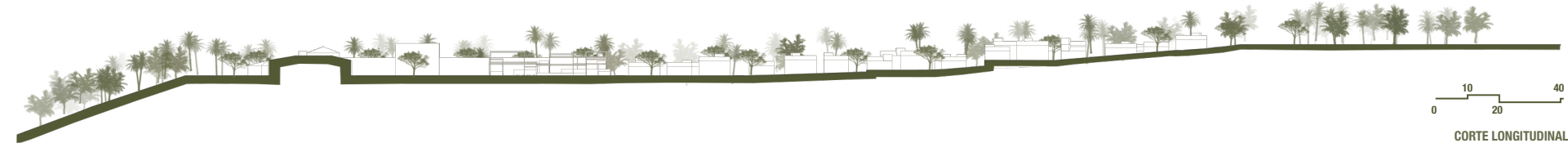


10 50 100

PLANTA DO EXISTENTE:
1. CASA PRINCIPAL // 2. ARMAZÉNS // 3. CRECHE // 4. CAPELA //
5. CAVALARIÇAS // 6. OFICINAS // 7. SANZALAS // 8. SECADORES
// 9. ESCOLA // 10. HOSPITAL // 11. SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS



RELAÇÃO DO NOVO COM O EXISTENTE



10 20 40

CORTE LONGITUDINAL

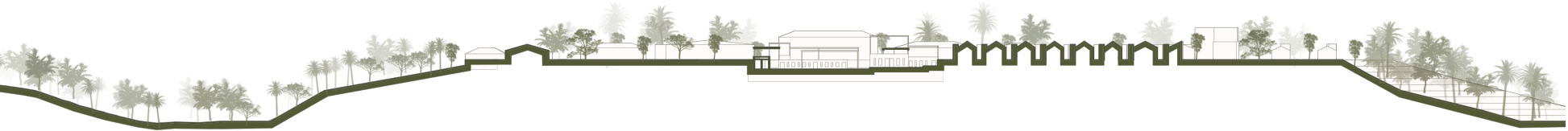
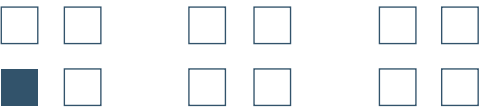
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura:
Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Orientação Científica:
Professora Doutora Joana Malheiro
Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

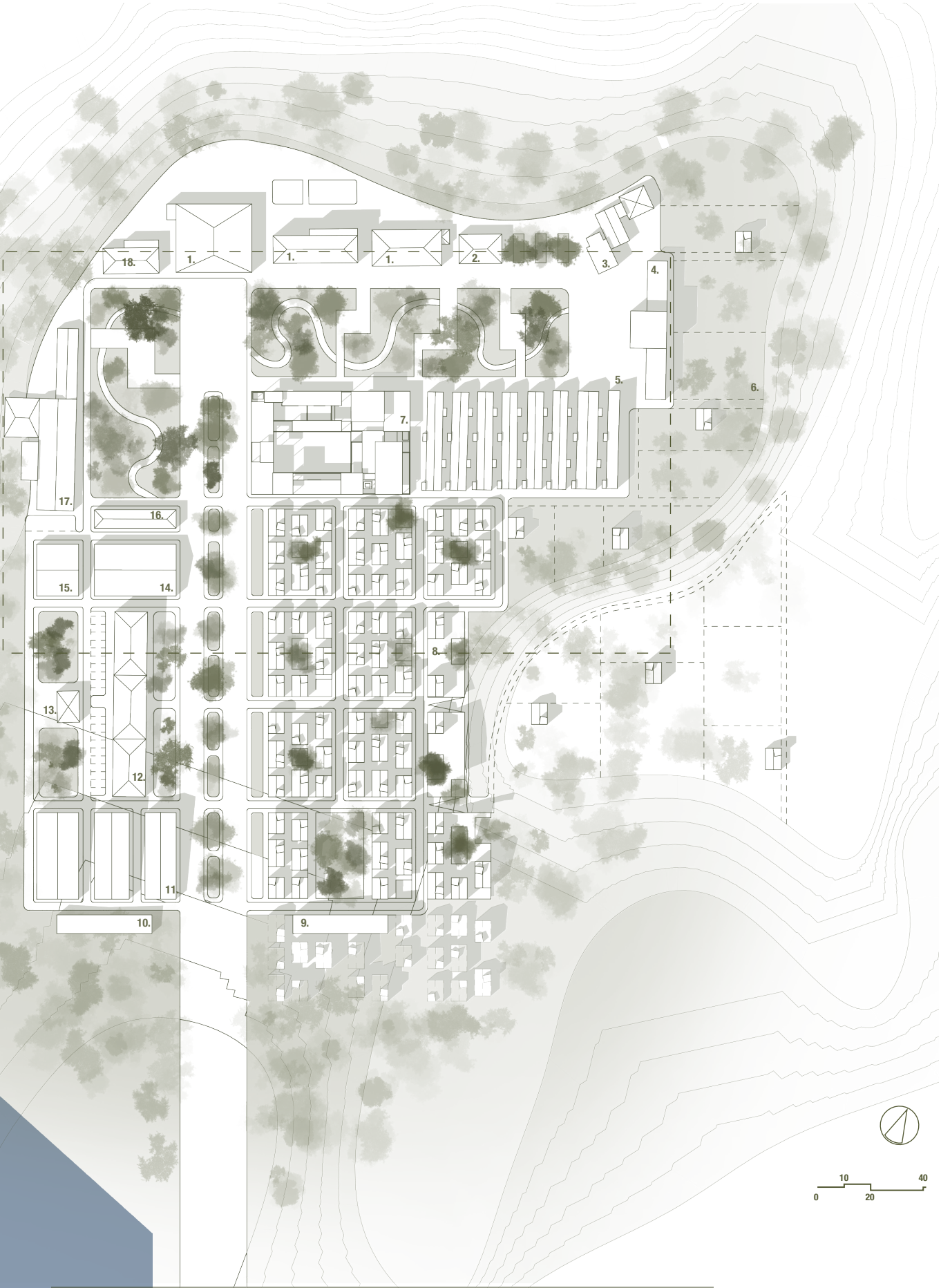
Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2020



CORTE TRANSVERSAL

PROGRAMA:

- 1. HOTEL SUNDY (HBD)
- 2. CRECHE
- 3. CAPELA
- 4. MERCADO
- 5. ESPAÇO DE CULTIVO
- 6. SANZALAS
- 7. ESCOLA BÁSICA
- 8. HABITAÇÕES NOVAS
- 9. EDIFÍCIO DE APOIO ÀS HABITAÇÕES
- 10. POSTO DE SOCORRO
- 11. ESTUFAS
- 12. LABORATÓRIO DE PRODUTOS DE COSMÉTICA E LOJA
- 13. PPOSTP DE CORREIOS
- 14. FÁBRICA DE CHOCOLATE
- 15. ARMAZÉM
- 16. OFICINAS DE CHOCOLATE
- 17. SECADORES DE CACU
- 18. SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS



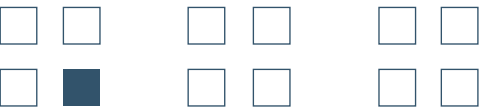
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura:
Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Orientação Científica:
Professora Doutora Joana Malheiro
Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

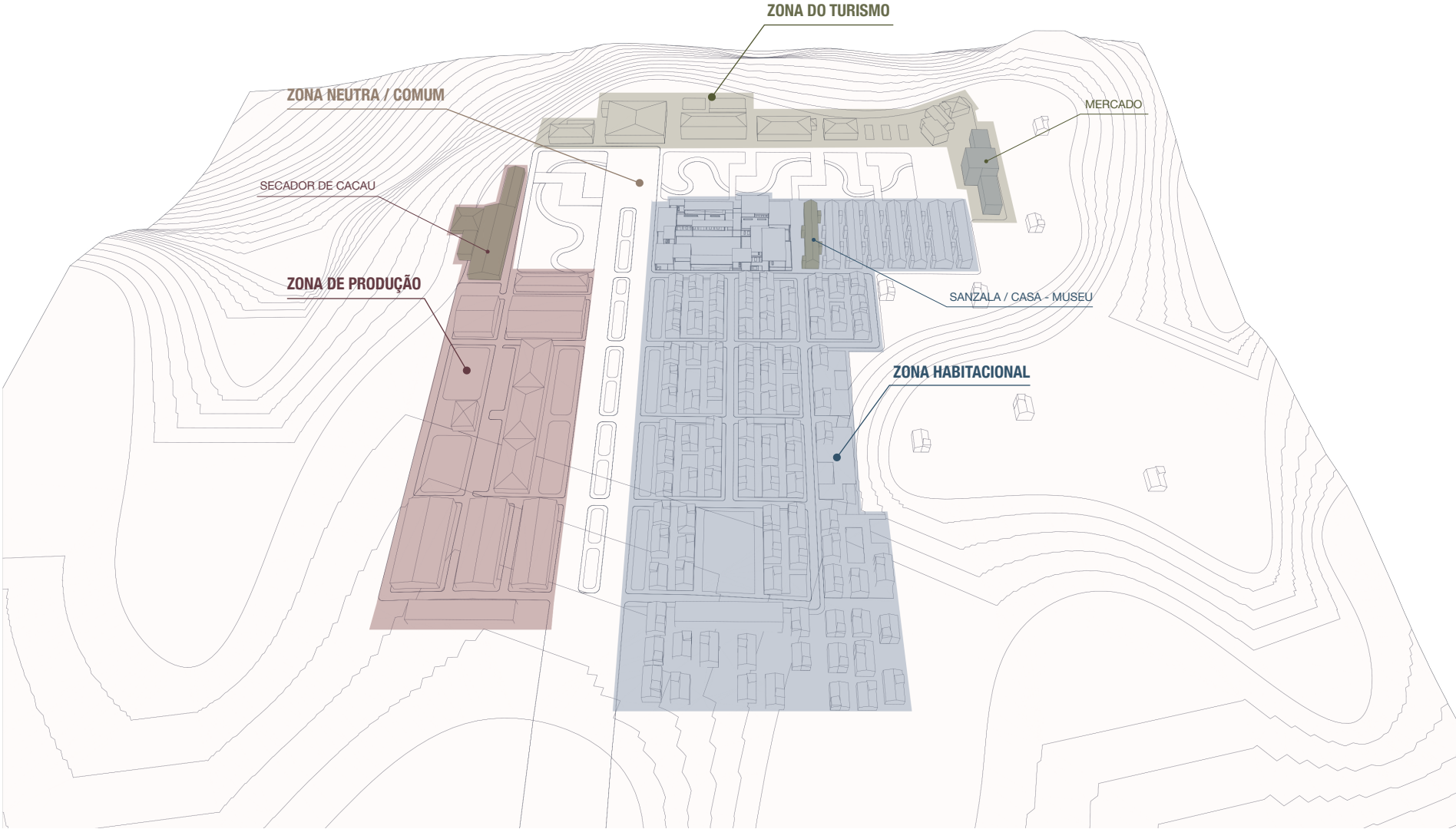
A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2020



MARCAÇÃO DAS ZONAS DO PLANO URBANO



SECADOR DE CACAU:

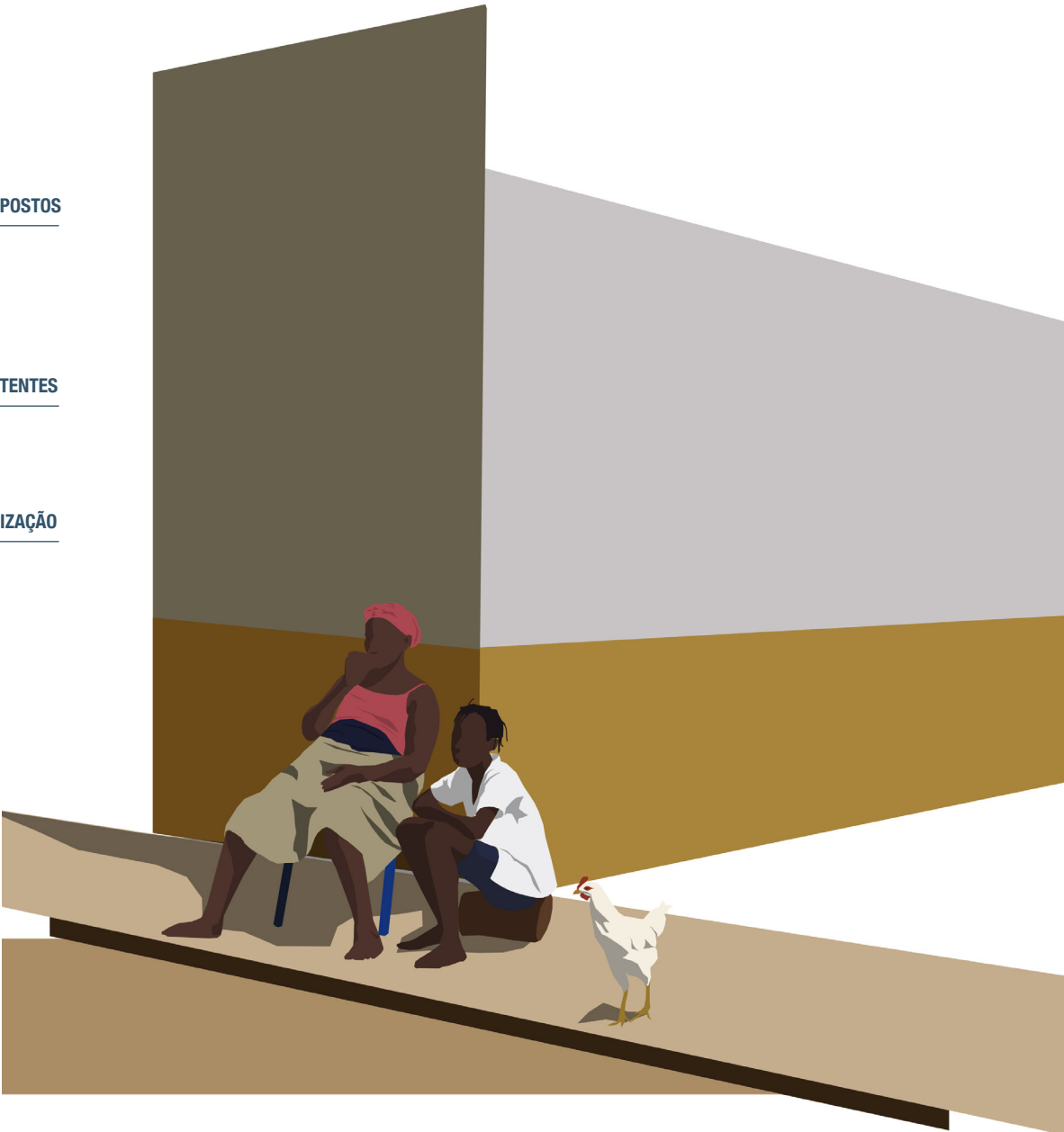
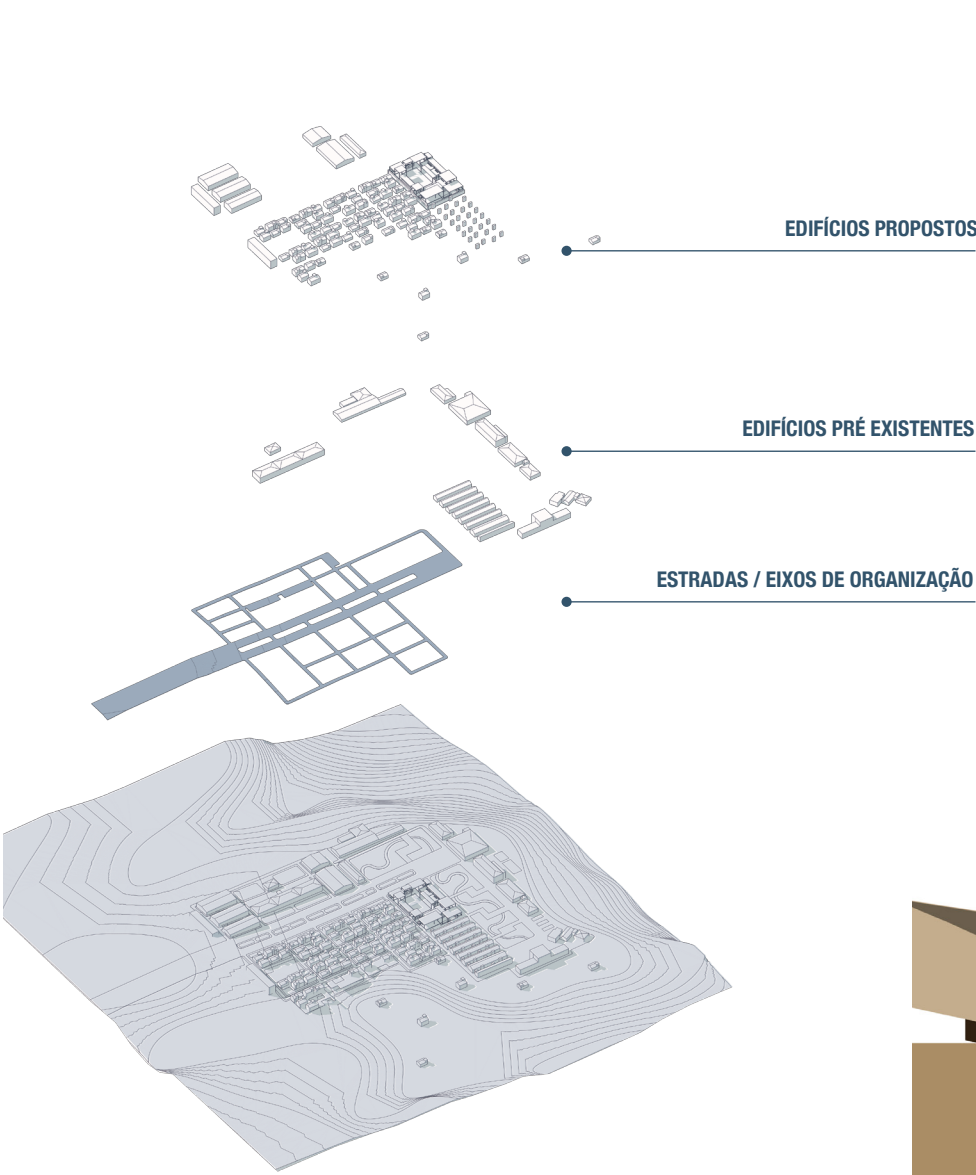
PROPÕE-SE A REABILITAÇÃO DESTA EDIFÍCIO COM O OBJETIVO DE VOLTAR À SUA ANTIGA FUNÇÃO, A SECAGEM DE CACAU, DANDO A CONHECER O ANTIGO ENGENHO ATRAVEZ DE VISITAS TURÍSTICAS A ESTE ESPAÇO.

SANZALA / CASA - MUSEU:

NOVAMENTE PROPÕE-SE A REABILITAÇÃO DESTA EDIFÍCIO RECRIANDO NAS DIFERENTES DIVISÕES O AMBIENTE VIVIDO NAS SANZALAS AO LONGO DOS ANOS.

MERCADO:

A REABILITAÇÃO DO ANTIGO EDIFÍCIO DAS CAVALARIÇAS E A ALTERAÇÃO DA FUNÇÃO DO MESMO PARA UM MERCADO SURGE COMO FORMA DE CRIAR UMA ZONA DE CONCENTRAÇÃO POPULACIONAL E UM PONTO DE ENCONTRO NA ROÇA SUNDY, ONDE SE MISTURAM TURISTAS, RESIDENTES E TRABALHADORES NO MESMO ESPAÇO.



Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura:

Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Orientação Científica:

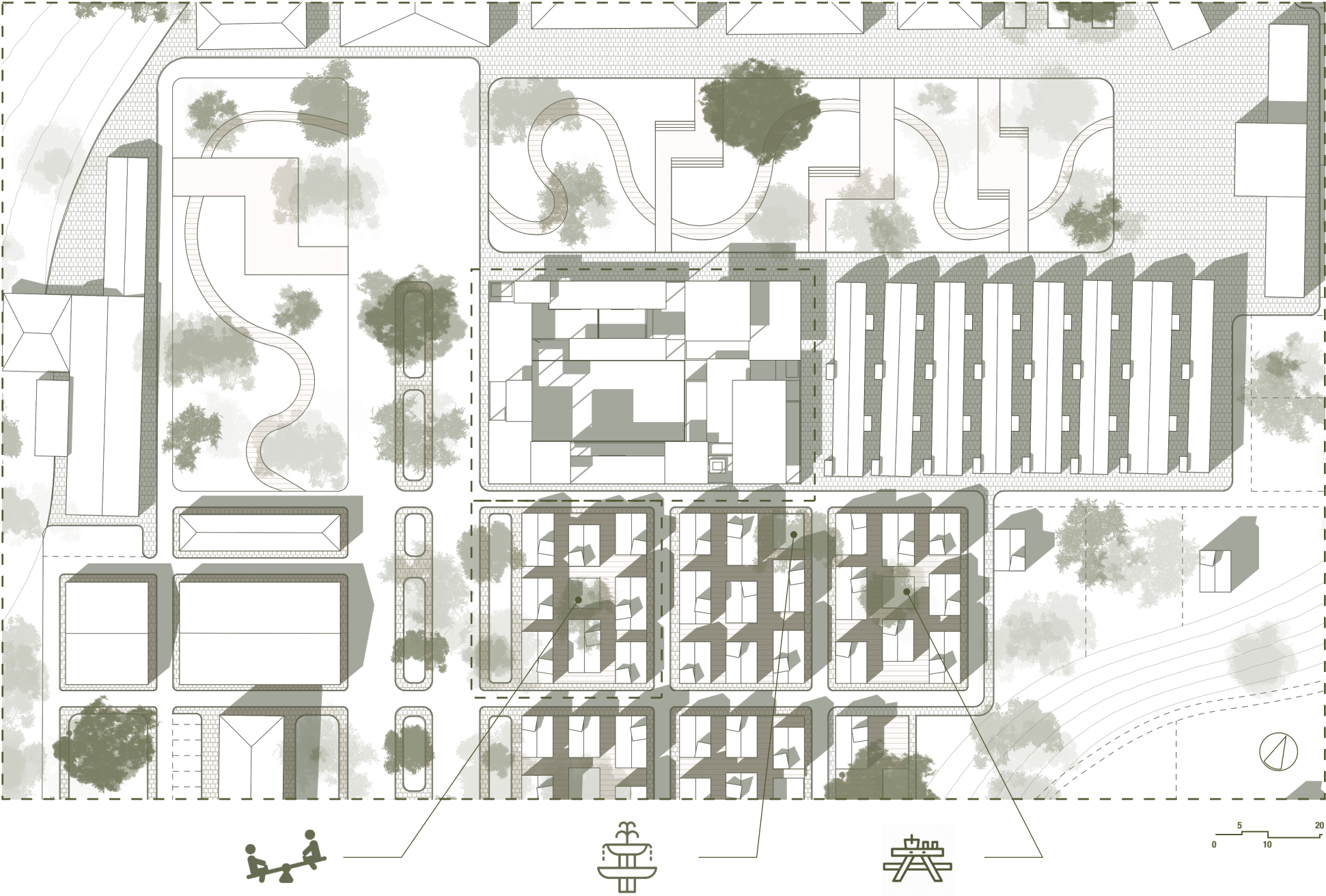
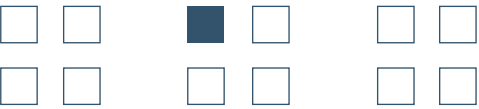
Professora Doutora Joana Malheiro

Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2020



0 5 10 20

CORTE TRANSVERSAL



Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura:

Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Orientação Científica:

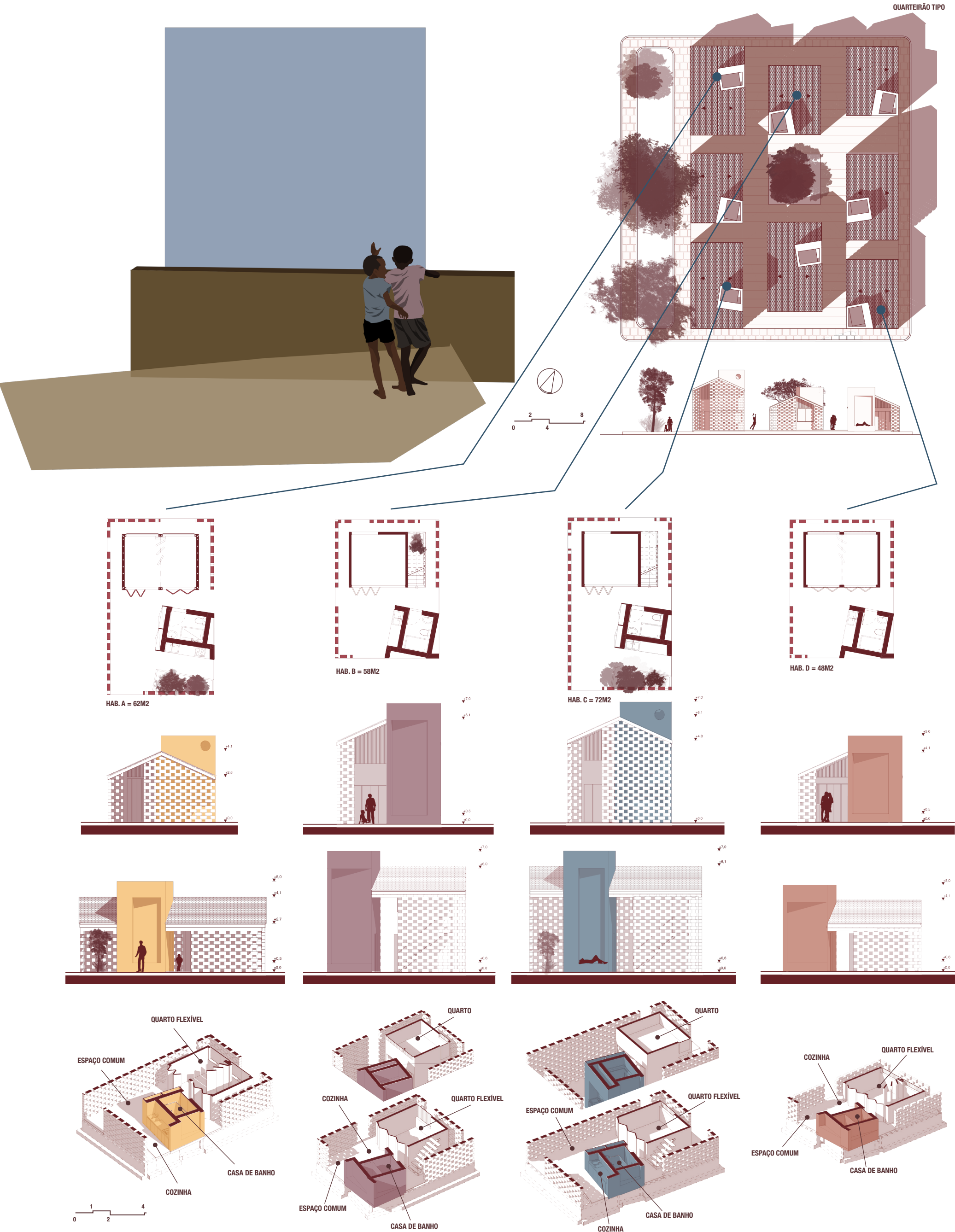
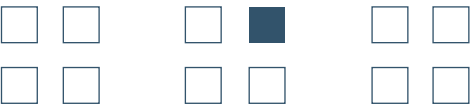
Professora Doutora Joana Malheiro

Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2020



Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura:

Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Orientação Científica:

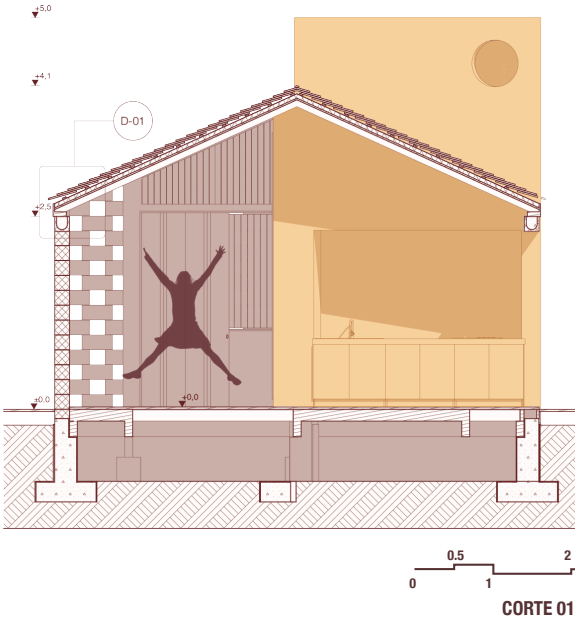
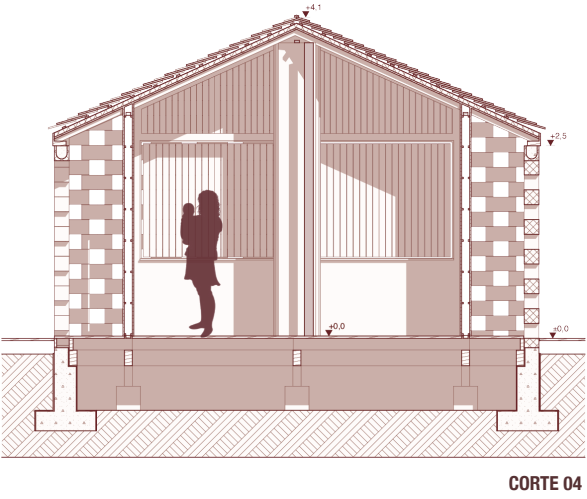
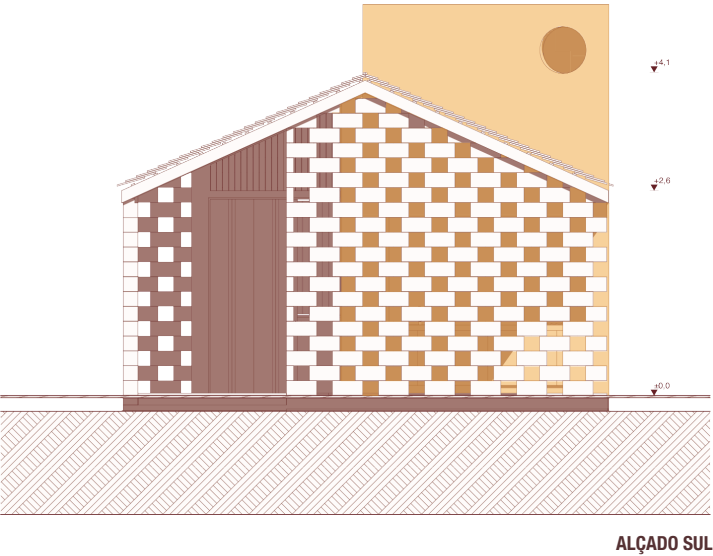
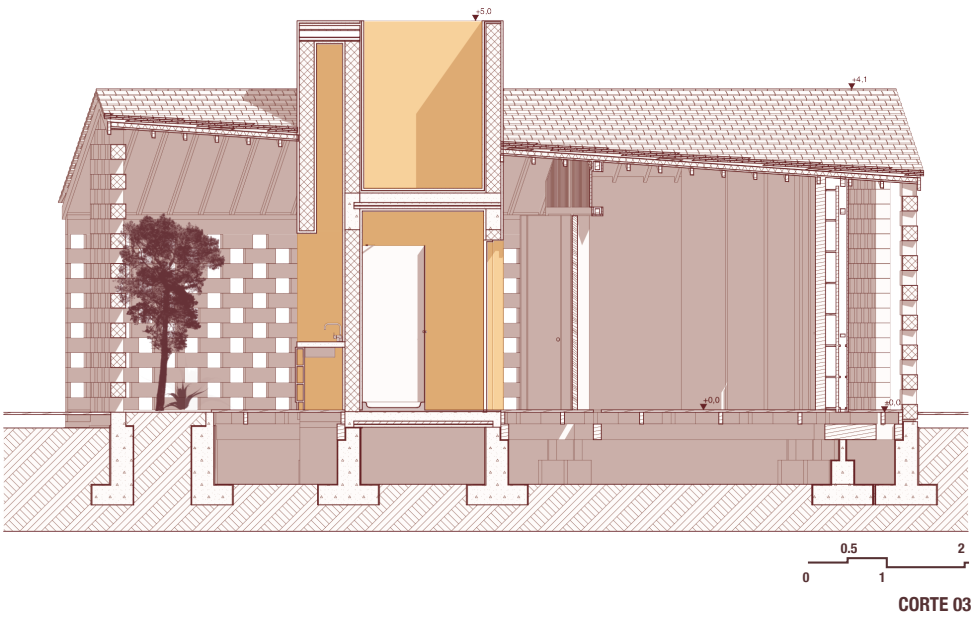
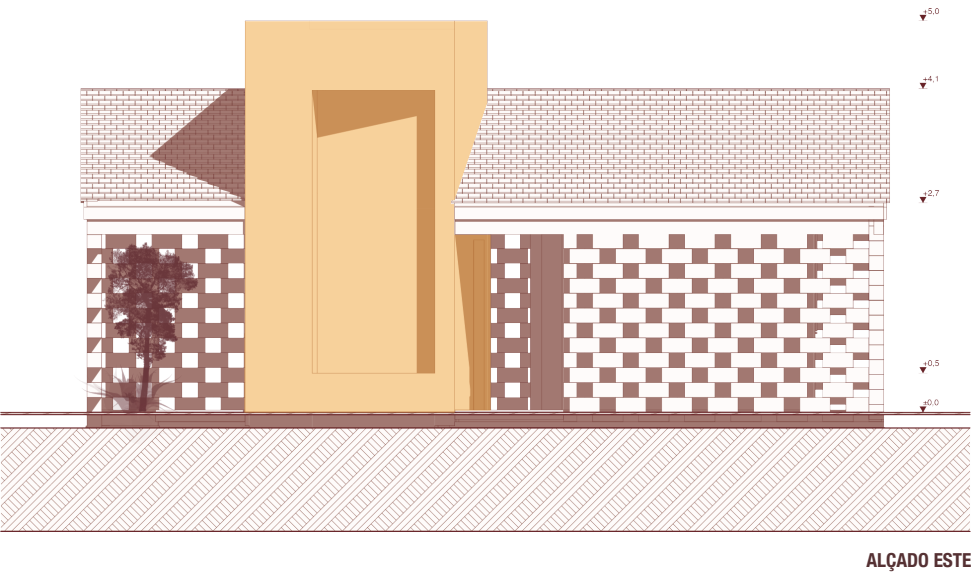
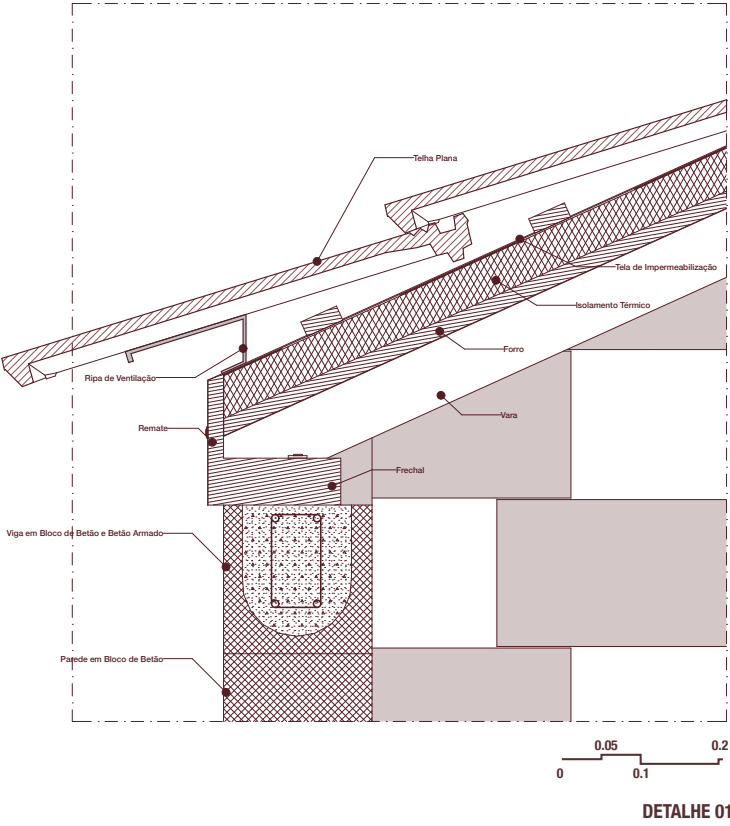
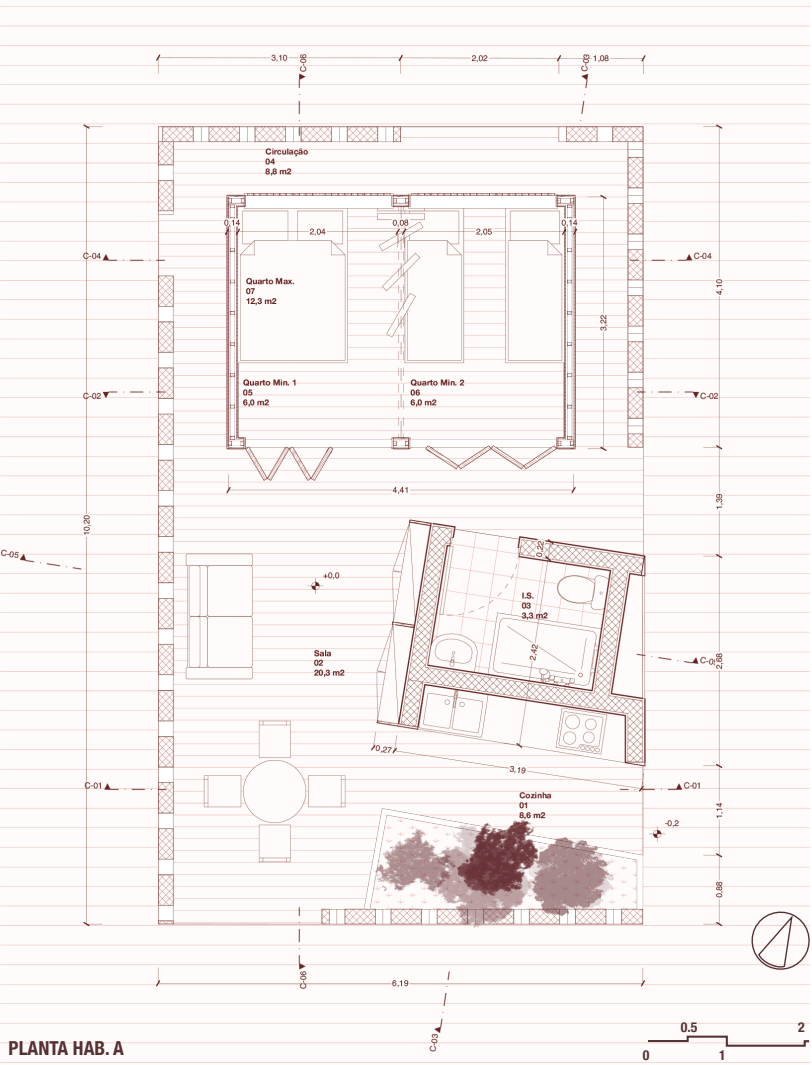
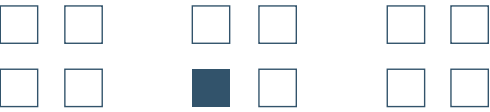
Professora Doutora Joana Malheiro

Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2020



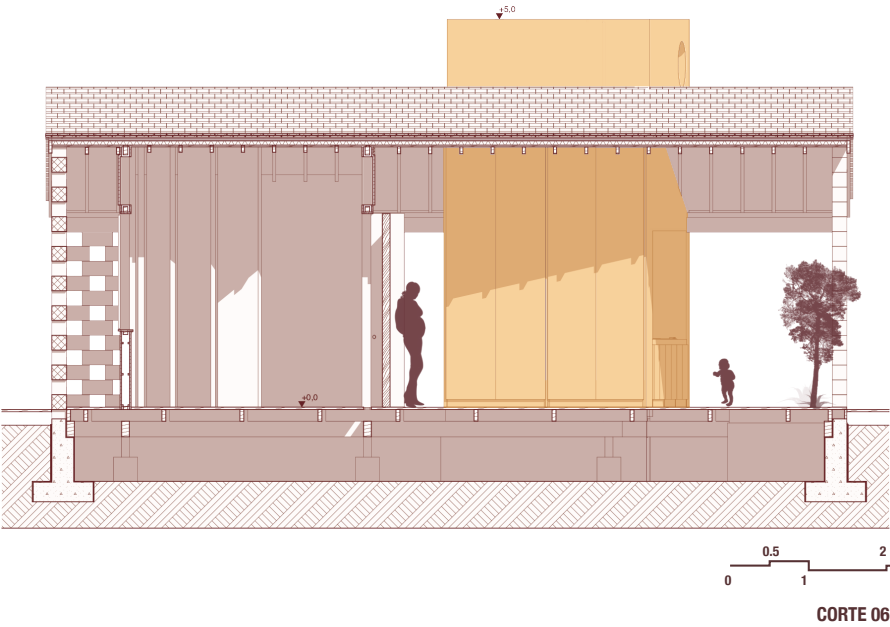
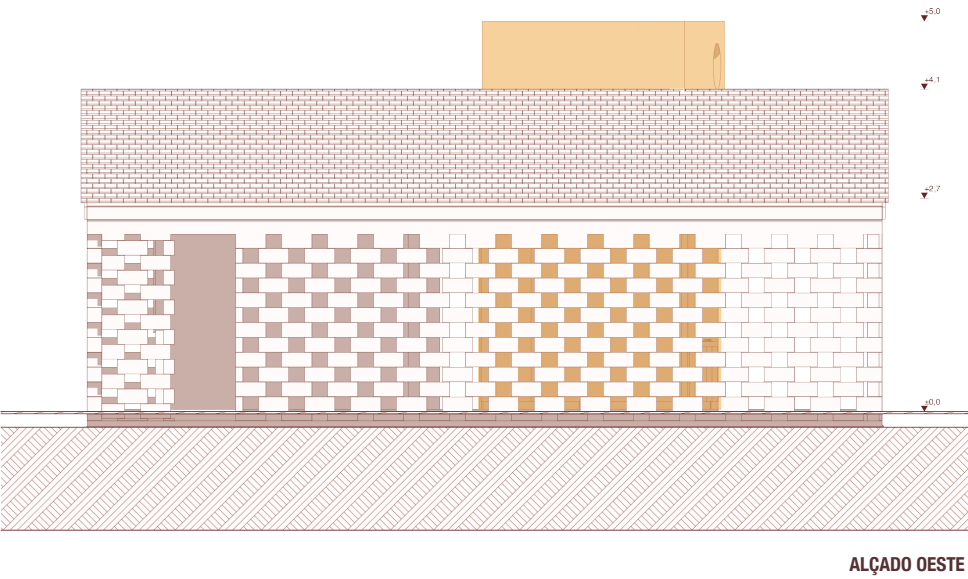
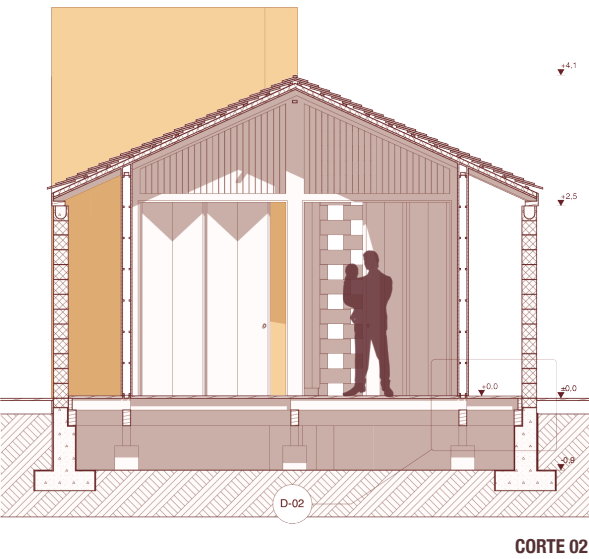
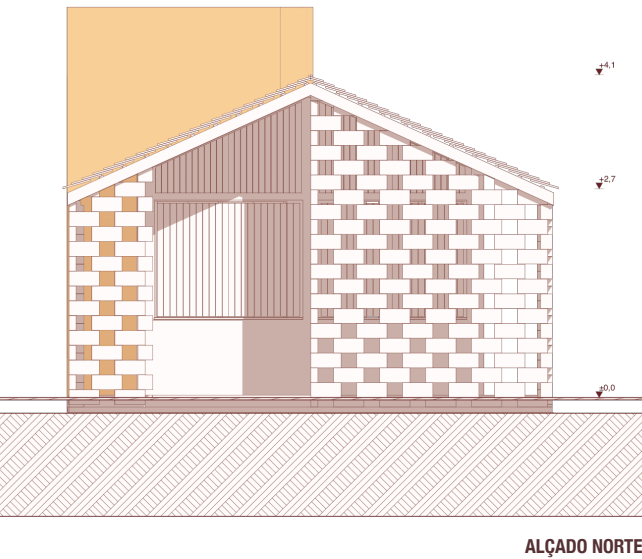
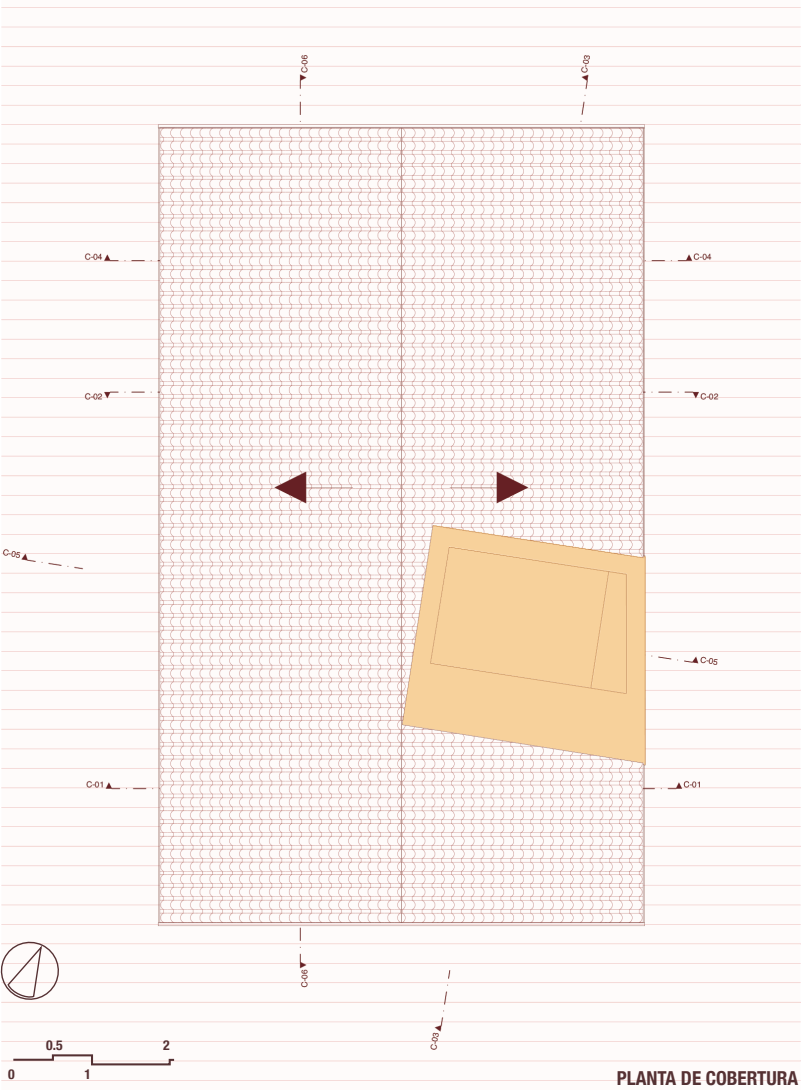
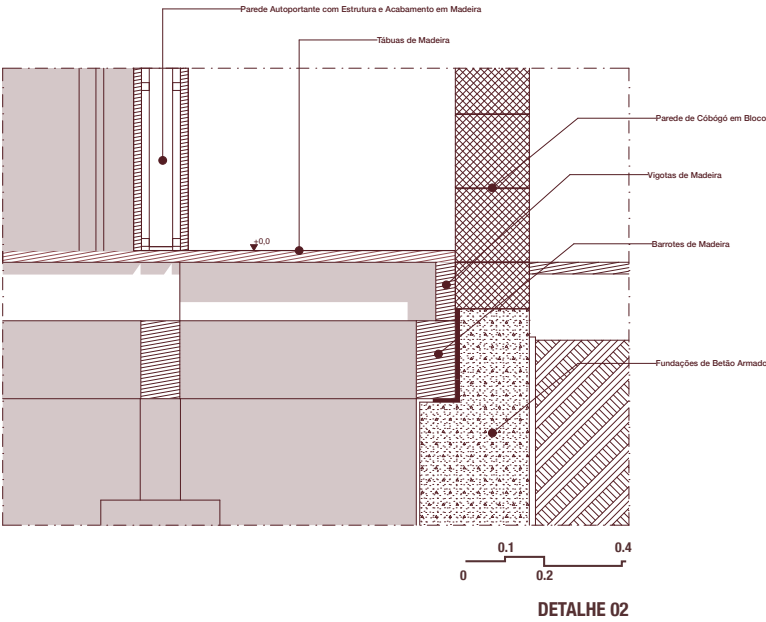
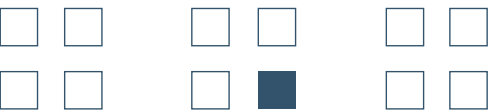
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura:
Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Orientação Científica:
Professora Doutora Joana Malheiro
Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2020



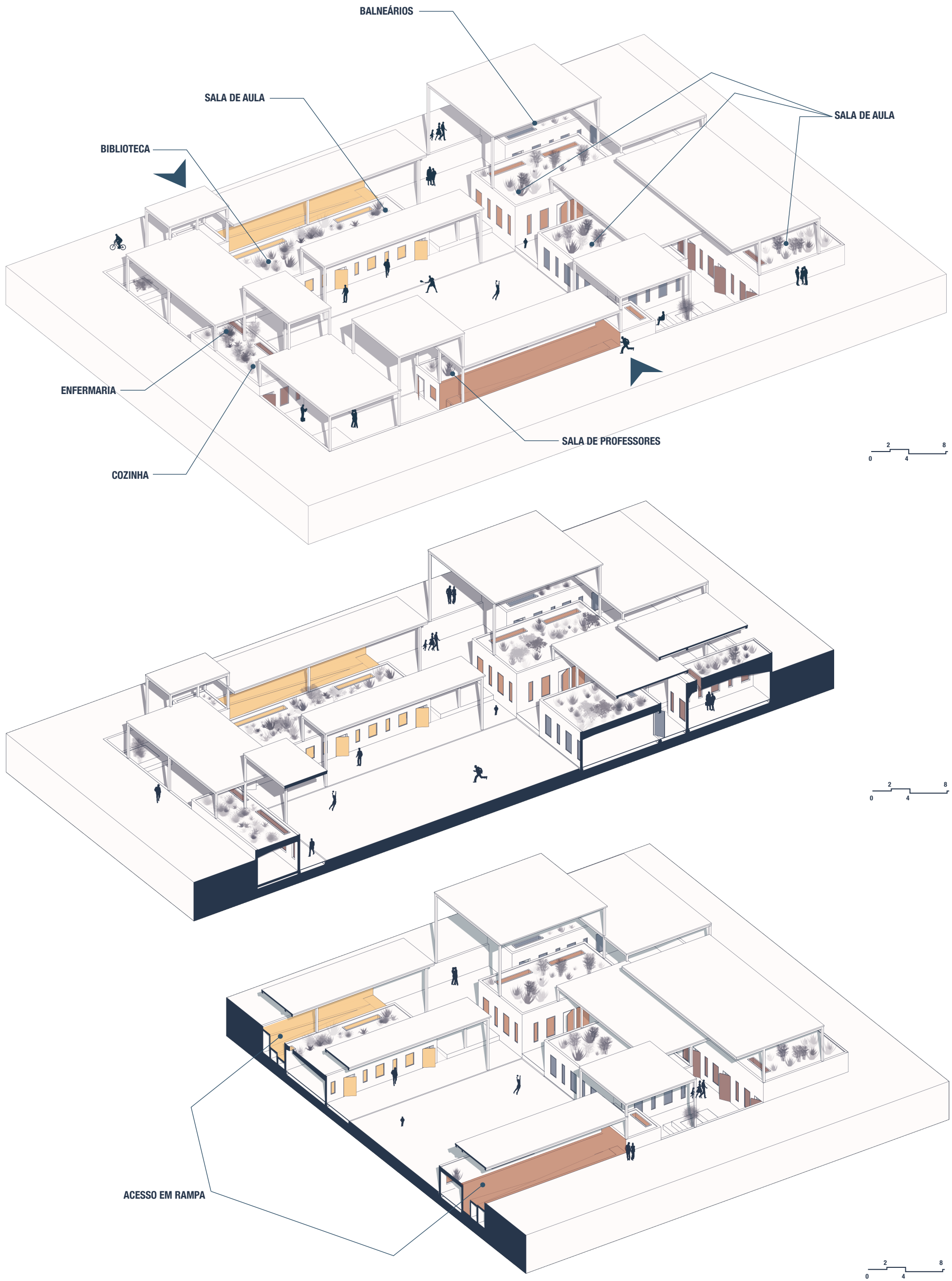
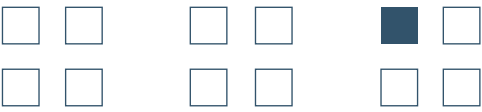
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura:
Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Orientação Científica:
Professora Doutora Joana Malheiro
Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2020



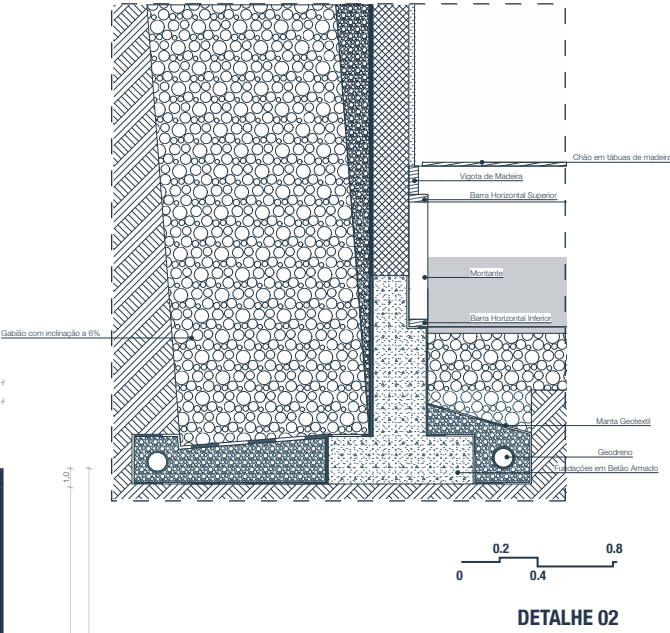
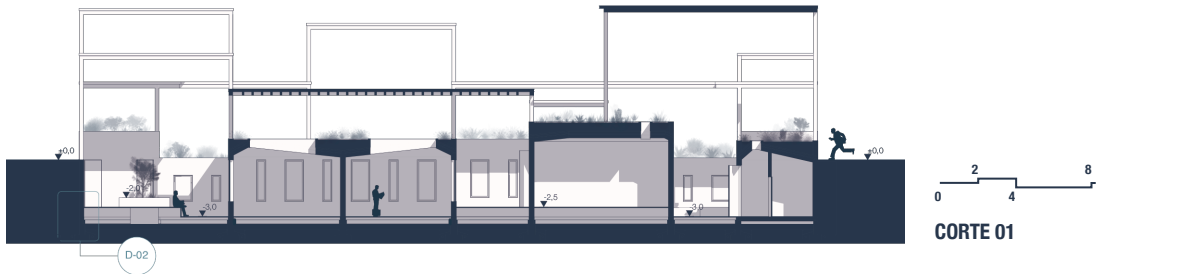
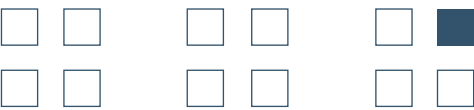
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura:
Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Orientação Científica:
Professora Doutora Joana Malheiro
Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2020



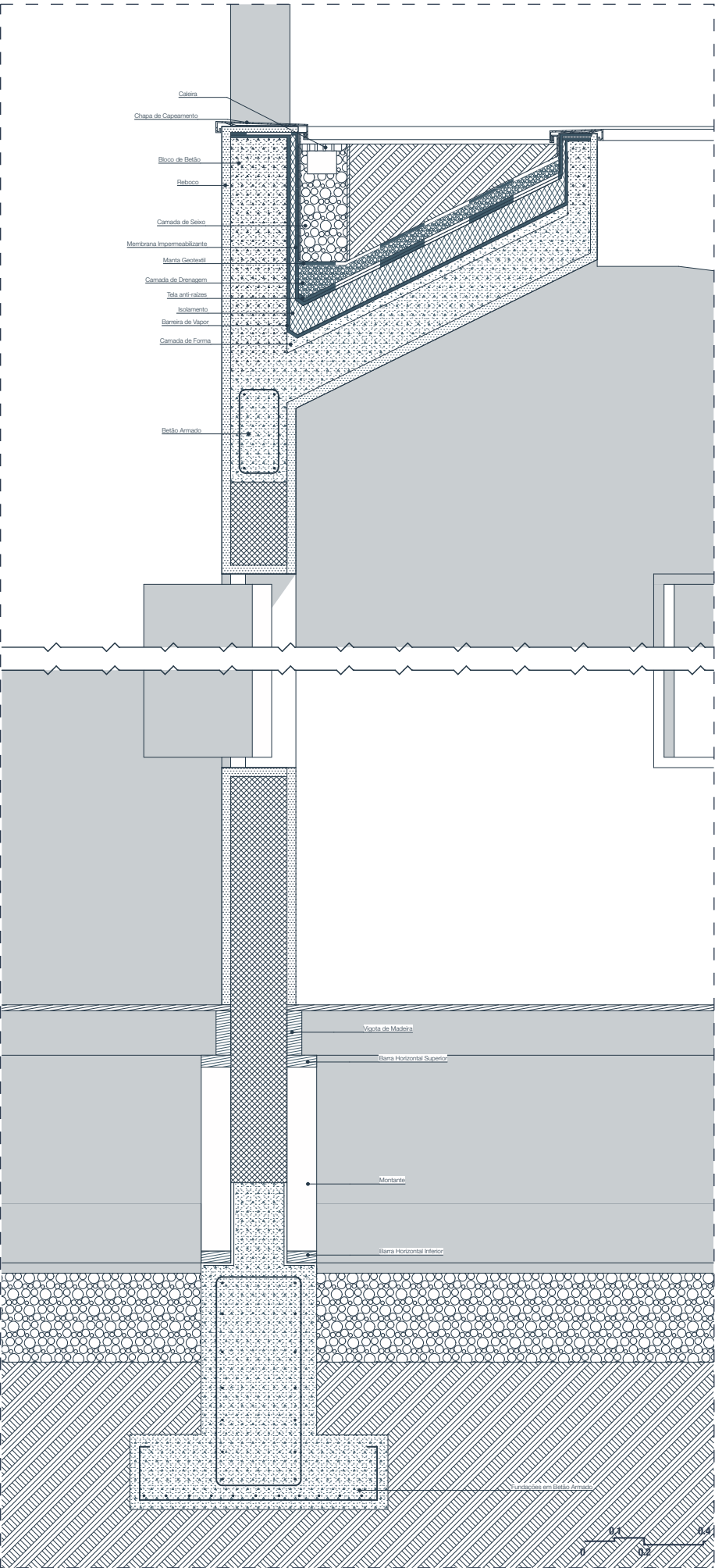
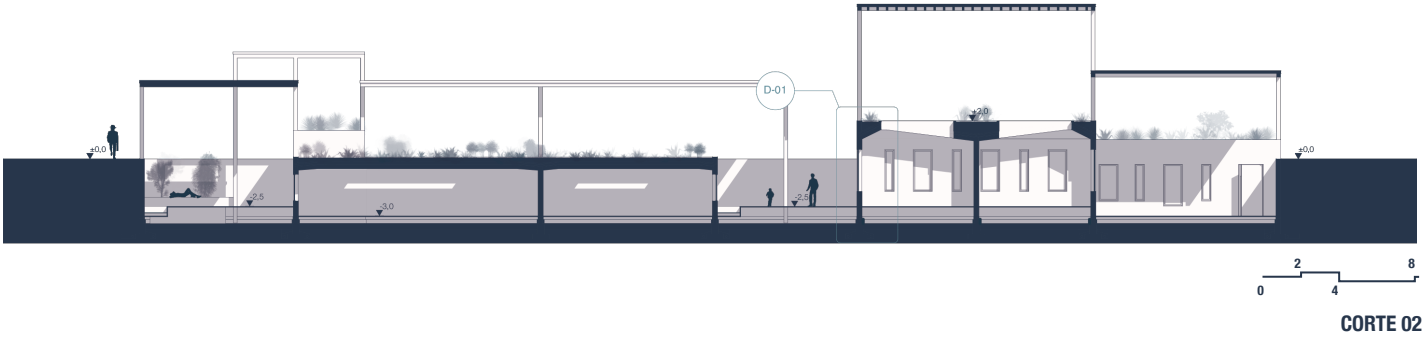
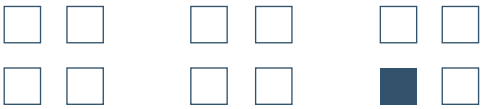
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura:
Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Orientação Científica:
Professora Doutora Joana Malheiro
Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

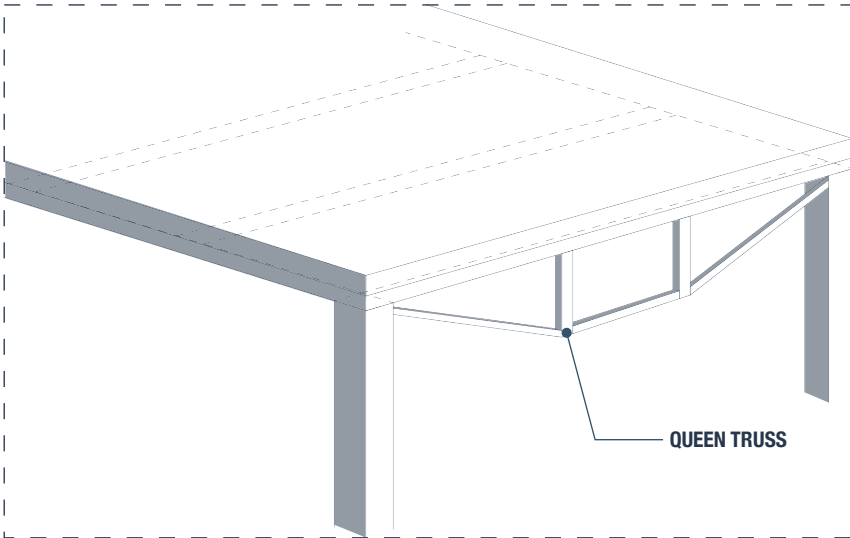
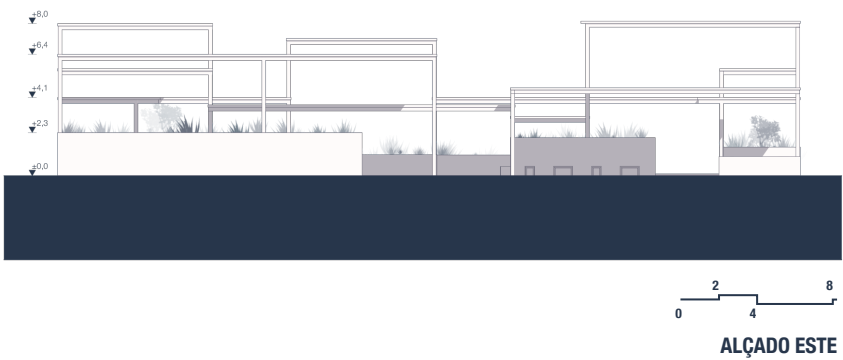
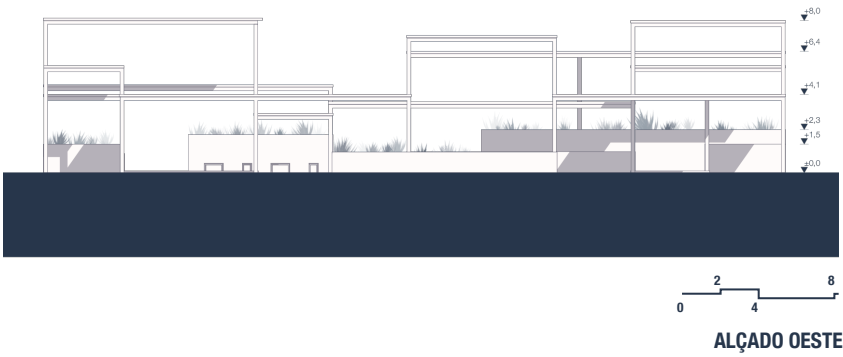
A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2020



DETALHE 01



DETALHE 03

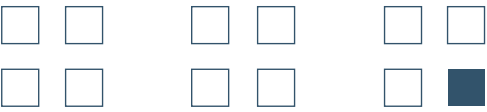
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura:
Beatriz Alexandra Barreiros Carvalho

Orientação Científica:
Professora Doutora Joana Malheiro
Professor Doutor Paulo Almeida Pereira

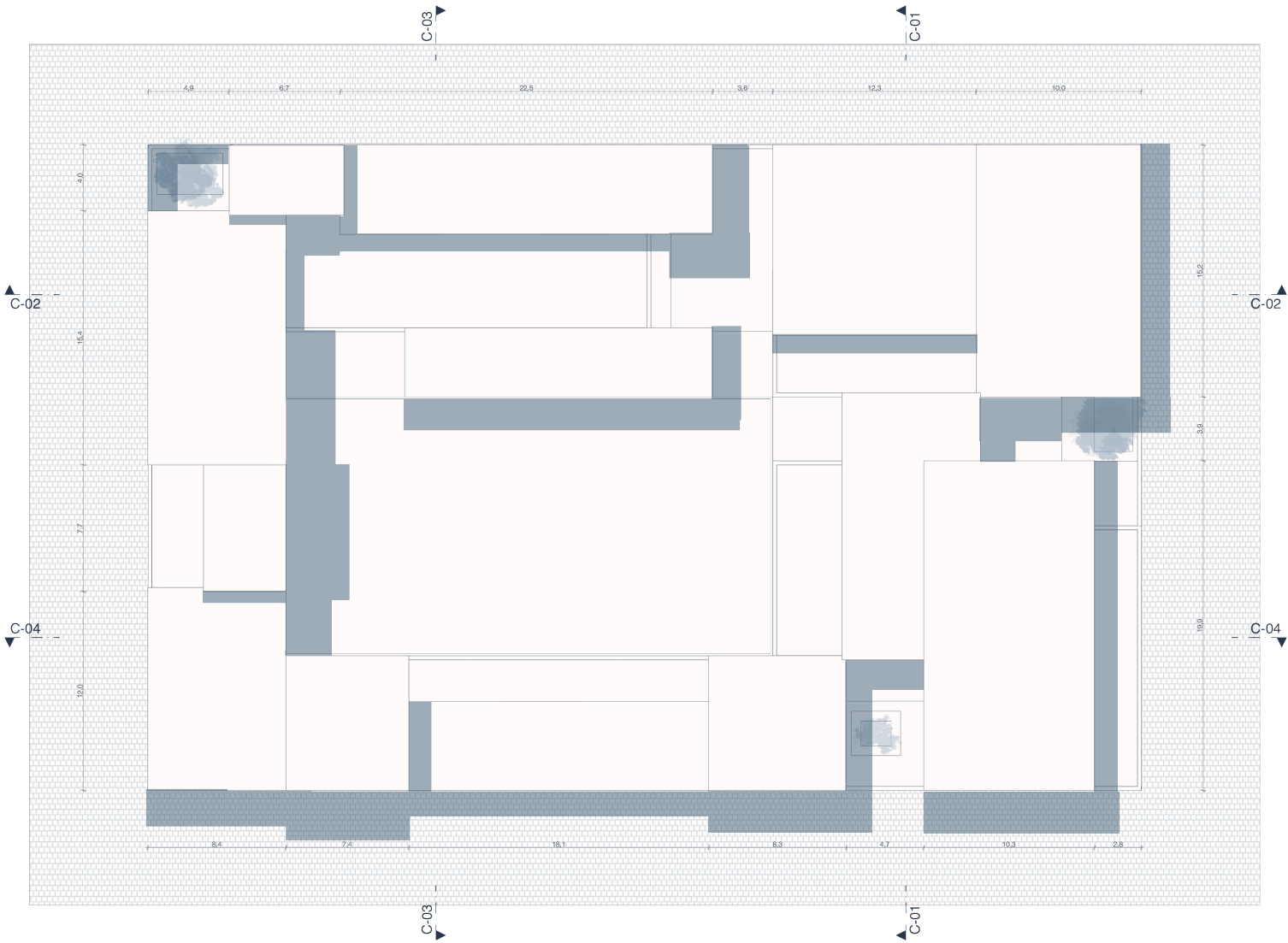
A ROÇA SUNDY

Estratégia de Intervenção sobre uma estrutura agrícola colonial

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2020



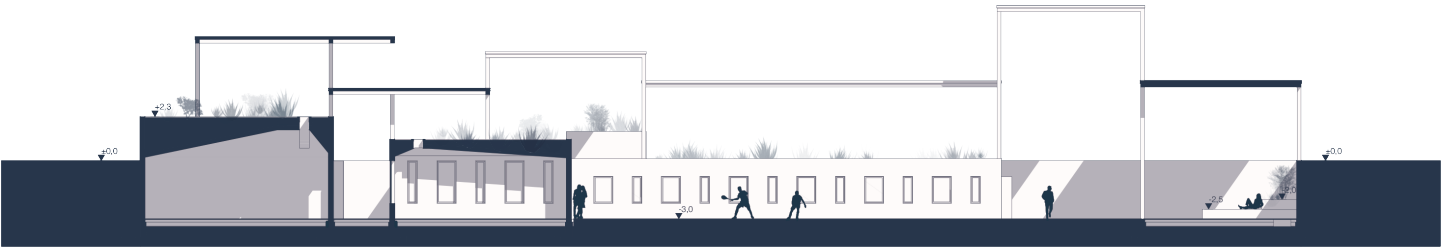
0 2 4 8
ALÇADO SUL



0 2 4 8
PLANTA DE COBERTURA



CORTE 04



CORTE PERSPETIVADO

